

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Luma Gonçalves Alonso

Memórias de uma aluna professora

São Paulo
2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Luma Gonçalves Alonso

Memórias de uma aluna professora

Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais, entregue ao Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) como requisito parcial à graduação.

Orientadora: Profa. Dra. Sumaya Mattar

São Paulo
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo Dados inseridos
pelo(a) autor(a)

Alonso, Luma Gonçalves
Memórias de uma aluna professora / Luma Gonçalves Alonso;
orientadora, Sumaya Mattar. - São Paulo, 2023.
163 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Departamento
de Artes Plásticas / Escola de Comunicações e Artes /
Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. escola. 2. memória. 3. bullying. 4. repressão. 5.
sexualidade. I. Mattar, Sumaya. II. Título.

700.7

CDD 21.ed. -

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Nome: Luma Gonçalves Alonso

Título: Memórias de uma aluna professora

Aprovada em: ___ / ___ / _____

Banca:

Nome: _____

Instituição: _____

Nome: _____

Instituição: _____

Nome: _____

Instituição: _____

Dedico este trabalho a todos que fizeram parte dessa história, porque, entre momentos bons e ruins, cada um me ensinou sua própria lição.

E agradeço em especial à minha grande amiga Isadora, que sempre revisa meus escritos e à minha querida orientadora Sumaya, pela paciência e incentivo constantes.

RESUMO

O presente trabalho é uma autobiografia ilustrada que relata, de forma crítica, algumas das experiências mais marcantes da trajetória formativa da autora em educação ao longo de toda a sua vida, isto é, ora sob o ponto de vista de uma estudante menor de idade passando pelo sistema do Ensino Básico brasileiro, ora sob o ponto de vista de uma professora em treinamento, concluindo seus estágios obrigatórios no curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade de São Paulo (USP). O objetivo do trabalho é, a partir de episódios pessoais, apresentar uma análise acessível a todos os públicos (inclusive aos alunos, para além de professores, funcionários, pais e administradores de escolas) das mais amplas deficiências do modelo escolar mundialmente aplicado, em especial as relacionadas à violência, e colocar, em alguns casos, propostas de mediação de conflitos.

Palavras-chave: escola, memória, *bullying*, repressão, sexualidade.

ABSTRACT

The present work is an illustrated autobiography that reports, in a critical way, some of the most remarkable experiences of the author's formative trajectory in education throughout her entire life, that is, sometimes from the point of view of an underage student going through by the Brazilian Basic Education system, sometimes from the point of view of a teacher in training, completing her mandatory internships in the Degree in Visual Arts at the University of São Paulo (USP). The objective of the work is to, based on personal episodes, present an analysis accessible to all audiences (including students, in addition to teachers, employees, parents and school administrators) of the broader deficiencies of the school model applied worldwide, in particular those related to violence, and, in some cases, put forward proposals for conflict mediation.

Keywords: school, memory, bullying, repression, sexuality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - O desenho que Marcellly fez de mim	48
Figura 2 - Wendel tocando em meu cabelo	52
Figura 3 - O desenho de Laila	62
Figura 4 - A garota do trem	78
Figura 5 - Leôncio	90
Figura 6 - Giselle e a fita	98
Figura 7 - “É isso que eu gosto em você”	111
Figura 8 - O bilhete	119
Figura 9 - Cecília mostrando a língua	121
Figura 10 - Emaci puxando o espetáculo	125
Figura 11 - <i>Bullying</i> no Élodie	129
Figura 12 - Mal me quer	141
Figura 13 - O beijo de Tavares	143
Figura 14 - A moça de vermelho	153
Figura 15 - Nós, 2013	161

SUMÁRIO

1 UNIVERSIDADE: QUEM É VOCÊ E QUEM SOU EU	9
2 ANSELMO LINS: A(S) PRIMEIRA(S) VEZ(ES) QUE EU PISEI NA ESCOLA COMO PROFESSORA	17
3 DOMUS OBLIVIO: A(S) PRIMEIRA(S) VEZ(ES) QUE EU PISEI NA ESCOLA COMO ALUNA	95
4 ÉLODIE DE VILLARREAL: O COLÉGIO DE FREIRAS	114
5 DESTINO: SEXUALIDADE E REPRESSÃO	130
6 SEM RUMO: O HORIZONTE DE UMA VIDA QUE EU NÃO CONHEÇO, REFLEXÕES E DESPEDIDA	162

1 UNIVERSIDADE: QUEM É VOCÊ E QUEM SOU EU

Olá. Como você está? Se já não o tiver feito, sente-se, ou, se quiser, pode até se deitar. Eu não me importo. Fique bem confortável, pois pretendo te segurar aqui por algum tempo. Sei que pode parecer muito estranho começar um livro assim, mas não pense nesta escrita meramente como um livro. Gostaria de que você pensasse nele mais como uma conversa. Por que não até como uma entrevista? Veja que fascinante. Sei que você não me perguntou nada ainda, mas o simples fato de você ter aberto nesta primeira página significa que você tem algum motivo para querer estar aqui. Tenho a absoluta certeza de que você, assim como eu, é alguém ligado, de um jeito ou de outro, à Educação. É isto que te atrai, mesmo que você possa até pensar que está lendo a contragosto, na remota possibilidade de algum professor ter recomendado estes escritos a seus pupilos, como me sugeriram que poderia acontecer um dia, e você ser um deles. Se você se considera uma pessoa que odeia a Escola — e escrevo com “E” maiúsculo porque me refiro à instituição escolar como um todo, não apenas àquela em que você estuda agora —, eu estou falando diretamente com você. Também já adianto que vou ser a última pessoa a te dizer para deixar disso e acreditar que esta é a melhor fase da sua vida.

Agora sim você tem uma pergunta para mim. O que eu estou fazendo aqui, então, se não necessariamente tentando convencer crianças a estudarem? Para começar a responder essa questão, me obrigo a definir um pouco quem eu sou, afinal, também preciso considerar que porventura você não seja um aluno e, na verdade, esteja aqui pelas fofocas da minha vida ou, melhor ainda, que não saiba de nada do que este livro trata, o que é ainda mais interessante. Como talvez seja o seu caso, meu Leitor misterioso, enquanto estudava, eu também fui uma odiadora irreduzível da Escola e até hoje sou uma grande crítica dela. Na época, não havia quem me convencesse ter mais ódio por tudo aquilo do que eu. Outra pergunta, você diz? Você entendeu que eu já terminei minha fase escolar. Sendo assim, por que eu escolheria falar sobre um assunto que eu supostamente detesto anos depois de ele estar liquidado para mim e de eu não **precisar** mais falar dele? Por que chegar ao ponto de escrever um livro inteiro sobre isso? Ora, porque eu dei um rumo

inesperado à minha vida: aos vinte e um anos de idade, já tendo definido o que eu queria ser quando amadurecesse e sem nenhum impedimento para concluir a faculdade, resolvi fazer Licenciatura.

Sim, estou dizendo que alterei a minha opção de currículo aos 45 do segundo tempo para uma área que sempre abominei. Na realidade, “alterar” é uma palavra muito forte. O que acontece é que eu estudo em uma Universidade que, recentemente, atendendo aos pedidos discentes, adicionou, para o curso que frequento, a dupla-titulação: a chance de formação concomitante em Licenciatura e Bacharelado a partir de uma mesma aprovação no vestibular. Até então, era uma das poucas universidades públicas da região que não oferecia essa alternativa para a minha carreira. O resultado foi que o pessoal do meu Departamento migrou em peso para a dupla, inclusive eu. Minha turma foi a primeira a quem foi autorizada a mudança, embora já estivéssemos no nosso terceiro ano de faculdade quando aconteceu a reforma curricular. Só mais um ano e eu já poderia terminar o Bacharelado, então, por que escolhi mudar?

Essa é uma interrogação por demasiado complexa para a qual não posso providenciar uma resposta definitiva agora, dado o baixo nível de informação pessoal que compartilhei com você até este ponto. O que eu posso e devo fazer, no entanto, é tentar fornecer algum contexto e introduzir preliminarmente as condições sob as quais tomei a decisão, para que, assim, você possa começar a assimilar a razão de ser deste livro, já que ele não existiria se não fosse por essa importante passagem da minha vida. Primeiramente, devo revelar o que eu fazia antes: sou artista. Desde sempre. Parece uma romantização frívola colocar dessa maneira, mas quando me perguntam com que idade comecei, tudo o que consigo dizer é que desenho desde que aprendi a segurar uma caneta (demorei para usar lápis, porque não costumávamos ter em casa). Não tenho memórias de não desenhar, é algo muito natural para mim. A propósito, as ilustrações que você vai encontrar adiante, acompanhando alguns excertos, são minhas também.

Somente considerei me tornar artista em tempo integral, entretanto, quando já estava na reta final da Educação Básica, mais precisamente nos últimos meses do 3º ano do Ensino Médio. Depois disso, ingressei na faculdade de Artes Visuais, de

onde pode se dizer que estou tentando sair atualmente. Antes do novo currículo, no Bacharelado nós tínhamos quatro possíveis Habilitações: Escultura, Gravura, Multimídia e Intermídia e Pintura, dentre as quais todos os alunos regularmente matriculados deveriam escolher uma e apenas uma. Passei a graduação inteira inscrita em Pintura, o que significa que, ao longo dos últimos anos, tive um maior número de disciplinas focadas nessa linguagem. Me encantei pela tinta até mais do que pelo meu fiel desenho, que sempre havia me reconfortado diante das frustrações da limitada vida infantil. Mesmo quando não eram obrigatórias, passei a priorizar as disciplinas de pintura, o que me rendeu uma grade bastante adiantada por um bom tempo. Se eu tivesse optado por permanecer com o formato antigo de currículo, além de não me licenciar, no meu diploma seria declarado que sou habilitada em pintura, como que em um reconhecimento pelo meu foco de estudo.

Lembro-me do dia exato em que fui assinar o termo prescrito para a alteração. Dominada pela dúvida, deixei para fazê-lo quase na data limite e, por muito pouco, não desisti de comparecer. Estava com o Mauro (nome fictício, assim como todos os outros que eu eventualmente citar), um grande amigo da mesma turma, tão relutante em preencher os papéis quanto eu. A hesitação de Mauro provinha abertamente da mesma fonte que a minha: ele também era da Pintura. No Departamento, nós, pintores, costumamos ser orgulhosos. Orgulhosos não necessariamente pelo desejo de afirmar nossa linguagem como superior às demais, mas porque sofremos. A tríade dos professores encarregados pela nossa área é rigorosa e ríspida no tratamento logo desde os primeiros semestres de curso, o que torna difícil manter a motivação para produzir. Sendo declarar-se “da Pintura” uma questão identitária relevante, cheguei ao extremo de propor que eu e Mauro nos formássemos no Bacharelado clássico e depois prestássemos novamente o vestibular para obtermos resultado semelhante à dupla-titulação sem abrir mão daquele distintivo. Contudo, após refletir um pouco, percebi que não estava tão disposta assim a me martirizar por um princípio tão discutível, já que os vestibulares são assustadoramente difíceis por aqui. Acabamos renunciando mesmo ao título de habilitados em favor do de licenciados. Sabíamos, embora não infalivelmente estivéssemos convictos disto, que esse gesto não precisava significar o abandono da pintura em si. Ainda seríamos bacharéis, no fim de tudo.

Ainda assim, eu poderia ter escolhido somente o Bacharelado novo, se cheguei à conclusão de que um título é apenas um título. Continuaria evitando a Escola, me formaria mais rápido e ostentaria um currículo atualizado, a despeito de eu não saber até que ponto isso conte, na prática, para impulsionar uma carreira supostamente tão despreendida de requisitos acadêmicos quanto a de um artista plástico. Mudar foi mesmo uma jogada curiosa da minha parte. Percebi que estava diante de um sério problema quando, quem sabe estranhando por terem ganhado do dia para a noite dezenas de novos alunos, as professoras responsáveis pela Licenciatura pediram para que os recém-chegados justificassem as transições para a dupla. Para piorar as coisas, as réplicas dos meus colegas eram lindas de se ouvir. Todas falavam sobre como queriam manter viva a chama de seus professores marcantes e serem, eles mesmos, a famosa “mudança no mundo”. Muitos até tinham professores na família. O que eu tinha? Pais insistindo para eu trocar de ramo. Nem mesmo eu queria trabalhar como professora a longo prazo.

Naquele tempo — já se passaram dois anos desde então — disse alguma coisa nas linhas de querer aproveitar a oportunidade que me foi oferecida. Sou ambiciosa. Ainda que jamais tenha desistido do sonho de viver do meu trabalho e que seja incapaz de abandonar a Arte para me dedicar à Escola, devo dizer que a ideia de ter dois diplomas me soou, de fato, bastante atraente. Embora eu esteja ficando cada vez mais desbocada (além de um nível que considero benéfico para mim), não me senti livre para declarar isso em público, por conta da prepotência estimada em tal afirmação. Colocar pensamentos com sinceridade e polidez ao mesmo tempo foi, sem dúvida, um desafio, conforme passaria a ser a uma pessoa tão crítica quanto eu, ainda mais nesse meio que me era, por definição, adverso. Por mais que tenha conseguido improvisar um discurso razoável, não acho e nem achei na época que a justificativa que produzi deu conta de esclarecer qualquer coisa. Meus motivos reais continuaram, por todo esse tempo, nebulosos até mesmo para mim.

Efetivamente cursando a Licenciatura, a partir do ponto em que desenvolvi gosto pela coisa, comecei a acreditar que eu também quisesse ser a mudança no mundo e que essa tivesse sido minha motriz subconsciente para me aprofundar nos estudos sobre Educação. Fazia todo o sentido, afinal, que alguém com experiências

escolares tão negativas adotasse um projeto para reformar a Escola, não? Além de tudo, encontrar a redenção dessa forma daria uma bela trajetória. Não demorou para eu perceber, no entanto, que pode ser muito perigoso se deixar iludir pela sua própria fantasia de Escola ideal, ainda mais se você está iniciando ainda sua formação como professor. É justamente disso que trata a primeira história que eu quero compartilhar com você.

Novamente, se você por acaso abriu este livro sem fazer ideia do que ele trata e se, em virtude disso surge uma dúvida na sua cabeça quando eu menciono a primeira história que vou contar, isso é muito empolgante. Não te exime do fato de a Escola e a Educação serem, também, objetos de seu interesse, não importa quantos anos você tenha, que profissão siga, ou se tenha filhos ou não. Exclusivamente porque você detém a habilidade de ler, sei que passa ou passou, senão pela Escola formal, por alguma forma de Educação, razão que, para mim, é mais do que suficiente para que você se importe com isso tudo. Mas, se é assim, agora, sou eu quem tem uma pergunta: caso você tenha terminado a Escola, quanto dos anos que esteve nela você se lembra? Caso não tenha terminado ainda, mas seja matriculado, quanto do seu cotidiano dentro dela você deixa passar batido? São incontáveis memórias: se você está na faixa dos seus vinte e poucos, como eu, teoricamente a maior parte da sua vida foi destinada ao estudo. Dessa forma, como é possível que, chegando onde estou hoje, eu perceba que me lembro de pouquíssimos eventos relacionados à minha infância e às escolas onde estudei?

Será que o meu propósito oculto em fazer a Licenciatura, era, então, só recuperar essas lembranças? Não exatamente. O lance é que fazer recordar os tempos de aluno da Educação Básica tem sido um método comum para disparar auto reflexões em futuros professores. Me foi proposto isso por várias ocasiões, tanto no Departamento de Artes quanto na Faculdade de Educação (por onde os licenciandos de todas as áreas do conhecimento passam, bem como aqueles que fazem Pedagogia). Para a minha surpresa, encontrei nesse exercício uma atividade tão instigante quanto árdua. As memórias frequentemente traumáticas que eu sempre julguei ter tão claras em mente — afinal, precisava delas para justificar minha aversão à Escola — não eram tão acessíveis quanto eu pensava. Pelo breve hiato em que deixaram de ser uma questão prioritária na minha vida, creio que

tenham ficado adormecidas ou até mesmo bloqueadas, como me apontaram certa vez.

Desarmar a proteção que criei inadvertidamente a elas e reconstruí-las aos poucos é um trabalho pelo qual realmente tenho muito apreço. Para a minha sorte, os meus pais guardaram muitas fotografias escolares, que sempre vêm, desde o estúdio, associadas ao ano em que foram tiradas. Elas efetivamente atuam como um guia para como era minha aparência na época, quem eram meus colegas e, em alguns casos, inclusive minhas professoras. Várias acompanham até mesmo a lista dos nomes completos dos alunos da classe fotografada, o que é de extrema conveniência, porque, como eu reparava bastante nas demais crianças, em geral, se me lembro de quem estava comigo no decurso de determinada memória, consigo deduzir, através da foto da turma, em que ano se passou o fato e, portanto, em que etapa escolar eu estava. Consequentemente, também posso relacionar essa lembrança isolada a outras que eu já sabia terem acontecido no mesmo período. Nesse lento processo, que implica invariavelmente em profunda reflexão, vou melhor entendendo acontecimentos que eu não tinha condições de compreender integralmente na época em que decorreram.

Devo mencionar que, apesar de recuperar essas minhas memórias e contá-las a alguém seja uma vontade que já carrego há alguns anos, só me pus efetivamente a trabalhar nisso de maneira ordenada agora. Há uma explicação para isso. Conforme relatei, estou prestes a me formar na universidade, e, chegando aqui, parece que tenho mais dúvidas do que certezas, não apenas quanto ao meu próprio nível de conhecimento, mas acerca também dos propósitos de ter estudado tudo isso. Essa sensação não está restrita a, mas engloba, naturalmente, o que aprendi em Licenciatura: não consigo deixar de pensar que minha jornada na área até aqui foi revolta, por vezes desconjuntada e que durou muito pouco (não é que não me sinta pronta para dar aula, mas, como você vai ver, minha geração pode ter ficado com ocasionais insuficiências formativas). Em outras palavras, no fim de tudo, me dei conta de que eu não tinha uma conclusão articulada para oferecer sobre o meu percurso, mas eu precisava — e ainda preciso — chegar a uma. Essa não é somente uma exigência curricular, mas um objetivo pessoal, uma demanda interna a que eu preciso atender. Sem saber para onde ir, restou-me recapitular o que eu tinha

vivido. Voltei ao princípio, como me ensinaram a fazer, e compreendi que eu não poderia reduzir a minha formação como professora ao tempo que passei na Licenciatura, nem mesmo para efeitos acadêmicos. Essa é uma caminhada que começou lá atrás, no mínimo dezenove anos atrás, quando eu vesti o primeiro uniforme escolar.

Este livro que você vai ler nada mais é que um imenso relato de experiências. Especificamente, as minhas próprias experiências com a Educação, desde que comecei a estudar até os dias de hoje, considerando não só as que ocorreram dentro da escola regular, mas eventualmente aulas de reforço, cursos livres e outras modalidades de ensino. Por consequência, esta acaba sendo, também, a história da minha vida quase inteira, já que jamais deixei de ser estudante. Estou escrevendo no momento certo, pois agora, além de aluna, tive a chance de atuar como professora, mas somente por um bocado de tempo ideal para que essas novas vivências não apaguem as impressões das antigas. Se tivesse esperado e acumulado mais prática docente, acredito que me distanciaria sobremaneira das minhas lembranças de criança e de adolescente. Agora, não é assim. Estou no ponto ótimo da transição: posso comparar as duas perspectivas, nem com maturidade demais, nem de menos.

Não espere, Leitor, que vá ser uma narrativa linear, até porque a ideia é contrapor diferentes visões sobre semelhantes circunstâncias, separadas, às vezes, por mais de uma década. Fora isso, é óbvio que eu já sei tudo o que aconteceu comigo até agora, então não há porque fingir que não e forçar um mistério escusável. Evidentemente, ainda quero que a leitura seja prazerosa para você, portanto procuro balancear meu ritmo de escrita da forma que melhor convier, priorizando, ora a tensão, ora a leveza. Como eu disse, quero que sinta que estamos tendo uma conversa, que eu estou te contando verbalmente a minha história. Com isso, eu também quero que me ajudem as ilustrações de que falei antes. Afinal, podemos até nos tornar amigos ao final desta partilha intimista, mas, por enquanto, você sequer sabe como eu me pareço. Para não dizer que simplesmente estão aí para reafirmar o que eu já disse com vocábulos, meus desenhos cumprem aqui a função de facilitar o nosso — tanto o seu quanto o meu — transporte para lugares intangíveis pelo tempo. Sinto que este livro não seria exequível se não fosse por

eles, já que, tanto quanto, sem as respectivas descrições, são ineficazes em exprimir precisamente o que aconteceu, a palavra escrita, por si, também não dá conta de causar o impacto de testemunhar certas cenas.

Eu acho que agora você já tem quase todas as informações fundamentais para que possamos avançar para o primeiro caso. Talvez você sinta o impulso de me interromper agora, na impressão de que ainda sabe muito pouco sobre mim e quiçá até sobre o livro. Não se preocupe. Deveras, você não me conhece profundamente e mal sabe em que ordens demográficas eu me encaixo. Compreendo que são dados pertinentes, mas não é minha intenção revelar, neste instante, fatos soltos sobre mim sem antes explicar porque são assim. Quando não for possível dizer por que, ao menos quero tentar mostrar como as coisas vieram a ser da maneira que são. Está aí algo que você já pode dizer que **sabe** sobre mim: que eu tenho esta maneira particular de contar histórias, por vezes enrolada, que prioriza o percurso ao resultado. No mais, espero que por enquanto você se contente em saber que eu sou uma pessoa. Para concordar com esta designação, vou seguir me referindo a mim mesma por pronomes femininos e, para que, por oposição semântica, eu possa me diferenciar mais imediatamente de você, Leitor, te atribuí os masculinos. Seja bem-vindo às minhas memórias.

2 ANSELMO LINS: A(S) PRIMEIRA(S) VEZ(ES) QUE EU PISEI NA ESCOLA COMO PROFESSORA

Bom, Leitor, eu já avisei de antemão que não seguiria a sequência cronológica dos fatos, mas vou iniciar a narrativa logo por alguns dos acontecimentos mais recentes, contidos na última experiência formal de estágio que eu tive, terminada no começo deste ano em que escrevo: a Residência Pedagógica. Direi apenas que é um programa federal promovido para formar professores a partir da imersão em escolas. Em uma situação ideal, o Residente (ou estagiário, como preferir) deve permanecer ligado à mesma unidade escolar durante todo o Programa, que é relativamente longo, se estendendo por três semestres letivos. Como aqui eu vou relatar com profundidade somente a reta final da edição da qual participei, não me interessa detalhar as condições que a definiram em termos burocráticos. Na época em que começamos esse estágio, talvez porque tivéssemos mais fôlego, essas minuciosidades pareciam mais relevantes. Mas, àquela altura, já não eram mais.

Infinitamente mais importante era o contexto sociopolítico brasileiro no momento em que estávamos terminando esse projeto e não falo isso da boca pra fora. A edição que eu peguei desse longo estágio, que durou praticamente três semestres, coincidiu de se iniciar em 2020, mesmo ano em que o mundo passou pela pandemia de COVID-19 e pelo isolamento social em escala global que foi imposto pelas lideranças políticas como medida para conter mortes e o provável colapso dos sistemas de saúde. Aqui no Brasil nunca implementou-se um *lockdown* rígido, decisão que custou bem mais que meio milhão de vidas. Embora ainda fosse tecnicamente permitido circular pelas ruas, vários setores fecharam as portas temporariamente, inclusive as instituições de ensino. Antes de se decidir pela suspensão das aulas presenciais de crianças e adultos, ainda fomos algumas vezes para a Universidade.

Esse foi o meu primeiro ano como licencianda, a propósito. Lembro-me claramente de estar na sala e de ouvir a minha nova professora da área, Shanaya, falando sobre o Projeto e como seria propício a turma inteira se inscrever, já que

supriria nosso requisito curricular de estágio obrigatório e que ela mesma também pleiteava uma vaga nele como Docente Orientadora. Foi em meados de março que nos dispensaram. Na época, eu não percebi a gravidade da situação e acho que a maioria das pessoas também não. Por um tempo, apenas aguardamos em nossas casas o controle do vírus, deixando por completo de realizar atividades acadêmicas, na incerteza do que deveria ser feito. Muitos pensamos que não extrapolaria um mês ou dois, mas três meses logo viraram quatro, que viraram seis, que viraram um ano, depois dois e até hoje vivemos com o fantasma dessa doença e de outras pandemias que estão por vir.

Confesso que, pela demora, cheguei a crer que o Projeto fosse ser cancelado, mas ele apenas foi preterido, objetivando um futuro indeterminado, no qual as aulas do Ensino Básico voltassem à normalidade. Isso não era viável diante das políticas adotadas pelo Governo Federal, que ativamente incentivou os brasileiros a se infectarem e recusou a compra de vacinas, atrasando gravemente o combate à pandemia. O que as instituições, tanto da educação Básica como da Superior, passaram a fazer, a partir de certo ponto, foi providenciar aulas *online* em tempo real e utilizar plataformas digitais de ensino à distância, prática que ficou conhecida na praça como EAD. Por diversas vezes, já estagiários, vimos e até acompanhamos professores em manifestações adversas à retomada das aulas presenciais antes da imunização, ao menos, da categoria. Isso não quer dizer que fôssemos contra qualquer oferecimento de aulas. Na verdade, éramos extremamente a favor. Pode-se dizer mesmo que, através da antecipação do nosso trabalho, pressionamos o início do Projeto em setembro. Se não tivéssemos feito isso, posso apenas imaginar para quando teria sido postergado.

O mais importante que você tenha em mente agora, ao menos para acompanhar estes próximos relatos, é o resultado desse cenário no pequeno universo da minha vida, isto é, o efeito emblemático que torna essa situação muito fora da curva: o de eu, após dezoito meses de estagiária em uma escola, estar pisando nela pela primeiríssima vez, para ficar trabalhando lá presencialmente por apenas mais um bimestre. Se a minha geração de professores tem ou não um rombo formativo irreparável, não vou entrar nesse mérito. Não julgarei ser menos digno o belíssimo trabalho que vi de meus colegas apenas porque foram vítimas de

uma circunstância nefasta. Mas, que é uma situação esdrúxula de se contar, é sim. Não sei por quantos anos mais as pessoas vão ler este livro, mas espero que chegue novamente o tempo em que conhecer uma pessoa signifique encontrá-la pessoalmente pela primeira vez.

Sobre ir até a escola, confesso que estava mais cansada do que empolgada. O isolamento contínuo me roubou de poder sentir que eu estava vivendo algo novo, porque eu não exatamente estava. Já entrava no meu terceiro ano de licenciatura. Eu já tinha dado aula e já tinha visto, ainda que pelo anteparo da tela, vários rostos de colegas estagiários, professores e alunos. Ainda assim, não chegava a ser uma situação confortável, porque eu nunca tinha feito **daquela forma** antes. Fora isso, o clima deste ano todo para mim foi em espírito de querer cumprir minhas obrigações o mais rápido possível para que eu me forme logo, visto que já é meu sexto ano de faculdade. Estou morta e já estava no começo do ano.

O que mudou foi que voltando a sair e a ir para lugares presencialmente, voltamos a ter que nos preocupar com questões da ordem de aparência, horários, linguagem corporal... Parece que desaprendemos por um tempo a como fazer essas coisas. Não sei se tenho a aparência de uma jovem responsável. Entendo como poderia ludibriar talvez algumas pessoas a acharem que minha vida está feita, mas a verdade é que dependo financeiramente dos meus pais e, se for me comparar com meus colegas, sinto vergonha por isso. No dia-a-dia, visto-me efetivamente como adolescente: sempre de tênis, camisetas de banda e braceletes de tachinhas. Esse estilo faz parte da minha identidade e eu não gostaria de abandoná-lo, entretanto, desde que comecei a trabalhar, tenho sentido insegurança quanto à minha apresentação, como se eu precisasse disfarçar minha imaturidade. Não é que eu não disponha de uma ou outra peça mais alinhada, mas ganhei considerável peso durante o isolamento e a maioria não me serve mais. Desde que ficamos sabendo em definitivo que teríamos de frequentar presencialmente a escola, então, passei sempre a já deixar separada na noite anterior a muda de roupa que usaria em aula no dia seguinte. Era incrivelmente estressante quando todas as camisas sociais estavam lavando.

Não fazia isso porque me preocupava com o que os estudantes iriam pensar de mim. Eu me preocupo, mas o fato é que para eles, meu estilo normal não seria abominável. Muito pelo contrário: quanto mais infantil eu parecesse, sinto que melhor isso seria para o nosso relacionamento. Não à toa eles quase foram ao delírio algumas semanas depois, quando não me restou alternativa senão aparecer para a aula com camiseta de *anime*. Igualmente não à toa eu tinha a mesma reação ao ver meu professor de Biologia do Colégio levando a cada aula um grupo musical diferente no peito. Claro que, no meu caso, como escuto *metal* e ocasionalmente estou em contato com alunos um bocado mais novos, uma precaução necessária é a de não cruzar a linha do bom senso, porque esse conteúdo pode ser extremamente inapropriado. De qualquer forma, mesmo em se tratando de pré-adolescentes e crianças, não raramente lidam bem com assuntos sensíveis e até manifestam curiosidade sobre eles. A grande questão são os pais e sua censura obsessiva, a qual muito estou acostumada a contornar desde a caça às bruxas que foi meu tempo púbere. No fundo é dessa restrição parental também que procuro me proteger ao tentar me vestir de maneira mais respeitável, pois compreendo que se entrar em choque direto com os pais e seus valores, terei cada vez menos liberdade para interagir com as crianças.

Tive essa preocupação até na escola em que fiz Residência, muito embora fosse nítido que a fiscalização parental era muito menos rígida do que aquela com a qual eu estava acostumada nas escolas por onde andei quando criança. Na verdade, já que toco no assunto, tudo nessa escola era muito diferente. Chamava-se EMEF Desembargador Anselmo Lins. Seu Projeto Político-Pedagógico previa a quebra dos paradigmas de sala de aula, juntando alunos de diferentes idades em mesas redondas distribuídas em grandes salões, por onde circularia uma equipe multidisciplinar de professores plantonistas. Provas? Nunca nem as vi lá dentro. A insituição prezava, por outro lado, pela pesquisa. Imagino que essa filosofia agradasse aos funcionários da nossa Universidade, muito próxima fisicamente da Anselmo e que, por esse motivo, muitos deles matriculassem seus filhos nela. Também não era raro que a Universidade mandasse licenciandos para estagiar na escola. Essa relação, acredito eu, explicava o fato de a comunidade Anselmo ser tão engajada politicamente. De fato era (ao menos para os meus padrões de

ex-estudante de escola particular), as reuniões de pais e mestres eram sempre bastante inflamadas.

Como sugeri anteriormente, consegui me manter na Anselmo Lins pelo Programa inteiro, da forma que o Edital conjecturava. Isso não quer dizer que esse percurso tenha sido sem demais dificuldades técnicas. Grave exemplo é o seguinte: na Residência, em cada uma das escolas em que atuávamos (eram três), tínhamos um Professor Preceptor para nos auxiliar, que, idealmente, também deveria ser mantido ao longo dos três semestres. Entretanto, nós, do grupo da Anselmo, tivemos de trocar de Preceptor bem no fim do Projeto. Até então, estávamos com o senhor Plácido Valentim Paolini, um jovem professor de Artes em seus trinta e alguns anos de idade, sério no trabalho, mas muito compassivo com as crianças e portador de diversos talentos. Se um dia você tiver a oportunidade, Leitor, confirme com os que trabalharam comigo, porque é unânime: gostávamos muito de Plácido. Certa vez, enquanto lia fábulas por chamada de vídeo ao 1º ano do Ensino Fundamental, ele puxou um violão e começou a tocar lindas canções para conduzir as histórias. Nós só conseguimos assistir extasiados, e olhe que lá, na Universidade, não é incomum que alunos das Visuais tragam instrumentos para tocar em aula.

Mais ainda, eu gostei quando, atendendo a pedidos dos alunos do 4º ano, o professor colocou em pleito a possibilidade de a turma fazer uma festa de *Halloween*. Eu sou suspeita para falar, gosto dessas coisas. Mas ele ficou muito chateado, pra não dizer puto, diante do sim da grande maioria das crianças. Plácido disse que não concordava com a decisão porque o *Halloween* nada mais é que uma festa norte-americana descolada da nossa identidade nacional, vendida a nós para assegurar a soberania deles. Não brigou com ninguém, mas a exaltação com a que argumentava — diga-se de passagem, pertinentemente — era explícita. Dessa forma, qual não foi a minha surpresa quando, no dia da festa, entro na sala virtual da videochamada e me deparo com um Plácido contente, sorrindo, coordenando brincadeiras e, principalmente: fantasiado! Mesmo sendo um dia de aula normal, ele se deu ao trabalho de pintar o rosto apenas para a breve ocasião de nossa festa. E foi anfitrião na mesma intensidade que criticara a ideia, dias atrás. Não vejo contradição alguma entre esses dois momentos dele. Pelo contrário; para mim, são indício da virtude que é se envolver profundamente em tudo o que faz e também, de

ser fiel aos próprios sentimentos. Esta é, talvez, a memória mais divertida que tenho desse homem.

Infelizmente, a administração da Anselmo nem sempre facilitava a vida dos professores. Lembro que quando entramos em greve pela vacinação da classe docente, eles faziam de tudo para que voltassem as aulas. Simplesmente não avisavam os grevistas e davam um jeito de dar aula mesmo assim. A comunicação era absurdamente deficiente, sabe-se lá se não de propósito. Com essas e outras, Plácido se aborreceu e acabou se desligando para ir trabalhar em outra escola no começo deste ano. Nunca mais o vi. Presencialmente, foi uma única vez que nos encontramos, enquanto ele ainda fazia parte do Programa. Porque só poderíamos estagiar *online*, de acordo com normativas da Universidade, nós, da equipe Anselmo da Residência, combinamos de sair em *off*, num feriado de dia de Finados, para ver a exposição da Bienal.

Isso quer dizer que agora, quando eu fosse para a Anselmo pela primeira vez, não seria nem com o Preceptor que me assistira até ali — mais um motivo para estar desanimada. Não me entenda mal. Mira, a mulher que passou a ser nossa Preceptora, também era de uma luz inigualável. A madureza e a doçura, das quais também graciosamente dispunha, não lhe haviam roubado de sua energia inesgotável e de seu senso de humor. Minha crítica, de forma alguma, direcionada a Mira, é, meramente, que, por conta dessa questão de tempo, não pude conhecer o trabalho dela tão a fundo como conheci o de Plácido. Se não me falha a memória, foram somente duas as aulas que acompanhei com Mira, porque não demorou para surgir a questão da superlotação da sala de aula na modalidade presencial. Isso porque, além do desligamento de Plácido, sofremos com a saída de uma outra Preceptora na nossa edição do Projeto, que não pôde ser substituída por nenhum colega da mesma unidade, o que acarretou problemas logísticos para uma parte considerável dos estagiários, que optaram por migrar para a Anselmo, que, como eu disse, ao menos era perto da Universidade. Sendo assim, tínhamos mais Residentes do que as demais escolas.

A solução encontrada para esse problema foi nos distribuir extraoficialmente em grupos menores por outros horários e professores. Na prática, Mira ainda era a

Preceptora de todos e não é que não pudéssemos assisti-la com suas aulas. Mas era preferível que nos dispersássemos, até porque isso seria bom para o resto da escola, também. Lembro que foi muito ressaltado que, com o isolamento, a parte da alfabetização estava em déficit e que seria muito bom ter alguns estagiários ajudando com isso. Não sei se alguém quis assumir essa responsabilidade, afinal, éramos meros estudantes de Artes... Eu gostava mesmo era de ficar a esmo durante as tardes, bisbilhotando as turmas das crianças mais velhas. Participava dos plantões, resolvendo dúvidas de deveres de casa, com menor interferência dos professores e maiores oportunidades para conversar com os alunos. Era bem divertido. Contudo, um dia as obrigações chegaram até mim e a Mira me colocou para vir às sextas-feiras de manhã, junto com o outro professor de Artes que tinha na escola.

Como eu ainda não o conhecia, a primeira sexta de manhã em que fui, efetivamente seria como o terceiro **primeiro dia** de aula trabalhando na Anselmo para mim. Eu desejava causar uma boa impressão. Para as aulas da Mira eu não costumava levar material de anotação, todavia, em um gesto simbólico, me esforçando para não aparentar demasiadamente desinteressada, justo naquele dia, levei praticamente todos os meus pertences universitários pessoais: mochila, caderno timbrado, caderno de desenho, estojo, borracha, limpa-tipo, lápis graduados, lapiseiras... Tudo. Se quisesse, não fossem as profundas olheiras que me marcam o rosto, poderia sem problemas passar eu mesma por estudante. A propósito, agora que penso, recordo que fui, sim, confundida com adolescente por um professor enquanto cruzava o átrio na hora da entrada. Ele estava conduzindo as multidões falantes para as suas respectivas salas e deve ter concluído que eu tentava matar aula.

Corri para a sala de Artes depois do episódio tragicômico. Não estava atrasada, mas nem adiantada demais. Tinha me planejado bem (ao menos isso eu consigo fazer; tenho a consciência de que se eu me atrasava para as aulas antes, isso era um problema dos meus pais, como você há de concordar nos capítulos futuros). Moro na zona sul, relativamente longe da Universidade e também da Anselmo, já que as duas são instituições vizinhas. Na ausência de trânsito, facilmente consigo completar esses trajetos em torno de vinte minutos, todavia,

dependendo da intensidade do tráfego, não são raras as vezes que o prazo se estica para até uma hora. Sabendo disso, tinha configurado um alarme para me despertar bem cedo. Isso se provaria um verdadeiro **sofrimento** nas semanas seguintes, conforme eu ficava mais e mais esgotada, mas o horário eleito foi o das 5:10, para que eu dispusesse de até cinquenta minutos para me vestir e tomar café, saísse às 6:00 de casa e pudesse estar no portão da escola com folga antes das 7:00. Não que eu seja notória por ignorar alarmes, mas, por precaução, até adicionei um rebote para às 5:20 na minha *smartband*. Naquele dia, o caminho foi tranquilo e eu entrei na sala com bastante antecedência. Para a minha surpresa, a porta já estava destrancada e eu pude me sentar para aguardar.

Você vai notar que, apesar de hoje em dia eu me considerar sociável e até festeira, em meu âmago sou um ser surpreendentemente tímido. Sobretudo quando não me sinto bem, a despeito de por motivos não-relacionados diametralmente a situações sociais (como não ter dormido o suficiente, por exemplo), procuro, a todo custo, me isolar. Como disse, atualmente posso dominar esse mecanismo a ponto de saber desativá-lo, me forçando a socializar até que me sinta melhor. Mas eu demoro muito para converter meu humor: como dizem, eu pego no tranco. Às vezes, também, nem quero mudar de atitude, apenas passar o dia em meu próprio mundinho ou tranquilamente observando os demais. Não sei qual era o caso, mas estava definitivamente tensa por ter que falar com gente nova. Era inevitável e eu sabia, afinal de contas, foi justo para isso que eu fui até lá. Contudo, se eu pudesse, adiaría a interação obrigatória para o último segundo possível e, fora as crianças, com quem tenho naturalmente mais desenvoltura, não estava animada a falar com mais ninguém. Ia, inclusive, estourar a minha cota de socialização por ter tido de prestar esclarecimentos ao professor no átrio.

Em adição a isso, tinha uma outra questão me afligindo exageradamente — admito que fora de proporção —. A entrada da escola fica em uma estreita rua residencial sem saída, com aparente difícil acesso a grandes veículos. Meu carro é só um pequeno *hatchback*, todavia, na fútil empreitada constante de provar que dirijo bem a quem quer que esteja perto (no fundo, talvez a mim mesma), não é incomum que eu tome decisões de pilotagem questionáveis, principalmente na ocasião de estacionar. A pérola da vez foi que aquele dia fiz uma boa baliza, ao lado do portão

que eu usava para entrar, não peguei a guia com a roda nem nada do gênero, mas parei imediatamente ao lado de um latão público de lixo orgânico e só fui me dar conta dos eventuais riscos em que isso implicava quando faltavam cinco minutos para às sete horas. Permita-me explicar: esses latões são projetados para se acoplarem com facilidade a garras robóticas presentes em alguns caminhões de lixo, para que, visando agilizar a coleta, o motorista possa simplesmente apanhar o latão inteiro com as garras e despejar o conteúdo dentro da caçamba. Esse tipo de recolha não existe na cidade toda; no bairro onde eu vivo, ele não há. Somente fui **descobrir** que isso existia depois que entrei na faculdade e conheci o Lúcio, meu então namorado, porque, além de também estudar lá, ele reside próximo à Universidade. Ele teve que me mostrar um desses caminhões especializados em ação para eu acreditar e, claro, me zoou muito depois disso.

Era barulhento e parecia que precisava de grande espaço para funcionar corretamente. De novo, a via era bem estreita e a lixeira ainda estava posicionada em uma curva. Se resolvessem tirar o lixo naquela hora, meu carro certamente atrapalharia. Fiquei com medo de que o motorista batesse ou raspasse nele, porque perdoe o preconceito, mas pela minha generosa vivência no trânsito — já tenho mais de cinco anos de carta — entendo que, quem sabe em uma forma de se autoafirmar, condutores de veículos pesados com frequência demonstram pouco se importar em danificar carros. Se o volante fosse gentil, entretanto, e estivesse disposto a perder uma fatia considerável do seu precioso tempo ao invés de prejudicar uma folgada desconhecida; ou ele procuraria pela dona do carro nos arredores em um trabalho de formiguinha ou ele chamaria logo um guincho. Qualquer que fosse o resultado, eu passaria vergonha. Tanto a pública, de ter que lidar com a situação em tempo real na frente de um local que eu frequentava na época, quanto a privada, de ter que explicar pros meus pais que eu dei trabalho e custos para eles porque eu fui uma otária. Ao invés de levantar meu traseiro da cadeira e mudar o carro de lugar, porém, é incrível: limitei-me a ficar imaginando o que poderia acontecer. Isso porque a aula deveria começar muito em breve e, se eu fosse até lá, seguramente ia me atrasar. Não só isso, eu não tinha como garantir que encontraria outra vaga, o que significa que na prática eu não tinha nem como saber quanto iria me atrasar. Poderia levar vários minutos. Finalmente, tinha o fator orgulho ferido: dentre todas aquelas casas, deveria ter ao menos uma tia fofqueira

de plantão escondida atrás da cortina, que me viu chegar e que julgaria minha ansiedade exacerbada. Não. Passaria a aula remoendo em silêncio mesmo.

De repente me ocorreu algo: quem é que separa lixo de manhã? Nunca ouvi ninguém dizer que fazia isso. Até mesmo o Lúcio, que morava por ali, que eu saiba, separava à noite. Quando ele me mostrou o caminhão recolhendo, era noite avançada. Então me dei conta de que não deveria ser tão difícil sanar essa dúvida e rapidamente digitei "coleta domiciliar consulta de horário por CEP", em meu celular, no buscador *online* predileto de quase todo mundo (cujo nome não preciso nem mencionar para que você saiba qual é). A sala de Artes, acredito que não intencionalmente, bloqueia todo e qualquer sinal de *internet* móvel e até de telefone, mas conta com uma saída para um parquinho descoberto em um canteiro de terra, que, por sua vez, conecta-se ao pátio e finalmente às quadras. Felizmente essa porta também era deixada sempre aberta. Fui até ela e me plantei de pé no limite entre os dois espaços por longos minutos, aguardando o carregamento das páginas. Abri outra aba, procurei pelo nome completo da escola, obtive o endereço daquele portão, copieei o CEP e introduzi no campo de pesquisa da primeira. A sala já estava cheia quando obtive o primeiro resultado e, com ele, me aliviei um pouco: era uma pequena tabela no rodapé da página acusando que a coleta na região até poderia se dar no período da manhã, mas não às sextas-feiras. Às quintas, se não me falha a memória. Por um triz. Como ansiosa profissional, não confiei somente nisso e procurei averiguar outras fontes, encontrando por fim uma que indicava apenas que a coleta matutina nos bairros designados (lembra-se de que eu disse que nem todos dispõem desses latões?) iniciava-se às sete. Nenhum dia da semana era especificado. Vasculhei por um meio de busca por CEP como o do primeiro *site*, mas não havia nesse. Voltei, então, a ficar em dúvida.

Não havia muito mais a ser feito, no entanto, pois já passava das sete. Torceria pelo melhor, me prepararia para o pior e, quando chegasse a hora, aceitaria meu destino, qualquer que fosse. Minha missão acabara de se converter em participar das aulas e assim seria até a saída. Sentei de novo no lugar que escolhi e me concentrei em lutar contra os pensamentos negativos e esperar pelo professor. Aproveitei este momento para notar como minha presença estava sendo assimilada pelos alunos e, de fato, percebi que quando passavam pela porta, me estranhavam.

Atribuo esse efeito a dois fatores, inter-relacionados, mas com suas próprias importantes nuances de sentido. O primeiro é que me parece que a criança, em geral, tem uma excelente memória. Digo isso não com qualquer propriedade científica no assunto, mas com base na minha própria experiência: quando pequena, era capaz de me recordar dos nomes completos de centenas de meus colegas de escola e associá-los de forma duradoura a seus rostos. Hoje, somente poucos me restaram na mente e sinto que a amplitude de armazenamento dela se deteriora a cada ano, talvez pelos efeitos do isolamento. É possível que, devido às altas demandas de interação social impostas pelo ambiente escolar, as crianças sejam forçadas a exercitar reiteradamente suas habilidades mnemônicas. Assim, caso precisem pedir informações ou formar grupos de trabalho, elas podem se lembrar precisamente de quem são seus colegas e de como eles se comportam em determinadas situações. Dessa maneira, dispondo de um índice mental prévio de todos os colegas de classe (e também dos de outras turmas em vários casos), é extraordinariamente imediato para os alunos perceberem um estranho no ninho.

O segundo é mais simples de comentar porque, para ser franca, não tenho uma hipótese de explicação para ele. Sei que há, mas sou incapaz de articular qual seja. Trata-se do fenômeno de que, quando você é criança ou adolescente, se você olha para uma pessoa e ela supera uma certa idade, você instintivamente sabe que ela é adulta. Posso até ter me passado por colegial para o professor maduro com quem cruzei no átrio, mas eu não enganaria os olhos treinados daquela turminha em que eu estava. Eles poderiam até não saber precisar quantos anos eu tinha, mas com certeza eu não era uma deles. Percebi que o padrão se repetia desde os mais novinhos que acompanhei, do 1º e 2º ano até o último nível da Anselmo, o 9º. Ressalto que analiso tais comportamentos por simples motivo de curiosidade, sem dispor de método ou critérios rígidos para julgar minhas observações e sem pretensão alguma de postular saberes imutáveis na área dos estudos sobre educação, mas antes, com a humilde vontade de convidar aqueles minimamente cativados por ela a embarcar também nesse exercício, mesmo que ele porte a angustiante ausência de um objetivo imediato.

Deixando devaneios e pseudoteorias temporariamente de lado, portanto, para tentar examinar objetivamente o gesto dos alunos em si, devo dizer que os olhares

de jeito nenhum me incomodaram. Acredito que, naquele ponto de minha trajetória na escola, eu já tinha traçado o perfil dos alunos da Anselmo satisfatoriamente para saber que a tendência não era de fazerem isso de um jeito maldoso, como teria sido nas instituições em que estudei quando pequena, por exemplo. Claro, as regras do jogo haviam mudado: em função da barreira temporal, o temperamento das crianças do período matutino poderia ser radicalmente diferente do das do vespertino, com as quais eu estava acostumada. Ainda assim, se alguma interação próxima se assemelhou a uma fofoca, me escapou por completo. Julguei boa minha aceitação, logo pareciam passar a ignorar o fato de que eu estava ali. Sucesso.

Pensei, observei, tornei a pensar... Tudo com genuíno esmero, sim, mas com a função momentânea de me distrair da ansiedade da vida. Poderia, ao invés disso, ter procurado conversar com alguns dos aluninhos, mas me mantinha na crença constante de ter pouco tempo para fazê-lo, já que aguardava o início da aula. Há de se considerar também a minha indisposição para sair da zona de conforto nessa situação, que eu somente superaria dada uma generosa quantidade de tempo. Dessa forma, imagine qual não foi minha sensação ao notar que dez, quinze e até vinte minutos se passaram sem nenhum sinal do professor que deveria vir me conhecer. Tenho a sensação de que esse tipo de coisa **sempre** acontece comigo, ainda mais nas ocasiões que estou mais ansiosa: me deparo sozinha, com pouca ou nenhuma informação sobre o paradeiro de e incomunicável com uma pessoa por quem vou ter que esperar indefinidamente.

Talvez a aula não fosse tomar lugar na sala de Artes naquele dia e o professor estivesse nos esperando em um outro local...? Olhei em volta atentamente mais uma vez para ver se captava algo que até então não havia entendido, entretanto, os estudantes pareciam tão desinformados quanto eu nessa questão. Já começavam a perguntar uns aos outros sobre o que estava acontecendo e alguns até perguntavam a mim. Uma atitude muito astuta, eu diria, porque nitidamente eu era a mais próxima de uma figura de autoridade disponível no momento. "Desculpe, eu não sei. Eu estou começando hoje. Nem conheço o professor", era tudo o que eu podia responder. O auge da espera, que fez soar um alerta em minha cabeça de que eu precisava tomar uma atitude foi quando um garoto, cercado de amigos, lá pelo meio da sala, disse que, já que teriam de

aguardar mesmo, ele iria fazer as tarefas do Roteiro (uma apostila específica que eles têm na Anselmo); começou, de fato, a fazê-las e foi seguido pela esmagadora maioria da turma. Em questão de três minutos, praticamente todos estavam com os materiais espalhados em cima das mesas, trabalhando. Fiquei embasbacada.

Nem na escola mais nariz-empinado pela qual passei já vi um negócio desses. Que criança, desassistida, sem professor e sem ninguém mandar, vai **escolher** fazer lição? E o pior: para todos os efeitos, o grupo inteiro simplesmente aceitou a proposta — absolutamente desprezível — do menino e começou a fazer a lição também! Que mundo era aquele? Um mundo que eu já deveria conhecer, afinal, não era nem o meu primeiro nem o meu segundo ano ali, naquela escola, mas o comecinho do terceiro. Ao menos uma turma ocupada, com o que quer que fosse, era uma turma estável o suficiente para eu poder sair da sala e buscar alguma assistência. Aquela era minha chance. Sequer comuniquei a eles que sairia, para não desconcentra-los e chamar atenção para o fato de que ficariam sem supervisão por alguns minutos. É engraçado como sempre parto do pressuposto de que as crianças não querem estudar e estão buscando uma brecha para tumultuar a ordem, não é mesmo? Deixar a sala soa inadmissível. Sem dúvida, herdei essa visão dos meus professores, vários deles. Jamais saíam sem antes designar um aluno-modelo para delatar os falantes e desordeiros. Normalmente eu, por ser muito quieta, era agraciada com esse cargo e fazia dele o instrumento supremo de minha vingança contra aqueles que diariamente me irritavam, escrevendo com muito gosto seus nomes na lousa. Óbvio que eu era justa: só anotava os nomes daqueles que bagunçaram ao longo da ausência corrente que eu estava monitorando, mas, em geral, calhava de serem os mesmos que alopravam comigo.

Saí, cruzei a escola a passos largos e, para ser honesta, não sei com quem falei, porque não entendo **nada** de administração escolar. Ainda no modo “evitar interações”, após disfarçar uma olhada geral para dentro das salinhas do corredor burocrático, me limitei a escolher a profissional de aparência menos intimidadora dentre aqueles todos. O que posso afirmar é que não era a diretora, pois a conheço de vista e sei que é uma senhora de aspecto marcante e personalidade... forte. Tive que esperar vários momentos para ser atendida, mas acabou valendo a pena porque selecionei cuidadosamente uma moça bastante gentil. Expliquei a situação,

dizendo que era apenas uma estagiária e que estava no aguardo do professor, agora muito atrasado. Ela respondeu que não havia sido advertida de nenhum atraso ou possível ausência, mas que iria tentar contato com ele e que me daria um retorno, concluindo que eu poderia voltar para a sala. Naquela hora, me dei conta de que, se eu não tivesse feito nada, eu ficaria na expectativa sabe-se lá até quando, uma vez que a escola também não estava ciente do problema, ou melhor, que o professor não havia **avisado** nada. Com que tipo de gente eu estava lidando? Amaldiçoei em silêncio minha própria sorte e me pus na andança.

Meu regresso à sala de Artes foi tão ligeiro quanto a partida e, nele, encontrei os estudantes nas mesmas condições em que os havia deixado. Não digo que estava tudo objetivamente na mais perfeita ordem. Conversavam muito, mas isso não me perturba. Notei que a maioria trocava informações sobre os exercícios, que, para a minha admiração, estavam genuinamente sendo feitos. Mal tive tempo de fazer qualquer coisa além de reconhecer o ambiente e a mesma funcionária com quem falei veio ao meu resgate. Ela estava sozinha, então já pude ter uma ideia da situação. Fui recebê-la apenas para confirmar minhas suspeitas. Com um fabricado sorriso sem graça e sem muitos floreios no discurso, como se não fosse a primeira vez que passava por algo assim, me disse o seguinte:

— Olha, eu não consegui falar com o professor... Deve ter acontecido alguma coisa mesmo... Será que você pode cobrir as turmas dele para mim? Só hoje?

Apesar de estar levando tudo com muita leveza, desde o início ela havia cogitado a possibilidade de ter acontecido algo de ruim com o professor, raciocínio que, confesso, não necessariamente coincidiu de imediato com o meu. Faria bastante sentido, entretanto, que fosse por uma eventual impraticabilidade de comunicação — e não por mera falta de respeito — que ele não tivesse notificado ninguém de algo tão significativo quanto uma falta no trabalho. Adotei, por ora, a crença de que fosse isso, mas, como eu havia acabado de descobrir oficialmente, não teria como ter certeza naquela semana. Agora que tinha em termos claros que o professor não vinha, precisava reajustar minhas expectativas e objetivos para o dia e me “reprogramar”, por assim dizer (expressão de *coach*, mas é). Conforme a moça já esperava, eu aceitei prontamente o pedido dela, já que, em termos práticos, não

me restava outra opção (mas é importante lembrar que, em tese, não é permitido que estagiários de Licenciatura deem aula sem a presença de um professor formado em sala). Por incrível que possa parecer, ao invés de me causar desespero e me fazer mais uma vez amaldiçoar minha sorte, essa reviravolta me deu um forte sopro de entusiasmo.

É verdade que sou tímida e que falar em público me causa nervosismo. Também é verdade que sentiria isso segundos antes de me apresentar às primeiras turmas. Contudo, ao ser retirado o elemento adulto (maduro) da jogada, foi também separado e eliminado o maior causador da minha ansiedade social nesse contexto, de eu mesma precisar ministrar uma aula. Isso porque o adulto professor formado, ainda mais um que eu não conheço, seria uma fonte latente das críticas mais duras. As crianças? Podem até criticar e não é que eu não precise levar em consideração os apontamentos delas. Mas a crítica desse adulto — que é o profissional que eu estou teoricamente almejando ser, que deve ser o meu modelo —, além de embasada teórica e empiricamente, representa a voz da figura de autoridade máxima dentro da sala de aula, por mais que se busque manter uma relação horizontal com os alunos e com os estagiários.

Unindo esses fatores, existe nesse lugar um grande potencial para humilhar e desestimular, por mais que essa não seja a intenção. Já parou para pensar, por exemplo, o que significa ouvir de um professor, na condição de licenciando, que você até domina tecnicamente como planejar uma aula, mas que a sua escolha de temas apresenta graves questões estruturais ou até que ela é, por si, sem sentido? Significa o mesmo que ouvir de um professor de pintura que você até sabe pintar, mas que o conteúdo das suas pinturas é píffio. Em geral os professores de Pintura dizem logo nas nossas caras que nunca seremos artistas, mas o princípio é o mesmo: se a essência do que você está fazendo não tem valor, pouco importa a forma de fazê-lo. O problema é que em arte/educação e arte, ela é reflexo da sua própria essência enquanto ser humano, então, fatalmente, isso é uma ofensa pessoal. Além de tudo, se, para que o trabalho seja bom, precisamos abandonar a nossa essência, o que nos resta? De que adianta produzir?

Não me entenda mal. Eu não estava comemorando uma chance de poder expor crianças a qualquer tipo de conteúdo sem ter a supervisão de um moderador externo. O que acontece é que eu agradeço quando tenho tempo e espaço para me expressar com um pouco mais de independência antes de receber algum *feedback* de uma figura de autoridade. Você sabe melhor do que ninguém, Leitor, que os meus processos são tortuosos, o que significa que condenar um resultado ainda invisível por supostas pedras que aparecem no meio do caminho não costuma ser a melhor abordagem para me ensinar. Por isso, sempre preferi aprender sozinha. Aquele dia, então, foi um prato cheio para mim. Ninguém viria me olhar, ninguém daria nenhum pitaco sequer e eu não tinha planejado absolutamente **nada**. Eu ia me divertir muito.

Agora eu só precisava decidir o que eu ia fazer... Na verdade, isso levou só uns dois minutos. Enquanto terminava de conversar com a moça da administração, planejei de que forma eu me apresentaria, o exercício inteiro que passaria para as turmas, como faria para gerar adesão à proposta, prováveis desdobramentos em aulas subsequentes (se esse fosse também o desejo do professor titular), entre outros pontos. Conferi o horário na minha *smartband* e vi que já passava bastante da metade da aula, o que me levou a crer que seria melhor deixar a minha atividade para a próxima turma. Tanto eu não tinha motivo para pressa (afinal, passaria a manhã inteira por lá) quanto eles estavam ainda muito engajados em resolver as questões do Roteiro, então resolvi fazer uma rodada para tirar dúvidas, embora os assuntos abordados nada tivessem a ver com a minha especialidade. Me senti na obrigação de comunicar minha decisão pedagógica à moça que me ajudara, então a interceptei com a seguinte frase, antes de que ela se recolhesse definitivamente para sua sala:

— Eles começaram sozinhos a fazer o Roteiro, então acho que eu vou deixar eles fazendo e depois, na próxima turma, eu passo um exercício.

— Ah, sim! Eles são bem autônomos. Tudo bem!

Admito que, quando fizemos a nossa primeira reunião com a diretora da Anselmo e o Plácido, em que eles frisaram os fundamentos do Projeto

Político-Pedagógico da escola, ao ver que muito falava-se sobre a "autonomia" dos alunos, senti um certo asco, porque essa é uma palavra que pode muito facilmente se esvaziar de sentido. A escola mais tirana pela qual eu passei também cismou, em certo momento, que queria ter a autonomia dos alunos na sua lista de bases. Somente na lista mesmo. Quando perguntada pela Shanaya sobre o que eu achava de tudo aquilo, na mesma reunião, fui bastante honesta. Mencionei brevemente esse exemplo do meu passado, tal como menciono a você agora e que queria ver como aquela ideologia se aplicava no cotidiano escolar para dar meu parecer. Quase um ano e meio depois, tive a oportunidade de ser testemunha ocular da **definição** de autonomia estudantil. Bem feito para mim.

Esse é mais um comentário para rir da minha própria cara, porque até hoje eu não superei a temível turma que abriu os cadernos e começou a fazer a lição de casa sozinha. Mas não pense que você não vai ler mais sobre essa outra escola da falsa autonomia e, conseqüentemente, da falsa isonomia, não. Há muito o que falar sobre ela, mas não agora. Por enquanto, tenha em mente a dimensão do quanto me impressionou o caso daqueles alunos da Anselmo. Infelizmente, minha memória é fraca e eu sou irresponsável o suficiente para não ter anotado o ano a que eles pertenciam (qualquer registro que eu tivesse teria sido perdido de qualquer forma, como você verá mais adiante), mas posso garantir que era ao 6° ou ao 7°, embora esteja mais inclinada a pensar que fossem do 6°. Acredito que assim já dá para se ter uma ideia. Talvez nem os do 7° fossem assim tão autônomos quanto eles.

Para mim, essa é uma informação que pouco importa, na realidade. Busquei mais sanar uma curiosidade que você poderia vir a ter. Isso porque, se algo muda de uma turma para a outra é que, quiçá até pelo próprio *status* artificial conferido pela passagem de um degrau para outro, é a intensidade da empolgação dos alunos. Os mais novos tendem a ser mais empolgados, aparentemente. Mas eu tento me abster de preconceitos ao entrar em uma sala nova e, nesse sentido, às vezes é bom não saber em que ano se está. Acredito que esse tipo de burocracia, feita para facilitar nossa vida, pode facilmente nos absorver e acabar se tornando, ao invés de um método, um fim, o que considero extremamente prejudicial. Eu sou muito suscetível a esse tipo de coisa, por isso, procuro ativamente viver de uma forma despojada e até desorganizada.

Em todo caso, fui me apresentar ao suposto 6° ano, com o coração quase na boca, sofrendo ainda os sintomas da transição de humor que a conjuntura me imperava passar. Andei até a frente da lousa e contei que reconheceriam meu lugar, superior, em relação ao deles, na hierarquia escolar com base na minha faixa etária. Deu certo: ao me verem, foram progressivamente reduzindo o volume das conversas até pararem praticamente por completo. Quando julguei que o nível de silêncio do ambiente estava bom, comecei a falar. Devido à extensa confusão da procura pelo professor, tínhamos agora muito pouco tempo juntos, então achei melhor falar pouco. Dei bom dia; disse meu nome e que era estagiária de Artes; falei que o professor deles não estava e não tinha dado notícias, então provavelmente não viria; e, por fim, que, como eles já estavam fazendo seus deveres, eu passaria pelas mesas ajudando e tirando dúvidas.

Assim fiz. Ou melhor dizendo, **tentei** fazer. A lição deles estava **impossível**. Devo mencionar que os Roteiros, que eles têm na Anselmo, não são divididos por disciplinas, mas, interdisciplinares. Interdisciplinares com força, mesmo, não que nem na minha época, que se misturava História com Literatura e Biologia com Química e era isso. Não. Essas questões deles, eu não consegui nem atribuir a quaisquer matérias. Parecia mais as perguntas finalistas das trivias de televisão, as que faltam para o participante ganhar um milhão de reais. Eu já tinha ido aos plantões de dúvidas dos Roteiros do 8° e do 9° ano na Anselmo à tarde e, apesar de ter apanhado também, não achei tão difíceis quanto aquele.

Para a minha sorte ou azar, o problema geral da turma não eram as dúvidas conceituais. Eles estavam indo bem e, certamente, dando um baile em mim. A questão era o auxílio material de que eles precisavam e, com isso, eu poderia ajudar. Mas, exigiu imenso esforço da minha parte. Me refiro, principalmente, ao esforço físico, de passar correndo diversas vezes pela sala de aula quando chamada, sim, mas, também de ter de arranjar material de consulta para as crianças. Veja, não estou reclamando dessa malhação, eu achei até muito da boa para mim, uma vez que havia tempos que eu não me cansava daquela maneira. O problema é que nem sempre as fontes de estudo — válidas, necessárias e devidas — estavam à disposição dos alunos, vide o tanto que eu tive que correr atrás delas.

Sabe-se lá se não é por isso que eles passam os Roteiros como atividade para ser feita em casa.

A um garoto, por exemplo, emprestei meu celular para que ele buscasse a definição de um termo caro ao tópico do dever, que era literalmente pedida por uma das questões. Você se lembra de como eu falei que a sala de Artes era um *bunker* à prova de sinal de *internet*? Então... Levou todo o resto de aula que tínhamos e ainda assim acho que o menino não conseguiu sua definição por lá, mesmo eu o instruindo a ir até a porta que dava para o canteiro. No meio dessa corrida, ele próprio percebeu que não conseguiria nada dali e perguntou se eu não poderia pegar um dicionário para ele na biblioteca. Claro, como eu não tinha pensado nisso antes? O bom e velho papel.

Eu sabia onde ficava a biblioteca, era relativamente perto da sala. Não os deixaria sozinhos nem por cinco minutos. E eu já sabia, pelo comportamento que tinha testemunhado deles, que mesmo me ausentando, nada de grave fariam. Mesmo assim, resolvi aproveitar a oportunidade para aprofundar minha relação com a turma, dando satisfação, demonstrando confiança neles e brincando um pouquinho. Chamei a atenção do menino que eu ajudava e também daqueles que estavam sentados com ele (pois na Anselmo, em todas as aulas que acompanhei, os alunos se sentavam em grupos) e disse:

— Eu vou ali na biblioteca rapidinho pegar um dicionário e já volto. Vocês ficam aí um pouco?

— Sim! — Responderam em uníssonos.

— Vocês não vão causar?

Uns estranharam a gíria, outros riram, mas no final, concordaram que não causariam (muito). Foi o suficiente para mim. Saí varada para a biblioteca para não perder mais tempo de aula. Apesar da minha baixa estatura e, conseqüentemente, das minhas pernas curtas, eu consigo andar bem rápido quando eu quero. Posso dizer que devo isso a um colega de escola de quando eu tinha cerca de doze anos

de idade, o Antenor. Tinha **asco** desse ser, mas certa vez, por algum motivo que eu sinceramente não consigo imaginar o qual, voltávamos juntos da Educação Física e ele me disse:

— Você anda muito devagar. Tem que dar passos mais largos.

Como a escola em que estudávamos era estupidamente grande, colossal, faraônica, andar com velocidade era uma habilidade demasiadamente útil. A cultivei, da maneira que ele me ensinou, e em poucos dias, a diferença era notável. Lembro-me do meu irmão, mais novo e, na época, mais curto do que eu, reclamando de como eu estava andando rápido. Depois de adulta, já perguntaram qual é a minha motorização. Enfim, odiava o garoto, mas levei para a vida o que ele me falou de uma forma positiva. E o pior? Olhando para trás, com esse comentário em especial, eu não acho nem que ele estava tentando me chatear.

Como não poderia deixar de ser, cheguei bem depressa à biblioteca. Nunca havia reparado nela antes. Em termos de tamanho, meus padrões de comparação não são dos melhores, porque já vi bibliotecas de escola serem tanto apenas um pouco maiores que meu quarto, quanto dignas de filme. A da Anselmo era algo entre esses dois extremos, pendendo levemente para a escala do quarto. Me pareceu adequada. Visualmente, adorei a estética: era iluminada com lâmpadas quentes, e tinha bastante vidro em seu entorno, atentando, mesmo mentes distraídas, como a minha, para o fato de que a biblioteca ficava justamente ali. A única coisa que me desagradou foi que não havia entrada para alunos, a porta era somente uma e dava para uma sala de acesso exclusivo a funcionários. Traduzindo a arquitetura em palavras: “Nós não confiamos nosso material a nossos alunos”.

Claro que poderia ser apenas uma herança de outros tempos, uma adversidade material inconveniente de se reformar, seja por falta de tempo ou verba, tal como as janelas que tínhamos nas portas das salas da escola em que fiz o Ensino Médio, utilizadas, segundo um de meus professores, para garantir a não-proliferação dos discursos esquerdistas em aula durante a ditadura militar. Nesse caso, embora esse propósito tenha supostamente morrido (o que é questionável com a ascensão da extrema direita no Brasil e de movimentos como o

Escola Sem Partido), conseguiram encontrar novas maneiras de empregar esse recurso, tais como contabilizar presença, conferir se os estudantes estavam seguindo o mapeamento imposto e, em geral, monitorar o comportamento deles. Havia, na escola, toda uma classe de funcionários cuja função primária era espiar pelas janelinhas. A respeito da Anselmo, eu veria agora o que tinha sido feito daquela disposição de espaço.

E parece que eles simplesmente a acataram mesmo. Quando cheguei à janela por onde suponho que ocorressem os empréstimos, mal pude me aproximar porque a Bibliotecária conversava com outras duas mulheres que, como eu, estavam do lado de fora. Ela me lançou um breve olhar impaciente de canto de olho e voltou para o seu colóquio. Percebi que teria de me impor e, fingindo não ter entendido, fiz sinal para falar com ela. Levou alguns instantes, mas elas perceberam que eu precisava de um serviço e foram embora. Então apoiei suavemente as mãos sobre o tampo de mármore do peitoril da janela e disse:

— Bom dia, tudo bom? Eu sou estagiária, estou lá na sala de Artes acompanhando o 6º ano e eu precisava de um dicionário de português.

— Não tenho dicionário.

— Não tem nenhum...?

— ...Na verdade, de português, tenho um aqui. Os outros são de outras línguas.

— Ah, ótimo!

— **Mas ele é o último que eu tenho aqui. Tenho outros quatro dicionários de português e os quatro estão emprestados. As pessoas pegam e não devolvem.**

Não eram nem oito horas da manhã ainda.

— Ah, não, mas eu vou devolver rapidinho. Eu só vou usar até o final dessa aula mesmo.

— **Você tem que devolver mesmo, se não eu vou ficar sem dicionário aqui.**

— Não, tudo bem. No fim dessa aula de agora eu trago de volta.

Ela revirou um pouco as prateleiras, ocasionalmente olhando para mim com as sobrancelhas erguidas como se ameaçando não localizar o livro, mas finalmente o entregou em minhas mãos. Garanti mais uma vez que já voltaria com ele. Afinal, por que motivo eu roubaria um dicionário, ainda mais um bem usado como aquele? Me pergunto se, em meio a tanta cisma, eles chegam a sequer autorizar o empréstimo aos estudantes, no esquema de levar para casa por uns dias e tal. Mas se, conforme ela disse, os demais dicionários sumiram, então decerto deveriam autorizar...

Ao regressar à sala, no ato de entrega do livro ao menino, me dei conta de que seria, mais uma vez, uma medida inútil, porque o dicionário que a Bibliotecária havia me dado não era de definições. Era de língua portuguesa, sim, mas não de definições. Para falar a verdade, eu humildemente sequer sei explicar que tipo de dicionário que era e juro para você, Leitor, que eu tentei entender. Se fosse um dicionário de sinônimos, já não atenderia à necessidade do aluno, porque ele precisava de um verbete com uma definição completa, contudo, ao menos ele poderia compreender o sentido da palavra. Mas não era o caso. E outra: a palavra que queríamos não compunha o *corpus* do livro.

Escrevendo esta passagem, hoje, pergunto-me se a Bibliotecária não me empurrou o dicionário mais específico e avançado — por extensão, o mais inútil dentro de uma escola de Educação Básica — para evitar que eu sumisse com um dicionário comum. Ela realmente tinha outros na estante, os supostos dicionários de outros idiomas. Eu os vi, mas não fui capaz de enxergar o que estava escrito neles. Por outro lado, pode ser que eu esteja pensando demais e alimentando uma mania de perseguição. Em todo caso, não achei que valia a pena voltar à biblioteca

naquele momento para tomar qualquer atitude que fosse, posto que o tempo de aula já se aproximava do fim. Disse ao garoto que ele poderia ficar com o dicionário por aqueles últimos minutos e tentar extrair algo dele se quisesse, mas que eu achava melhor ele esperar chegar em casa para responder à questão.

Nada feito, obviamente. Conclui a aula permeada por um senso de impotência, sentindo que mais atrapalhei do que ajudei. E sim, eu devolvi o dicionário. Somente devolvi e agradei, sem nada acrescentar. Voltei para a sala, sem tempo de me remoer. Agora vinha o *round* dois. Se não me falha demais a memória, outro 6º ano. Tinha a intenção de repetir a apresentação que fiz à primeira turma. Assim que tive quórum de alunos sentados conversando, me pus novamente à frente da lousa. Essa turma também respeitou minha presença e se aquietou. Comecei dando um bom dia, que foi imediatamente respondido em coro por eles em tom bastante afável. Segui explicando brevemente a situação com o professor titular, do mesmo modo que havia feito antes, então finalmente afirmei ser estagiária e disse que meu nome é:

LUMA

(escrevi na lousa em letras garrafais)

Antes que você me pergunte, esse é o meu nome de verdade, não é um codinome, nem um apelido e eu também não troquei de nome, não. Meus pais me batizaram assim e é assim que eu estou me chamando diante de você. Até substituí os nomes dos demais personagens que aparecem na história para preservar as identidades das pessoas que eu conheço a que eles correspondem, mas o meu nome não poderia jamais ser trocado, pois é um nome bastante particular (e você ia ficar sabendo minha identidade de qualquer forma, então para que mudar?). O motivo de eu ter escrito na lousa tão exageradamente antes mesmo de sequer pronunciar foi para garantir que todos entenderiam de primeira. Frequentemente tomo alguma providência nesse sentido quando estou me introduzindo porque desde sempre tenho problemas para fazer as pessoas entenderem qual é o meu nome, apesar de ele ser escrito e falado de formas muito simples.

Justamente por essa razão, durante vários anos eu **odiei** o meu nome. Não apenas eu não me identificava com ele, porque me parecia feminino demais, mas

também porque ele me dava muito trabalho na hora de me apresentar conforme eu crescia, já que eu sempre fui muito tímida e falei muito baixo (minha voz é consideravelmente grave). Nunca ninguém conseguia acertar de cara e era extremamente irritante ouvir pessoas que falavam mais alto do que eu me chamando constantemente pelo nome errado. Já me chamaram muito de Luana, Paloma e o pior: Luna. Tenho um ranço especial deste último porque, além de ser uma bola na trave, é como se fosse a variação básica do meu nome. Principalmente as pessoas mais velhas que são próximas à família me chamam reiteradamente pelo nome da minha mãe, também, porque eu e ela dividimos a primeira sílaba, Lu. Esta, por sua vez, acaba por ser um apelido compulsório, que, no entanto, falha em cumprir sua função fática na medida em que é popular demais. Dessa forma, sempre haverá vários Lus em uma sala que não saberão por qual deles você quer chamar. Além disso, acho eu que meu nome é tão curto e tão específico que dispensa apelidos. É engraçado, não é? Eu não gostava dele, mas era meu. E eu queria que fosse pronunciado da maneira correta.

As coisas começaram a mudar quando eu entrei no Ensino Médio. É aquela fase em que você se compara cada vez mais com seus amigos numa tentativa de tentar descobrir quem você realmente é. Nós fazíamos muito isso, de formas divertidas, na verdade. Adorávamos horóscopos, testes de personalidade, tarô e coisas do gênero. Fazíamos do bonde inteiro. Já se tinha *internet* na época, então muitas vezes, brincávamos durante as aulas. Numa dessas, começamos a pesquisar os significados de nossos nomes em *sites* destinados a gestantes. “Luma é a deusa romana da Lua”, um deles dizia. Novamente, soou feminino demais para o meu gosto, mas eu até curti o aspecto da divindade, ainda mais sendo uma de crença politeísta, e, portanto, mais esférica e humanizada que o Deus judaico-cristão. Segundo um outro, em Portugal, eles usam a palavra “luma” para se referir à própria Lua na conversa cotidiana. Admiti por óbvia a associação do nome ao corpo celeste, mas não satisfeita, procurei em mais um *site*, bem menor e mais obscuro (claro que nenhum dos três apresentava fontes) que dizia que “luma” poderia — e era assim que estava escrito, “poderia” — significar “caneta” em basco.

A piada veio pronta: por um tempo, pegou de irmos juntas, eu e minhas amigas loucas da papelaria, comprar lumas coloridas e dizer coisas como “muitas

lumas, muitas lumas” quando víamos aquelas maletas, sonhos de consumo, de canetas a gel com *glitter* de 100 cores. Essas definições de nomes que vemos na *internet* são, em sua maioria, grandes besteiras, mas, na época, em particular essa, fez muito sentido para mim. Além de desenhar muito, eu escrevia muito, tudo durante as aulas e tudo sempre à caneta, com pouquíssimos esboços. Lembro que quando entramos nessa pira de pesquisar os significados, tínhamos acabado de ter uma cativante aula de interpretação de texto em que a professora ensinou que as escolhas de nomes próprios de um bom romance nunca são por acaso; que o autor deve levar em conta sempre a personalidade e o papel que um personagem desempenha no enredo para eleger um nome compatível em termos de sonoridade e acepção. O exemplo que ela utilizou para provar o ponto foi o personagem principal de *O Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queirós, no qual o nome “Amaro” remeteria à amargura do clérigo quanto à vida de celibatário. Outro caso emblemático do qual me recordo, que uma outra professora citou no último ano do Colégio, foi a Eugênia, de Machado de Assis, rejeitada por Brás Cubas por ser coxa, ainda que muito bela, cujo nome fazia referência a eugenia.

Depois desse ensinamento, além de eu ter trocado totalmente a estratégia de nomeação dos personagens das minhas histórias, despendendo, a partir de então, imenso cuidado a essa tarefa, mudei a percepção que tinha acerca do meu próprio nome. Não tão somente porque ele tinha sido dado a mim, mas porque os sentidos que atribuímos a ele, juntos, no nosso pequeno círculo e amigos, com base nas pesquisas que fizemos, articularam a personagem que eu fui e o papel que eu cumpri enquanto integrante do grupo. Isto é, basicamente, o de produzir desenhos e histórias protagonizadas por nós, tanto para nos entreter durante as aulas quanto para ter um registro de nossa presença como grupo, se eu for pensar bem. Os significados, em especial o da caneta, até hoje se aplicam ao meu propósito na vida, que é produzir arte e ser criativa de formas variadas. Esse nome, de fato, me serve bem. Por isso que digo que jamais poderia trocá-lo, nem para escrever este livro.

Você poderia achar que o apreço que cultivei pelo meu nome ao longo dos anos poderia resultar em ainda mais superproteção a ele, mas eu diria que não. Até porque hoje em dia normalmente consigo fazer as pessoas entenderem rapidamente. Quando isso não acontece, eu não me chateio porque não preciso

mais fazer tanto esforço para corrigi-las quanto antigamente, já que falo mais alto e tenho habilidades sociais mais desenvolvidas. Na sala de aula em que eu estava, eu tinha escrito de maneira bem legível na lousa. Não tinha como eles não entenderem. O máximo que eu poderia temer eram comentários, quiçá maldosos, a respeito do quão incomum meu nome é. Mas a reação dos alunos não foi, de forma alguma, o que eu estava esperando:

— Luma!

— Luma!

— Luma!

Assim que eu terminei de pronunciar, vários deles, espalhados pelo recinto, repetiram meu nome cantando empolgados, como se tivessem gostado dele ou se estivessem felizes por eu estar ali. Apesar de muito surpresa, entrei na brincadeira e também soltei um “Luma!”. Não perdi a pose, nem a linha do raciocínio, mas a verdade é que aquilo ficou comigo (tanto que estou lhe contando agora) e me deu um gás, um sopro de animação para tentar dar essa aula da melhor forma possível. Verdade seja dita, eu já tinha tido uma ideia, ali, no improviso para o que passar às turmas que viriam depois da que decidi fazer a lição de casa por conta. Mas depois dessa recepção daquelas crianças, tão fofinhas, eu tive a certeza de que eu poderia aplicar o que eu pensei sem medo de não aderirem. Mesmo assim, quis transmitir a eles uma sensação imediata de horizontalidade e de possibilidade de participação em decisões relevantes, por isso, perguntei:

— Gente, olha só: como eu não sei o que o professor tá dando pra vocês, eu pensei em uma proposta de desenho pra gente fazer hoje, mas na outra sala o pessoal quis usar essa aula pra fazer o Roteiro. Eu acho legal também fazer o Roteiro porque aí a gente adianta a lição de casa, mas eu queria saber o que vocês preferem fazer.

— **DESEEEENHO!**

Com essa pergunta, eu testei uma pretensa tática de manipulação (novamente, desse tipo de coisa que a gente vê na *internet*) que sugere ser mais fácil convencer uma pessoa, principalmente uma criança, a fazer algo se, ao invés de perguntar **se** ela quer fazer, você perguntar se ela **prefere** fazer o algo ou outra coisa menos desejável. Em outras palavras, se você não fornecer “não fazer” como opção implícita, a tendência a ela prontamente se recusar é inibida pela impressão de que se tem a liberdade de escolha. Com base apenas nas evidências empíricas que recolhi naquele dia, eu diria que essa técnica é infalível, porque, de fato, funcionou em todas as turmas nas quais apliquei. Falando sério agora, era **óbvio** que eles escolheriam o desenho, justamente como eu queria. Afinal, que me perdoem as teóricas, mas as práticas são fundamentais: crianças gostam de interatividade e de oportunidades para serem criativas. E eu também.

Aliás, queria aproveitar esse gancho para colocar a você uma proposição sobre a qual eu sempre reflito, Leitor, que é a de que, em se tratando de Licenciaturas em Artes, creio que aquela que se dá em Visuais inevitavelmente acaba sendo a mais adequada para o propósito de se dar aula dentro do currículo do Ensino Básico. Não que a Música e as Artes Cênicas não sejam relevantes. Pelo contrário: uma criança que as tem em sua grade certamente dispõe de um currículo significativamente mais rico. Entretanto, caso essa criança venha a ter apenas um horário por semana reservado às artes em geral — e não uma disciplina designada a cada uma delas — imagino ser preferível que seu professor tenha graduação em Artes Visuais, porque me parece que a nossa formação nesse curso é mais abrangente. Digo isso com base em percepções que cultivei após ter trabalhado, no princípio da Residência, com alguns alunos das outras artes. Pessoas incríveis, absurdamente talentosas, que detinham assombroso conhecimento específico em suas próprias áreas (coisas das quais, por óbvio, eu não entendo bulhufas), mas que, às vezes, sequer pegavam no lápis para desenhar. Não que o desenho seja uma linguagem mais válida que as demais, contudo, é preciso lembrar que é uma das poucas práticas passíveis de serem aplicadas em aulas de Artes hoje em dia, além de ser certamente uma das mais difundidas. Dentre meus colegas de Departamento, por outro lado, consigo tranquilamente pensar tanto em gente que trabalha com som, música e instrumentos quanto com *performance*, atuação e cenografia, tudo estando regularmente matriculada em Visuais.

O meu apreço, em particular, pelo desenho se deve a diversos fatores. Resumidamente, enquanto atividade escolar, acho uma excelente pedida porque estimula a criatividade e o raciocínio; é uma atividade prática de fácil aplicação, sem a necessidade de muitos recursos e, por fim, gera um registro material que pode se tornar patrimônio do aluno, se assim ele desejar. Pode até ser manjado e sim, na atualidade estão surgindo dinâmicas inovadoras que desenvolvem outros aspectos caros à sensibilidade artística (só nos planos de aula dos meus colegas da Universidade, já apareceram coisas maravilhosas que eu sequer sou capaz de tentar começar a descrever). Mas, verdade seja dita, eu ficava muito feliz quando as professoras anunciavam uma proposta de desenho. Não só eu. As crianças da minha época, em geral, ficavam e todas as de hoje que eu vi recebendo uma, para a minha alegria, também. Em relação a estas últimas, o fato de gostarem de desenhar em papel me agrada ainda mais na medida em que, no caso delas, nascidas imersas no mundo digital, o momento do desenho representa um intervalo para entrarem em contato com alguma materialidade, não apenas aquela que existe na interação entre lápis e papel, mas a contida na observação do mundo físico, que eu muito incentivo aos que desenharam.

Como era a primeira vez que eu via aqueles alunos da manhã, o que passei a eles foi o seguinte: deveriam se apresentar a mim através de um desenho. Um desenho de livre temática, técnica e estilo, mas que atendesse à proposição de introdução. Para melhor explicar, dei alguns exemplos. Em meu trabalho artístico pessoal, produzo com frequência retratos e autorretratos, o que era, definitivamente, um caminho possível e desejável para mim, em termos de afinidade estética. Todavia, adverti que o autorretrato literal não era obrigatório e, ainda, que, na hipótese de quiserem fazê-lo, não havia exigência alguma para que a imagem assumisse caráter fotorrealista. Para esse exercício, mais do que traduzir a lápis com fidelidade as fisionomias, era importante que encontrassem maneiras de me contar sobre suas personalidades. De preferência de forma visual, mas permiti que o elemento da palavra escrita surgisse e, a depender do grau de intimidação do aluno pelo desenho, o substituísse por completo (afinal, previ que teríamos outras oportunidades para aperfeiçoar tal fazer). Sugeri que me contassem coisas como

idade, de onde eram, de quais desenhos animados e *games* gostavam e também sobre atividades que curtiam, em geral. Enfim, o que quisessem me contar.

Pode-se dizer, por um lado, que surgiu “do nada” com esse plano de aula, uma vez que não pretendia estar no comando naquela manhã. Por outro, eu tive, sim, minhas fontes. Caso contrário, dificilmente a ideia teria saído pronta, daquele modo em particular. A primeira que me ocorre é, como eu mencionei, minha própria produção artística, porque ela parte, em poucas palavras, da crença de que uma imagem de uma pessoa, observada e difundida o suficiente e para os grupos corretos pode vir a se tornar o próprio símbolo daquela pessoa. Mas, já que penso sobre o assunto, recordo que certa vez, quando estava no 9º ano, recebi uma atividade parecida na aula de Artes. Cada um de nós tinha que eleger um colega de quem gostasse muito e se sentar diante dele para fazer um retrato de observação (note que estamos falando de períodos de observação curtos, de aulas de Artes solteiras de cinquenta minutos). Ao final do registro, o colega, que até então estaria praticamente imóvel, faria o mesmo com o que o retratara, invertendo, então, a dupla do primeiro desenho. Quando ambos os trabalhos estivessem prontos, cada autor deveria acrescentar elementos visuais que descrevessem subjetivamente seu modelo.

A Rina, professora autora deste plano, era alvo de severas críticas e zombarias por parte dos alunos, inclusive dos meus amigos mais íntimos. Mas eu secretamente achava as propostas dela muito boas, embora eu não nutrisse qualquer carinho por ela. Da mesma forma, a relação que ela parecia ter comigo limitava-se a reconhecer minha inclinação às Artes e meu esforço em cumprir obrigações. Quanto à parceira que escolhi para fazer o exercício, foi Marcellly Cheng, uma garota de origem chinesa profundamente reservada, mas com quem eu batia altos papos diários antes das aulas, já que ambas chegávamos cedo demais. Lembro que, tendo terminado o desenho em si, reverti o restante do tempo de aula em dar acabamento a ele e, para tanto, improvisei uma “moldura”, colando-o em um pedaço de papel maior, verde, que estava guardado na sala de Artes. Como sobrou um espacinho na margem inferior, decidi escrever o título e, numa tentativa de humanizar ainda mais a “obra”, escolhi um que fizesse referência a uma piada interna que eu e meu amigo tínhamos com Marcellly. O problema é que o que eu

achei que seria apenas isso, uma piada interna, uma brincadeira entre amigos, já a estava incomodando fazia tempos.

E quando eu, toda empolgada, mostrei a ela o resultado final, ela criou coragem para me revelar isso, muito séria. Até então, eu não fazia ideia. Claro, olhando para trás, eu entendo e, se fosse hoje em dia, eu não teria ajudado a levar a piada tão adiante, mas, na época, me soou inocente. Para esclarecer, o motivo da suposta graça era uma palavra que aconteceu de ela pronunciar errado na hora, por uma falha de dicção ocasional. Trocou uma letra pela outra, tal como muitos dos nossos outros amigos faziam o tempo inteiro, e também virava piada. A minha própria dicção também me trai até hoje, com muita constância, principalmente dado o meu histórico de timidez. Na vasta maioria das vezes, ela pronunciava a tal palavra da maneira comum. Nunca, talvez mesmo por falta de consciência racial, eu havia pensado que apontar imprecisões no português dela, ainda que as mesmas que os fluentes cometem, poderia engatilhar a insegurança do falante não-nativo de uma língua. Hoje eu percebo, mas confesso que demorei para chegar a essa conclusão. Mesmo assim, ver a minha amiga chateada, lá atrás, bastou para eu entender que fazer aquilo não era legal. Me desculpei com ela e coleí mais um pedaço de papel no meu trabalho, dessa vez, cobrindo o que eu escrevera, e substituindo aquele título apenas por “Marcelly”.

Não tenho mais contato com ela. Não porque tenhamos brigado, só nos afastamos. Ela seguiu estudando para ingressar em Medicina depois do Colégio e eu soube, por uma amiga em comum, que ainda a vê aos sábados, que conseguiu. Fico imensamente feliz em saber que está bem, seguindo seus sonhos e alcançando seu potencial. Também às vezes me pego imaginando como ela está se parecendo fisicamente e se mudou muito, mas não considero reatar nossa amizade. Sempre terei afeição por ela, porém, ainda que nosso laço fosse verdadeiro, sinto que ele está reservado ao passado, igual tantos outros sobre os quais ainda penso e totalmente contrário a muitos outros mais que nem o tempo conseguiu desfazer. Sobre nossos desenhos daquelas aulas (creio que tenha sido mais de uma, devido à complexidade da tarefa), não os tenho mais e acho que também não estão com ela. No entanto, eu lembro com relativa clareza de como eram e tentei recriar aqui o retrato que ela fez de mim para que você imagine.

Interrompendo as divagações e voltando ao passado recente, achei que o nível de compreensão do 6º ano acerca do que eu propus foi bom, ou, pelo menos, dentro do que poderia esperar. Isso porque por diversas vezes me pediram mais detalhes em privado, mas não mais do que eu me lembro de estudantes pedirem em alguma situação semelhante. Sei que somente um aluno, quiçá dentre todas as três turmas, pediu educadamente se poderia responder ao Roteiro, ao que eu consenti, sem problema algum. Essa simples negação à atividade prática e também à adoção do comportamento da manada, tão humilde, por si, ainda que insuficiente para, de fato, deduzir algo sobre o ego desse garoto, permite que eu gere diversas hipóteses sobre o modo dele de operar e de ver o mundo. Sendo assim, embora ele não tenha percebido, também contribuiu para que eu o conhecesse um pouco melhor a partir daquele dia.

Outro caso marcante nessa mesma turma foi o de dois meninos que sentaram-se juntos, apenas os dois, em uma mesa mais afastada para trabalhar. Pela forma como interagem, pude notar que eram realmente amigos e, embora fossem, ainda, imaturos, de acordo com a idade que tinham, o relacionamento deles me pareceu bastante sadio. Riam um da cara do outro, sim, mas sempre juntos. Nada de piadas pesadas ou sabotagens de autoconfiança. Creio que justamente por isso, por estarem se divertindo tanto, mal prestaram atenção à minha fala. Quando passei pela mesa deles, vi que ambos desenhavam árvores, com bastante empolgação. Imediatamente estranhei, mas não os acusei de nada. Dividi com eles algumas macetes que eu conheço, em especial para fazer troncos, e, em seguida, perguntei o motivo da escolha daquela figura, ao que me responderam que gostavam de árvores e também da natureza. A justificativa me satisfez por algum tempo, mas não demorou para eu perceber que eles não tinham entendido o que era para fazer pois estavam conversando. Tomei a decisão de não intervir. Eles se dariam conta disso em algum momento. Além do mais, seus desenhos de árvores foram bem esmerados, então, não é como se não estivessem nem aí para a aula.

Um pouco mais tarde do que os outros, chegou, sozinho pelo corredor com sua mala de rodinhas, um aluno com síndrome de *down*. Era baixo, de pele pálida e olhos castanhos. Seu cabelo, loiro escuro, liso e grosso, fazia uma escovinha com a franja repicada em sua testa. O cumprimentei. Ele me respondeu

Figura 1 - O desenho que Marcellly fez de mim, ilustração de Luma Alonso



A imagem é uma manipulação digital da fotografia do desenho original, feito a lápis grafite sobre papel, de dimensões 29,7 x 42 cm (A3). Fonte: a autora (2022)

brevemente com um “oi” marrento enquanto fazia careta para mim, acho que por timidez ou até por achar esquisito uma pessoa nova ali, dando aula. Escolheu um lugar e se sentou. De novo, sozinho. Não quis a companhia de ninguém. Da mesma forma, nenhum dos demais estudantes se mobilizou para ir falar com ele. Eu fui lá, quase que em seguida, porque tinha de explicar o exercício. Já levei comigo algumas folhas de sulfite e um pote de sorvete contendo lápis coloridos, que pertenciam à própria sala de Artes da Escola (eu, sendo eu, aprendi bem cedo onde é que ficavam essas coisas). Disse o que era para fazer e voltei a rodar por entre as mesas para resolver dúvidas.

Passaram-se uns três minutos e eu me dei conta de que este menino estava parado, de pé, ao meu lado, me olhando enquanto eu falava com o pessoal. Terminei o assunto que eu tinha começado com alguém e me virei a ele, perguntando se precisava de alguma coisa. Ele fez sinal com a cabeça de que não. Imaginando que deveria existir um motivo para ele querer falar comigo, indaguei se ele havia feito seu desenho, e, dessa vez, ele fez que sim! Falei para voltarmos juntos à mesa, que eu queria dar uma olhada, e assim fizemos. Ele continuou me encarando enquanto eu comentava o trabalho: um retrato colorido de corpo inteiro, de cerca de 15 centímetros de comprimento, em posição de cruz, com a boca aberta, deslocado à esquerda da folha. A camiseta era vermelha e a calça, azul marinho. Achei curiosa a dimensão da imagem, porque ainda que não seja incomum que crianças desenhem figuras bem pequenas, naquela turma, não parecia ser a tendência. Na verdade, aquela era uma das menores. O fato de ele ter construído o corpo todo, a meu ver, também era um que destoava do padrão, porque, quando se pensa em retrato, geralmente se foca no rosto.

Gostei da solução pois foi incomum. Apesar disso, o aconselhei a fazer mais desenhos para a mesma proposta, porque, afinal, ainda sobrava bastante tempo de aula e não seria interessante que nenhum aluno ficasse ocioso por tão longos períodos. Por alguns instantes, ele ficou, ali, sentadinho na mesa dele. Notei que não desenhava. Acho que brincava com os lápis ou buscava se distrair de alguma maneira. Percebi que teria de conceber outra abordagem para esse aluno e, para ser honesta, não sabia se conseguiria fazer isso naquele dia. Eu estava tentando dar atenção a um grupo de, não sei, talvez umas trinta crianças, que constantemente me

solicitavam, enquanto, em segundo plano, tentava decifrar as necessidades daquele um menino. Quando percebi, ele já estava em pé, ao meu lado, mais uma vez.

— Oi, pode falar. — Novamente eu disse, quando tive a chance.

— Nada! — E, novamente, ele fez que não com a cabeça. Dessa vez, reproduzindo a caretinha marrenta que me fizera mais cedo quando o cumprimentei, como se estivesse irritado por eu ficar perguntando.

Provavelmente estava mesmo, então decidi parar de perguntar. Como havia pensado, eu não conseguiria fazer muita coisa com esse aluno sem entender primeiro como ele era. Creio que forçá-lo a se sentar na cadeira e desenhar traria malefícios maiores do que quaisquer benefícios que eventualmente pudessem surgir. Ele já tinha um trabalho adequado à proposta. Eu até já tinha visto. Não é como se ele fosse sair prejudicado por não ter participado da atividade, porque ele participou. Além disso, meu *feeling* era o de que não atrapalharia os outros alunos por estar simplesmente de pé ao meu lado. Pelo restante da aula, então, eu deixaria que ele ficasse ali. E eu, como sempre, observei seu comportamento, porque não sabia o que esperar dele. Me seguia a todo lugar e, quando eu parava para atender alguém, ele também parava. Não falava, apenas olhava. Nenhuma das outras crianças dirigia a palavra a ele.

Enfim, me distraí. Relaxei. Imaginei que ele fosse ficar repetindo aquele procedimento, então apenas segui com o meu, quase me esquecendo de que ele estava ali. Foi então que senti bem de leve meu cabelo balançar, lá embaixo, nas pontas. Com ele, um arrepio na espinha. Sabia que, para isso acontecer, tinha que ter alguém mexendo, no entanto, torci para que fosse um esbarrão acidental. Não era. Logo mais, senti de novo. Um acontecimento desse tipo é sempre alarmante para mim, porque sempre usei meu cabelo bem comprido e, como sou uma pessoa curta, ele chega facilmente à minha cintura e abaixo, lugares onde, naturalmente, eu não gosto de ser tocada por estranhos. Mesmo mais curto, o cabelo sempre passa por regiões íntimas do corpo, tais como as orelhas e o pescoço. Todas nas costas, onde eu não consigo ver a pessoa vindo e sempre me assusto. Se eu vejo alguém

vindo pela frente meter a mãozona no meu cabelo sem eu dar essa liberdade, como aconteceu uma vez no Colégio, eu fico irada, mas se é por trás, eu congelo.

Essa é uma reação que não consulta um processo racional e independe do ambiente que eu estiver, ou seja, ela vai ser igual numa balada, numa igreja ou numa sala de aula. Até porque a memória mais antiga que eu tenho disso acontecendo é, justamente, numa sala de aula. Tudo bem, não de 6° ano, como eu estava naquele momento, mas de 7°, quando eu tinha onze para doze anos de idade. Não sei se eu estava dormindo ou quase dormindo. Sei que era intervalo entre aulas e eu estava completamente distraída com algo quando senti uma perturbação no meu cabelo. Isso me fez imediatamente despertar e girar na cadeira para olhar quem é que estava me tocando. Era Wendel, um garoto da mesma idade e turma que eu, novo na escola. Nunca tinha interagido comigo antes. Continuou mexendo no meu cabelo quando eu me virei, mas mais perto da minha cabeça e rosto. Eu, paralisada de susto, só consegui encará-lo com os olhos arregalados enquanto ele me devolvia um semblante vazio, impossível de ler. Os cantos de sua boca curvavam de leve para cima e mais adiante, dois ou três amigos dele assistiam à ocorrência, rindo. Por esse motivo, preferi crescer acreditando apenas que queriam se divertir às custas do meu medo. De qualquer forma, é horrível.

Naquela manhã de sexta-feira, eu também precisaria quebrar o congelamento do meu corpo para descobrir o que acontecia, só que agora eu estava em uma posição completamente diferente. Reuni muita calma e me virei devagar. Vi que era Paulo, o menino com síndrome de *down* que me seguira a aula inteira, que balançava minhas mechas com as mãos. Me tranquilizei, pois agora eu ao menos sabia quem era. Nada disse a ele, mas mais uma vez ele me direcionou sua emblemática caretinha ao ser percebido. Com isso, decidi, de novo, deixá-lo fazer como quisesse, embora eu ainda não estivesse de todo confortável com aquele contato físico.

Por que fiz isso? Porque senti de cara que não havia malícia nas intenções do garoto. Agora você pode dizer que pensei assim só porque ele tinha síndrome de *down*. Que eu devo achar ninguém com um comprometimento cognitivo possa ser capaz de nenhuma coisa ruim. É aí que você se engana. Eu tenho um primo bem

Figura 2 - Wendel tocando em meu cabelo, ilustração de Luma Alonso



A imagem é uma manipulação digital da fotografia da pintura original, feita a lápis grafite, guache e caneta permanente sobre papel, de dimensões 21 x 29,7 cm (A4). Fonte: a autora (2023).

mais velho do que eu, que tem síndrome de *down*. Cresci vendo ele bater no meu irmão e nos outros homens da família, às vezes, sem eles terem feito, aparentemente, nada. Esse meu primo é muito forte e uma vez ele abriu, com as próprias mãos, um corte no supercílio de um outro primo nosso. Precisou dar pontos. Comigo, ele é possessivo. Fica com ciúmes quando apareço nas reuniões de família com homens, mesmo que sejam só amigos. Os trata mal e eu tenho medo que bata em alguém de fora um dia. Desde que eu era bem criança, ele também passa a mão em mim, me abraça e me beija à força. Ele frequenta uma instituição para pessoas com *down* e certa vez, em uma festa junina que teve lá, nossa tia correu para contar ao resto da família que ele simplesmente puxou uma outra afiliada que participava e deu um beijo na boca dela. Correu, não para que alguém tomasse uma providência, mas para que as pessoas rissem, como se houvesse de quê. “A menina, coitada: ‘eu acho que eu tô namorando agora...’”, relatou minha tia, gargalhando.

Em uma outra ocasião, esse meu primo levou, para um churrasco de domingo, um amigo dele da associação (portanto, também com *down*). Na época, os dois tinham um baile marcado e, conversando sobre entre eles, na nossa frente, o amigo falou que ia dançar comigo. Não que ia me **convidar** para dançar, mas que dançaria comigo. Ainda apontou o dedo para mim. Respondi somente: “tenho onze anos”. Eles tinham vinte e dois. Mas não estavam perguntando o que eu achava. Eu ia dançar com ele e pronto. Ele fixou essa ideia na cabeça e o meu primo foi na dele. Eu não lembro ao certo o que aconteceu àquela tarde, mas sei que eles passaram o tempo inteiro me seguindo e falando sobre a dança comigo. Falando que eu **tinha** que aceitar, porque ele queria. Eu devo ter me irritado em algum momento. Não sei como fiz com a festa, se não fui ou se fiquei ativamente evitando o rapaz. Meu primo me encheu a paciência sobre isso por um período, até se esquecer, mas, por algum motivo, de uns quatro anos para cá, ele se lembrou de tudo. Desde então, toda vez que nos vemos, ele me diz “Eu quero que você seja legal com meu melhor amigo. Você é grossa com ele. Ele quer namorar você. Você tem que namorar com ele”. Ele chega a reclamar do meu “comportamento” para a minha mãe, minha prima mais velha e minhas tias, para que falem comigo. Sempre tenho que esclarecer que não se trata de um ocorrido recente, mas de algo que aconteceu há treze anos, porque faz todo esse tempo que não vejo o amigo dele.

Todos diziam o mesmo: para que eu relevasse porque ele “não tem maldade”. Mas eu não gosto de passar por essas coisas. Por isso, o evito. Também por isso, me julgam. Mas eu lido da forma que eu posso. Quanto ao caso de Paulo, como eu disse, eu não vi nada de errado na maneira como ele tocava no meu cabelo. Percebi logo que não era para fazer eu me sentir mal. Na verdade, parecia que ele não queria nem que eu percebesse que ele estava ali. E outra coisa: não era o intuito dele tocar nas minhas costas, só no meu cabelo. Talvez só tivesse gostado da aparência e da textura dele mesmo. Como artista, sei o que é ter um forte impulso para encostar em coisas que aparentam ser interessantes ao toque. Também conheço bastante gente que é assim.

Pareceu que fosse realmente isso, porque quando voltei aos meus afazeres, notei que os tímidos toques progrediram para um passar de mão (volto a dizer, só pelo cabelo), lento, como o de quem acaricia um cão ou gato. Foi aí que pensei melhor no teor daquele gesto e eu compreendi: ele tinha gostado de mim. Até então, eu achava que não, julgando pelas frequentes caretinhas que me mandava, ficou óbvio com aquele carinho inocente. Ficou óbvio porque era a maneira dele de me dizer isto. Em outras palavras, ele estava me dando um sinal para eu me aproximar. Assim fiz. Ele estava de pé ao meu lado, então estiquei meu braço, peguei em seu ombro e fiz, também um carinho breve. Ele não deu contra. Quando o soltei, não demorou muito e ele pegou na minha mão. Dali até o fim da aula, fomos passando por todas as mesas de mãos dadas.

As crianças gostam de mim. Também gosto delas, mas não as trato de nenhuma maneira diferente. Entretanto, às vezes, acabo de conhecê-las e já querem vir no meu colo. Nem sempre entendo os motivos disso. Mas elas entendem. Sei que devo ter atitudes que as agradam. Sobre Paulo, penso se, mesmo ele tendo feito careta para mim em todas as vezes que eu perguntei se ele precisava de algo, ele não pôs reparo no fato de eu estar oferecendo ajuda a ele. Se, mesmo preferindo passar despercebido, ele não apreciou que eu o notei em tudo o que fazia. Se, de repente, mesmo não necessariamente querendo desenhar, ele não gostou que alguém se importou se ele estava fazendo ou não o exercício.

Eu não sei como esse menino era tratado na Anselmo e nem fiquei por tempo suficiente para descobrir. Mas eu o vi chegando sozinho por aquele corredor.

Quando deu o horário, diversos alunos me perguntaram aonde ir. Como eu já tinha participado de um período inteiro de aulas da Mira antes, supus que aquela parcela de tempo, logo antes do intervalo grande, seria, da mesma forma que era feito de tarde, destinada à Roda de Conversa, outro mecanismo pedagógico específico da Anselmo que eu conhecia superficialmente. Confesso que demorei para me agilizar, porque sequer passou pela minha cabeça que essa tarefa pudesse ser minha também. Antes tarde do que nunca, contudo, eu saí da sala de Artes, acompanhada da turma praticamente toda e busquei por alguém que pudesse me orientar. No átrio, duas professoras organizavam mesas. Me dirigi à mais jovem, que disse ser professora de Matemática, e expliquei a situação. Ela era excepcionalmente gentil. Me fez lembrar uma, também jovem e também legal, professora de Matemática que tive no Ensino Fundamental. Talvez esse seja um ponto marcante para mim porque, como nunca me dei bem nessa disciplina, pareça contraditório para mim que alguém gente boa possa se interessar tanto por ela assim a ponto de querer trabalhar com isso. É engraçado. Sei que existe gente que — com todo o direito — pensa isso das Artes.

Ela pediu à outra professora, a mais velha, que, se não me engano, era de Língua Portuguesa, para me escotar de volta à sala e me dar um *briefing* do que fazer. Já estávamos bem avançados no tempo destinado a essa dinâmica, então ela não falou muito. Disse para que as crianças dispusessem as cadeiras em um grande círculo e, basicamente, que eu poderia conversar com elas sobre qualquer coisa que eu achasse pertinente. De novo, bolei meu plano enquanto ela falava e, assim que saiu, fiz a proposta aos alunos. Pensei em fazer uma brincadeira ágil, que nos ajudasse a pensar, ainda que só um pouco, sobre o exercício que tínhamos acabado de fazer. Estava com todos os desenhos em mãos e exibiria, à turma toda, um trabalho de cada vez, até que alguém adivinhasse quem era o autor e explicasse como chegou a essa conclusão. Assim, de quebra, eu teria a oportunidade de entender melhor como eles se relacionavam enquanto grupo.

Eu diria que o jogo foi um sucesso. Primeiro, porque compraram a ideia, jogaram com muito gosto e alegria. Segundo, porque a natureza dos comentários que surgiram foi muito raramente cruel e eu sei que é uma proposta arriscada, que propicia o aparecimento de *bullying* (na medida que a justificativa de você saber quem é o criador do desenho remete, ou a uma característica física dessa pessoa, ou ao aspecto de seu traço) e, nesse sentido, já me dou por satisfeita de não ter ouvido nada de cunho machista, racista ou homofóbico. Terceiro, porque eu pude introjetar nas mentes deles a noção de que um retrato pode não ser hiper realista e, ainda assim, ser surpreendentemente fiel à pessoa retratada. Todos os desenhos foram associados aos seus donos em tempo, sem exceção. Mas, eu ganhei meu dia **mesmo** depois de dispensar todo mundo para o intervalo. Estava voltando com as cadeiras para os lugares quando um menino negro, pequenininho, de boné e camisa de time se aproximou de mim e disse, singelo:

— Foi muito legal a aula, professora, eu gostei muito. — E me deu um abraço.

Fiquei muitíssimo feliz. Foi fofo. Como eu disse, às vezes a gente nem sabe o que fez para agradar uma criança, mas elas sempre sabem o que fizemos para elas. Por mais que ele não tenha articulado as razões de ter apreciado a aula, eu já tenho um ponto de partida na informação de que ele gostou, um incentivo para seguir conduzindo minhas aulas do jeito que eu acredito, enfim, para continuar assim. Também sei que ele não vai se esquecer dessa aula tão cedo e isso me enche de satisfação. Eu não falava muito quando eu era aluna, mas, agora que penso nisso... Quantas aulas tão boas e, sem dúvida, muito melhores e mais preparadas que a minha, eu não aproveitei calada? Que criticasse as aulas ruins (também o fazia em silêncio), mas muitos professores e muitas aulas em específico, eu deveria ter elogiado, porque isso faz toda a diferença. Mereciam. Com certeza mereciam.

Passei o intervalo sozinha, como gosto, vagando pelo pátio, analisando as crianças e reconhecendo o espaço. O terreno era bem extenso. Até então, eu não fazia ideia do quanto. Descobri também um lugar cujo muro dava para a rua onde estacionei o meu carro. Trepei num banquinho de concreto fixo que tinha ali, para espiar se estava tudo bem com ele. Estava sim. Àquela altura, eu já não tinha mais ansiedade quanto àquilo. Na verdade, me sentia muito mais confiante em ser titular

por um dia. Pelas próximas duas aulas, dos sétimos anos, tudo o que eu precisava fazer era reaplicar o que eu já tinha feito, que tinha dado tão certo. Eu só não contava com o aparecimento de Mira, para me ajudar, no meio da minha terceira aula do dia.

Calorosa, como sempre, me deu um abraço apertado. Logo que entrava em sala, ela era uma presença marcante. Porque verbalmente expansiva, mas também por sua aparência... Colorida? É, acho que posso dizer que eu gostava do esquema de cores dela. Quando a conheci, tinha os cabelos curtos, crespos e loiros dourados. Sabia que eram pintados porque as raízes prateadas cresciam alguns dedos de comprimento. Esse indício, aliado às marcas do tempo que levava no rosto, me permitiam tentar estimar seus anos, apenas a título de curiosidade, visto que, na prática, as rugas lhe caíam bem. Emolduravam, acima, dois fúlgidos olhos verdes. Abaixo, um contagiante sorriso. Tudo ressaltado pela pele, que, queimada de sol, aproximava-se da cor de madeira vermelha crua. Vestia sempre roupas de tecidos leves, estampadas, também, de tons quentes; e, como eu, gostava de bolsas tiracolo, mas, de couro, tingidas. Se não me engano, era natural da Bahia.

Por um lado, foi bom vê-la, mas, por outro, fiquei frustrada por não poder mais trabalhar sozinha. Sem que eu falasse nada, ela me garantiu, entretanto, que não interferiria nos meus planos, mas que apenas reforçaria o que eu introduzisse. Agradei por ela ter vindo. As duas aulas fluíram sem grandes problemas, mas, parando para pensar, é possível que alguns dos mais velhos tenham ficado menos entusiasmados com a proposta. Mesmo assim, todos a acataram e fizeram seus desenhos. Até o pessoal zoeiro fez seus desenhos. Minha estratégia para lidar com alunos assim é entrar para a brincadeira, porque, de imediato, isso os pega de surpresa e, com o tempo, também fortalece o vínculo professor-aluno. Na época de Plácido, em que eu dava aula *online* em equipe com outras três Residentes para o 9º ano, também fazíamos isso. Foi uma época boa.

O deboche é a solução para vários problemas, mas não para todos. Houve uma situação pontual naquele dia em que eu precisei ser firme, embora eu não goste de fazer isso. Foi uma situação de *bullying*. Eu atendia uma mesa 100% masculina, saturada de componentes. Acho que tinha uns cinco. Não faziam nada

de errado até se aproximar de mim uma aluna, querendo me mostrar seu desenho. Não me lembro se tinha alguma dúvida ou se apenas queria apresentá-lo, mas dei minha devolutiva acompanhada de parabéns, porque estava muito bem executado. Ela sorriu para mim. Mas nada demorou para que o sorriso se convertesse em carranca, porque um dos meninos proferiu uma observação perversa tanto sobre o desenho quanto sobre a aparência dela. Note, nada no físico da garota se sobressaía para ele implicar. Na verdade, ela era o típico “padrãozinho”. Da mesma forma, nada em sua personalidade me pareceu antipático: ela estava me mostrando o desenho simplesmente porque eu pedi para que fizessem isso, não porque era metida. Ainda assim, o menino conseguiu achar uma forma de ofendê-la. Não lembro o que disse, mas talvez tenha insinuado que fosse feia. A aluna virou de costas e foi embora sem dizer uma palavra, enquanto ele e os amigos interromperam tudo para rir. Tamanha foi minha indignação que abri os braços e disse:

— Pô, meu... Por que você faz isso?

— É que ela gosta, professora.

— Ela tá com cara de que gosta?

Ele ficou em silêncio.

— Pensa um pouco sobre isso.

Pode ser que ele fosse afim dela. Eu pensei nisso na hora. Tem gente que flerta desse jeito e, do mesmo modo, tem gente do outro lado que curte esse tipo de abordagem, de fato. Eu, pessoalmente, acho um porre. Odeio quando me tratam mal e o principal, odeio quando me irritam de propósito. Sempre interpretei comentários rudes de meninos enquanto crescia como *bullying* e não como manifestações de interesse. E não é que eu ache que todos devam ser e pensar como eu. O que eu acredito é que é extremamente prejudicial ensinar as meninas que hostilidade é afeto - e, em conjunto, ensinar os meninos a pensarem que isso é demonstração de afeto e que podem agir assim sem nenhum tipo de consequência.

Depois de chamar a atenção dele, eu também saí de cena. A ideia era que realmente refletisse sobre a maneira como estava interagindo com a menina. Não sei dizer até que ponto minha intervenção foi eficaz. Suponho que, se tivesse mais tempo para desenvolver a problemática com ele, poderíamos chegar a um consenso. Contudo, essa é uma característica do formato da aula. Como na arte, cada técnica tem suas benesses e suas limitações, na escola também é assim. Uma aula expositiva pode ser altamente eficiente em transmitir conceitos gerais a um grande número de estudantes, mas, por definição, ela não promove o aprendizado prático. Em paralelo, uma oficina atende a essa necessidade com perfeição, mas torna mais difícil a comunicação com todos os alunos: o tempo é curto, tudo acontece em simultâneo e por isso, diversas demandas passam em branco.

Por sorte, é mais raro ignorá-las quando se convertem em casos recorrentes. Nessa terceira turma, também tinha um garoto que exigia constantemente a minha atenção. Ele era alto, prolixo, tinha a pele cor de âmbar, cabelos escuros bem curtos e os olhos pretos. Iniciava por “P’ssora” cada nova sentença que dirigia a mim. Me chamou por baixo umas dez vezes. Um garoto muito bom. Fascinado pela proposta. O legal foi quando ele se deu conta de que começou a fazer um desenho grande demais para a folha de sulfite que eu dei. Assim como Paulo, ele fez um autorretrato de corpo inteiro e ainda faltavam elementos cruciais da composição. Ao invés de amassar o papel e começar outro, ele me pediu outra folha, perguntou se poderia sair para pegar um grampeador, grampeou uma folha na outra e então terminou o desenho. Dei a ele muitos parabéns por isso. Achei uma solução inteligente, prática e totalmente fora da caixa. Mira também notou o que ele fez e concordou comigo.

Eu adoro quando surge um trabalho diferente de todos os outros. Não obrigatoriamente que se sobressaia por sua qualidade superior, mas que tenha algum atributo de destaque. Mesmo nas lições escolares que abrem mais espaço à criatividade, percebo uniformidade entre os projetos. Pedindo licença para emitir a minha opinião (mais enquanto estudante do que enquanto professora), creio que isso aconteça porque, desde muito pequenas, as crianças são treinadas para fazer tudo exatamente como os adultos mandam, em especial no ambiente da Escola. É por isso que, ao se depararem com uma proposta de exercício nova, bombardeiam o

professor, perguntando se podem fazer dos jeitos x, y ou z. “Vocês têm muito medo de errar”, bem disse certa vez a nós Marlene, nossa professora de Artes do Ensino Fundamental. Nunca me esqueci dessa fala, porque é verdadeira. Focamos tanto no que não se pode fazer que somos levados a acreditar que só há um caminho possível.

Na hora do almoço, o período enfim acabou e Mira e eu liberamos os alunos. Ficamos as duas conversando a sós por mais uns quinze minutos, momento no qual ela me parabenizou pela aula. Eu disse a ela que estava muito contente por ter tido essa oportunidade e que achava que o pessoal tinha gostado também. Lembro que, na posição de minha Preceptora, pediu para que eu formalizasse um plano escrito da proposta para anexar ao relatório quando o Projeto acabasse, dali a mais ou menos um mês. Na época, eu já estava assoberbada com o relatório e admito que não tinha intenção nenhuma de fazer essa outra tarefa, porque não era formalmente obrigatória. Acabei não fazendo mesmo. Não me julgue. Mesmo assim, eu escrevi bastante sobre essa experiência daquela manhã de sexta-feira. Hoje, percebo que faz quase um ano que ela aconteceu e ainda me lembro vividamente dela.

Na tarde daquela mesma sexta, quando eu chegava em casa da Anselmo, fui assaltada. Levaram minha *smartband*, meu celular, meu carrinho... Levaram até minha mochila, que só continha material de desenho, inclusive, um estojo muito bom que eu tinha desde os treze anos de idade e um caderno sem timbre que minha querida prima que mora no exterior trouxe para mim. Nesse caderno, estavam desenhos meus desde 2016. Perdidos para sempre. Tudo se foi. Só me deixaram com os desenhos das crianças, porque nada valiam para eles. Eu demorei para entender o que estava acontecendo. O clima daquelas aulas, tão boas, com alunos tão incríveis, havia me deixado em um humor tão bom que nem passou pela minha cabeça tomar uma dessas logo em seguida. Fui do céu ao inferno em questão de quarenta minutos.

Passei a semana inteira com os trabalhos guardados, em bloco, na minha estante. Hesitava em olhar para eles, talvez em uma tentativa subconsciente de afastar as memórias do assalto. Com a chegada da quinta-feira à noite, no entanto, pensei se não seria de bom tom visitá-los mais uma vez. Afinal, com a falta do

professor de Artes na semana anterior, o dia seguinte seria minha nova oportunidade de causar uma primeira boa impressão e conheço poucas formas mais eficientes de fazer isso do que demonstrando proatividade e comprometimento. Ademais, não é raro que eu tenha impulsos de produtividade aleatórios ao longo do dia. Decidi dar uma devolutiva por escrito em cada desenho, assim, supriríamos a necessidade de fechamento da atividade sem atropelar os planos que o professor provavelmente já tinha para a aula.

Fiz isso. Sentei-me dez horas da noite na minha mesa e comecei um minucioso exercício de interpretação de cada desenho. Alguns eram bem claros, até porque eu consenti que os que não estivessem seguros em desenhar, se apoiassem na escrita. Outras peças eram profundamente intrigantes e até mesmo desconcertantes. Lembro-me de um que é um rosto desenhado a canetão e rabiscado com tons de azul, roxo, vermelho e preto. Os olhos são bastante visíveis, mas manchas escuras marcam o que seria uma boca aberta e distorcida. O nome da aluna que o fez, Laila, foi escrito grande, em letras rústicas, em duas camadas sobrepostas de cores contrastantes, sugerindo um movimento frenético. As poucas pessoas a quem mostrei esse desenho ficaram espantadas com ele e até hoje ele também me assombra. Mas é muito belo. Descrevi no verso dele, a lápis, para não maculá-lo, meu apreço por ele e que queria ouvir mais sobre. Infelizmente, Laila não me contou suas ideias, mas, felizmente, ela me devolveria o desenho. O tenho até hoje.

Lembro de outro que me deixou profundamente triste. Na verdade, dizer que lembro é exagero, pois não foi o traço que me marcou, mas o que estava escrito. Era de uma garota que se achava feia. Não apenas ela se achava feia, como ela se achava burra. Não apenas ela se achava feia e burra, como não existiam muitas coisas das quais ela gostava. E isso estava tudo escrito para eu ler e lidar. Que bom que eu tive a ideia de escrever uma devolutiva, porque tanto ela não teria como falar sobre comigo em aula quanto eu não teria como respondê-la com o cuidado que ela merecia. Não digo isso por me preocupar em não atrapalhar o andamento da aula, mas tendo em vista a não-exposição da vulnerabilidade da criança. Por texto, eu poderia pensar, reformular e teria certeza de que ela leria, por mais desinteressada que pudesse pela escola. Sei disso, porque já fui uma criança com problemas

Figura 3 - O desenho de Laila, ilustração de Luma Alonso



A imagem é uma manipulação digital da fotografia do desenho original, feito a canetas esferográficas, hidrográficas e permanente sobre papel, de dimensões 29,7 x 42 cm (A3). Fonte: a autora (2022).

parecidos, que não queria estar em um ambiente escolar e que, ainda assim, quando um professor me estendia a mão, eu pegava.

Revirando a pasta dos desenhos que tenho dessas turmas, vejo que esse desenho não está mais comigo, ou seja, ela pegou de volta. Isso me dá esperança, porque acho que a garota guardou esse desenho. Se foi esse o caso, pode ser que eu tenha feito ela se sentir um pouco melhor naquele dia. Eu compreendo que a ordem dos problemas que ela estava enfrentando é muito maior e muito mais complexa do que isso e que minha função como professora não é ser psicóloga. Ainda que eu sinta que o ponto não é de resolver as questões internas de uma criança ou adolescente a quem lecionamos, se fazer presente e apoiá-los, oferecer um lugar de acolhimento a eles em um âmbito expandido da vida é sim, função do professor.

Agora, na manhã seguinte, eu tinha de organizar um jeito para que cada um pegasse o seu e lesse o seu recado sem atrapalhar as atividades novas que seriam postas. Para ajudar, como os alunos não identificaram a que turma pertenciam, estavam os desenhos das quatro turmas misturados. Fiz da forma que todos os professores sempre me ensinaram: deixei o bloco todo em um ponto acessível na frente da sala e escrevi na lousa em um cantinho “DESENHOS DA AULA PASSADA” com uma seta apontando para onde estavam. Simples e discreto, na medida do possível. Também, era uma das poucas formas de fazer o que eu queria, já que eu não poderia simplesmente distribuí-los, pois ainda não havia sido capaz de associar todos os nomes às pessoas.

O professor demorou de novo e eu cheguei a acreditar por alguns instantes que ele não viria mais uma vez. Vários alunos já haviam chegado quando ele finalmente deu as caras. Eu não sou muito de ficar imaginando pessoas cujas fisionomias eu não conheço (digo isso porque conheço muita gente pela *internet*), então eu não tinha uma expectativa para ele. Aquele então era o Leôncio e seria na minha mente, anotado. Me apressei a ir falar com ele, porque ele apenas entrou rapidamente na sala e foi para a frente. A minha presença, tão ruidosa para o olhar dos alunos, sequer foi notada por ele. Confesso que estranhei. Àquela altura, ele

estava mais do que avisado que eu viria. Podia ser que ele somente não tivesse me visto, mesmo...

Entrei no campo de visão dele enquanto ele, curvado, tirava as coisas de sua bolsa, só para ver se ele reagiria. Não tirou os olhos dos objetos. Um segundo de *feedback* negativo e eu intervi. O faria de qualquer maneira em algum momento, mas queria fazer esse teste.

— Bom dia, tudo bom?

Não respondeu e nem ao menos pareceu sorrir, mas, com isso, consegui fazê-lo olhar para mim. Continuei:

— Eu sou a estagiária da Residência que vai te acompanhar às sextas-feiras. Meu nome é Luma.

— Oi.

— Na semana passada, que você não veio, eu passei um exercício para eles fazerem um autorretrato se apresentando, porque eu não conhecia eles e tal. Eles me devolveram, eu fiz alguns comentários e deixei ali na estante — apontei — para eles pegarem de volta, tá? Eu até escrevi na lousa que os desenhos são ali para eles saberem.

— Tá bom.

Voltei para a cadeira em que eu estava sentada, tentando não pensar demais naquela interação. Provavelmente eu estaria interpretando mal, deveria ser apenas meu ímpeto para julgar as pessoas e minha propensão para me aborrecer. Ficaria ali esperando por instruções e, se fosse mesmo o caso de ele não ter gostado de mim de cara por algum motivo, seria minha nova meta provar a ele meu valor por meio do trabalho bem feito que eu sei que consigo fazer.

À distância, valendo-me do fato de que ele não olhava para lugar algum próximo a mim, eu observava cada movimento de Leôncio. Como gosto de fazer, também ocasionalmente olhava o que os alunos estavam fazendo, mas meu foco agora era decifrar aquele cara e aprender o mais rápido possível a como lidar com ele, para que eu pudesse ter ao menos uma parte das coisas como eu queria, já que não a situação ideal da semana passada.

O vi terminar de organizar seus pertences, então levantar-se e andar em direção a lousa. Fiquei esperta porque isso era um indicativo claro de que a aula poderia começar a qualquer instante. Ele tomou o apagador e começou a apagar as mínimas peças de informação anteriores que estavam descritas no quadro. Até aí tudo bem. Mas ele, sem sugerir qualquer dúvida, apagou a sinalização que eu tinha feito para mostrar onde estavam os desenhos.

Me chateei profundamente com aquilo. Não pelo ato de apagar em si. Se estivesse atrapalhando tanto (o que não estava), ele poderia ter me comunicado que apagaria. Ele é o professor titular, é ele quem manda na sala e, em última análise, a lousa é para o uso dele. Eu jamais faria uma cena por causa disso. O problema é que **eu havia acabado de falar** para ele que eu escrevi aquilo, então percebi que ele não tinha prestado atenção em uma palavra que eu disse. A partir de então, eu não pude deixar de pensar que minha liberdade criativa em sala seria assustadoramente limitada com ele ali dentro e que, provavelmente, não teríamos uma convivência muito agradável.

Uma vez com a lousa inteiramente a seu dispor, passou a preenchê-la. E quando eu digo “preenchê-la”, quero dizer que escreveu por ela **inteira**. Quase não havia um centímetro quadrado de lousa que não estivesse coberto por giz. Devo dizer que a letra dele não era das maiores, tampouco das mais legíveis. Copiava os registros de um caderno universitário que trouxe na bolsa, sem nada dizer e também sem olhar para a turma. Era como se fossem duas realidades paralelas, coexistindo sem terem noção uma da outra. O que tanto escrevia? As definições de ponto, linha e plano. Não as geométricas, evidentemente, porque estas podem ser resumidas, cada uma, em três linhas. Entendo que, para explicar a crianças, que estejam entrando em contato com esses conceitos pela primeira vez, talvez seja preciso

caprichar nas explicações. Mas eu encontrei problemas conceituais nas anotações dele. Nada aponte, é claro. Assumi que ele soubesse e estivesse empregando tais simplificações como dispositivo pedagógico.

Me reservei a assistir enquanto ele escrevia. É claro que isso consumiu enorme parte da aula e você deve estar se indagando se sobrou tempo para passar algum exercício. Na real, isso não estava nos planos de Leôncio. O que ele pensou para a aula foi tão simples quanto escrever as definições de ponto, linha e plano no quadro, ler para os alunos e deixá-los copiando. Só isso. Aula expositiva, sem discussão, sem atividade e sem lição de casa. Depois que terminava de ler, pegava seu *notebook* e se sentava em uma mesa perto da porta até a próxima turma entrar.

Até então, eu estava ainda preocupada em dar um jeito de devolver, sem chamar muita atenção, os desenhos que os alunos tinham feito comigo na semana passada. Posso dizer que, nesse sentido, eu estava, de certa forma, trabalhando contra o professor. Eu tinha um objetivo e ele tinha outro. Não é que exatamente se chocassem, mas estávamos disputando o mesmo curto tempo de aula e ele já não tinha cedido espaço para mim. Teria então que conquistar algum. Minha intenção não era a de ser desrespeitosa, mas, na época, me pareceu de extrema importância fazer com que os comentários chegassem às crianças, possivelmente pelo teor de alguns dos trabalhos que eu vi.

Como Leôncio estava distraído com o computador, eu tomei o bloco dos trabalhos da estante e passei a levar de mesa em mesa. Lembre-se de que, na Anselmo, os alunos se sentavam em grupos de até seis estudantes. Na sala de Artes, em mesas redondas. Não eram tantas. Mesmo não sabendo ainda quem era quem, eu poderia deixar o bloco por alguns minutos em cada uma até que todos os componentes pegassem seus respectivos desenhos. É, isso não atrapalharia demais... “Olha, eu vou deixar os desenhos da aula passada aqui. Eu fiz alguns comentários. Depois vocês pegam e leem...” Pareciam bem felizes em ter os seus trabalhos de volta. Conforme previa, isso os distraiu, na medida em que tiravam alguns instantes para conversar entre eles sobre o fato de que eu tinha escrito comentários. Reforcei para focarem na tarefa já imposta pelo titular.

Mas logo eu perceberia que aquele era o menor dos nossos problemas. “Em campo”, fui notando que as crianças tinham **muita** dificuldade em copiar a lousa. Lembro, tomando como base minha experiência antiga como estudante, que é comum que tenham, em geral, porque os que se sentam mais ao fundo da sala não conseguem enxergar o que está escrito. Isso estava, também, acontecendo naquela turma, em uma frequência razoável. Eu sabia quando esse era o caso, porque um aluno me perguntava pontualmente uma palavra, eu ia até a frente da sala, e a lia em voz alta. Contudo, 90% das dúvidas não eram da ordem oftálmica e eu comecei a perceber isso quando surgiram abundantes queixas sobre a letra cursiva com a qual Leôncio escrevera no quadro.

Veja bem: a letra cursiva de fato é formalmente introduzida na educação infantil um pouco mais tarde, porque ela apresenta maior grau de complexidade visual. “Mais tarde”, digo, entre os 6 e 8 anos, não aos 11. Pensei na pandemia. Aqueles eram os mesmos alunos que, na semana passada, sacaram os Roteiros para fazer por conta própria. Tão capazes... Vítimas de uma circunstância nefasta e de políticas mais nefastas ainda. Mas, como minha querida avó sempre diz, eu tinha que salvar a hora. Sem tempo para análises e lamentações. Recorri imediatamente ao professor oficial em sala no momento:

— Leôncio, as crianças não sabem ler letra cursiva. O que nós vamos fazer?

Com a expressão facial mais neutra que já vi, ele soltou uma baixa interjeição estandardizada e em seguida, se ausentou da sala por cerca de dois minutos. Quando voltou, chamou a atenção da turma para dar as diretrizes de como proceder. Ou assim eu esperava que fosse. Na verdade, ao entrar novamente pela porta, ele apenas se sentou mais uma vez na frente do *laptop*. Não me atualizou de nada, sequer soube o que ele fez. O tempo estava correndo. Eu não poderia contar somente com qualquer que fosse a medida que ele tenha tomado fora de sala.

Para o meu azar, cada aluno estava em um ponto diferente da escrita, então, o máximo que eu consegui fazer àquela altura foi ditar pequenos excertos individualmente quando a dúvida fosse demasiada, tal como fazemos com as palavras que eles não enxergam. O problema é que, no caso de frases mais longas,

isso consome tempo demais. Sei que meu cuidado foi meramente paliativo e que nem de longe afetou o estado geral da turma. Foi frustrante.

A próxima turma — aquela com a qual eu criei uma conexão especial na semana anterior — entrou em sala. O menininho de boné que então elogiara minha aula, me cumprimentou de novo com um abraço assim que entrou. Muito simpático, ele também apertou a mão de Leôncio. De resto, parecia que experimentaríamos a mesma angústia: as definições de ponto, linha e plano já estavam na lousa para serem copiadas, o professor apontou. Mais uma vez, a letra cursiva se revelou um problema e, mais uma vez, eu entreguei furtivamente os desenhos que tinha feito com eles.

Acontece que, quando fiz isso, nesta turma, houve uma repercussão ainda maior, provavelmente pela afinidade que tiveram comigo e com minha proposta. Leôncio percebeu que estavam comentando sobre os desenhos. Não só ele percebeu, como em dado momento ele se levantou e foi até a mesa onde eu os tinha deixado por último, então começou a folhear o bloco. Fiquei apreensiva. Ele poderia, naturalmente, não gostar da invasão, ainda mais durante o grave problema de leitura que estávamos enfrentando. Mas não, ele não se irritou. Logo veio conversar comigo:

— Esses são os desenhos que você fez com eles na semana passada?

— São sim.

— Qual foi a proposta, mesmo?

— Como era a minha primeira vez com eles e eu não os conhecia, eu pedi pra eles se apresentarem pra mim por meio de um desenho. Aí eu abri pra eles escreverem, também, fazerem personagens que gostam e tal.

— Que interessante. Eu nunca tinha pensado em desenho como forma de apresentação.

Foi aí que ele tomou uma atitude completamente inesperada. Ele pegou um dos desenhos na mão, foi até a frente da lousa, chamou a atenção da turma com a mão e disse o seguinte:

— Pessoal, vejam só: na semana passada, a professora Luma fez um desenho com vocês, no qual vocês tinham que se apresentar. Hoje ela trouxe esses desenhos de volta com alguns apontamentos. Então eu pensei em reservar uma parte do tempo da aula para devolver esses trabalhos a vocês, para vocês lerem e eventualmente fazerem alterações nos desenhos; e depois, na outra parte, vocês seguem fazendo o que eu pedi.

Fiquei estupefata com a rapidez com a qual a situação escalou. Poucos segundos atrás, eu não tinha nada. Agora eu tinha quase tudo. A colaboração espontânea do professor para resolver um dos meus problemas. O reconhecimento de que sou igual (“professora Luma”) e de que minha proposta era digna. A **comunicação**. Fiquei até constrangida. Mas francamente, não acho que tenha feito nada disso só para encher minha bola. Conhecendo o jeito do Leôncio, ele não faria isso. Se ele deu atenção ao que fiz, foi porque achou que deveria.

E devo dizer que o tempo que ele deu à continuidade da minha proposta foi bem generoso: vinte minutos, quase metade da aula. As crianças vibraram, reforçando minha crença de que práticas plásticas não eram tão comuns assim na Anselmo. O que me preocupou, todavia, foi que menos tempo para o resto da lição significaria mais dificuldade ainda para copiar a lousa. E isso me incomodava profundamente porque, se tinha uma aula inteira dedicada apenas àquelas três definições, elas certamente eram base para assuntos mais complexos no futuro. Por consequência, ter os registros daquele dia deveria ser fundamental.

E foi justo por essa suposição estar martelando no fundo da minha mente que meu coração apertou quando avistei um aluno com a folha do caderno toda em branco. Seus cabelos, pretos e cacheados, pendiam sobre o semblante triste com o qual fitava o vazio da página. Imediatamente eu soube que o motivo da alienação não era pura preguiça. Com sutileza, me aproximei:

— Tá tudo bem?

— Eu não sei escrever.

Gelo na espinha.

— O problema é a letra cursiva?

— Não, eu não sei ler, nem escrever.

— Tem alguém na sua casa que possa te ajudar a ler a anotação depois?

— Tem.

— Eu copio pra você.

Nisso, já faltavam menos de dez minutos para acabar a aula. Me sentei ali, peguei o lápis dele e desembestei a copiar. Faz sete anos completos que eu terminei o colégio, mas eu ainda escrevo à mão com alguma frequência, então não perdi, de todo, minha agilidade para isso. Minha caligrafia padrão é bastão. A plagiei de uma amiga que tive no Ensino Médio, a Catarina Miyazaki, que tinha uma letra linda. A minha não é tão bonita quanto a dela, mas é igualmente legível. Seria de uma leitura mais fácil para alguém que está aprendendo a ler.

Terminei a cópia em cima da hora, quando os alunos já se mobilizavam para ir ao recreio. Estavam quase todos com mochilas em mãos quando uma mulher alta que eu não conhecia entrou pela porta. Ela conversou em voz baixa com Leôncio por um breve período e depois eles explicaram o que ela estava fazendo ali. Basicamente, alguns estudantes seriam retidos durante o intervalo para passar por uma avaliação de leitura e escrita, que tinha como objetivo tentar medir o grau de defasagem da turma (e acredito que, por consequência, da escola) em relação a essas competências.

Pela fala, entendi que era um procedimento estatístico, mas ela tinha os nomes dos alunos que queria discriminados em uma lista e eram todos meninos. Uns seis ou sete. Aquele para quem copiei a lousa não estava na lista, ele foi liberado. Pensei se a vinda dela não tinha a ver com a saída de Leôncio na primeira aula, depois que eu avisei a ele que o pessoal não estava conseguindo ler a cursiva. Será que ele estava prestando atenção aos alunos que não estavam copiando a lousa devidamente e fornecendo os nomes deles para que ficassem retidos? Se era isso, eu não percebi nada. E claro, foi uma atitude, em muitos aspectos, louvável. Por um lado, é importante que a escola não feche os olhos para os problemas do corpo estudantil e formule soluções a longo prazo com base em dados precisos que dependem de maior minúcia para serem coletados. Por outro, soluções a curto prazo desempenham um papel fundamental na contenção de problemas.

Pensando, ainda, do ponto de vista dos alunos que apresentam bloqueios com a leitura e a escrita, não posso deixar de imaginar como esse processo é traumático. Não vou nem entrar no mérito da pandemia e do isolamento. Imagine, simplesmente, que você é uma criança que tem uma dificuldade incapacitante com um conceito escolar primordial. Você sabe que precisa saber aquilo para seguir em frente. No meu tempo, eu tinha dificuldade com Matemática. De extrema importância, mas eu ainda podia fugir dela em ao menos 70% do tempo. Agora, imagine não conseguir decodificar o código por meio do qual vêm todas as outras disciplinas. Certamente a pressão em casa vem e, na escola, você fica sem lanche só porque não entende aquela porcaria.

Eu dei uma olhada na avaliação. Tinha um texto relativamente extenso, de mais de meia página, e umas quatro perguntas. A mulher ficaria ali pelo intervalo todo, ela disse, até eles terminarem. Eu não me importaria de ficar lá também, olhando eles e resolvendo eventuais dúvidas, mas Leôncio veio falar comigo. Disse que os alunos do 9º ano estavam no pátio vendendo doces para arrecadar dinheiro para a formatura e me convidou a ir até lá espiar a quitanda deles. Fomos. Tinha bolo de cenoura com calda de chocolate, alguns tipos de docinhos de festa... Mas eu não estava com fome, não tinha o costume de comer pela manhã. O que me pegou, como sempre, foi ver que tinha brigadeiro. Eu adoro, ainda mais quando é caseiro.

Só que... Eu dificilmente ando com a minha carteira, ainda mais depois do assalto. Tenho meus cartões registrados em meu celular e pago tudo por aproximação (porque penso que se me roubarem de novo, ao menos me deixam os documentos). Perguntei às meninas se podia ser assim, mas elas aceitavam apenas dinheiro. Foi então que Leôncio comprou o brigadeiro para mim. Pegou um pedaço de bolo para si e ainda perguntou se eu não queria comer mais nada. Agradei. Fico sem jeito quando se oferecem para pagar coisas para mim. Sendo algo de valor pequeno, como o brigadeiro, nunca sei se devo me prontificar a devolver o dinheiro ou se isso soa avarento.

— Imagina, não precisa.

— Tudo bem, então... Obrigada.

Durante o extenso caminho de volta à sala de Artes, comemos e conversamos.

— Você faz que curso?

— Eu faço Artes Visuais.

— Ah, sim. Como é? O que vocês têm?

— Bom, eu sou da pintura. Tive várias técnicas de pintura, mas a gente tem ateliês de muitas coisas: gravura, serigrafia, marcenaria, serralheria, foto...

— Bacana. Eu fiz Artes Cênicas.

Naquele momento, a questão do ponto, da linha e do plano fez todo o sentido. No meu primeiro estágio, em 2020, acompanhei as aulas de Amândio Casemiro Oshima, um orientando de pós da Shanaya que também era das Cênicas. Ele trabalhava com 3º, 4º e 5º anos e suas aulas eram riquíssimas, contando com referências visuais que abrangiam desde a dança tradicional japonesa até

videoclipes de cultura *pop*. Lembro-me de uma na qual, depois de apresentar três exemplos em vídeo de danças ruidosamente diferentes, ele pediu para os alunos esboçarem coreografias a partir de pontos, correspondentes aos dançarinos em suas poses-chave, e linhas, que indicariam seus respectivos deslocamentos no espaço e movimentos corporais.

— Você gosta de desenhar? — Leôncio me perguntou.

— Sim, eu desenho desde sempre.

— Legal. Eu já tinha passado alguns desenhos para eles, mas nunca pensei em fazer desenho como apresentação. Achei muito interessante.

— Obrigada. Eu tive essa ideia na hora. Eu trabalho muito com retrato, então sempre acabo caindo nisso. E, como eu não conhecia eles...

— É... Semana passada eu não vim porque minha cachorrinha faleceu.

— Nossa, meus pêsames...

— Eu acordei e ela já estava morta. Aí eu não consegui fazer mais nada naquele dia.

— Sim, compreensível.

— É, e era uma cachorra que eu tinha desde a época em que eu morava com a minha mãe, então foi muito triste.

Recentemente, eu também perdi um cachorro que eu tinha desde os meus 11 anos de idade. Sei como é doloroso.

— Eu estou num momento da minha vida em que tô repensando várias coisas, sabe? — Ele prosseguiu — Mesmo de dar aula. Eu já faço isso há dez anos

e acho que já passou do ponto. Quero procurar outro trabalho pra fazer, focar em outras atividades...

— Eu entendo. Eu também não gostaria de dar aula pro resto da minha vida.

Naquela hora eu percebi que tínhamos muito mais em comum do que eu havia pensado de início e, talvez justo por identificar, em nível subconsciente, essas semelhanças — em especial no que concerne a relação com a Escola —, que eu tenha criado algumas restrições a ele na minha mente. Afinal, como bem notou Shanaya sobre mim certa vez: “você hesita em criticar a Escola na frente de nós, professores”. Eu não posso dizer, no entanto, que não fiquei racionalmente contrariada quando ouvi uma aluna do 7º ano que veio na aula seguinte dizer a mim:

— Você é a **cara** do professor! Olha só! Parecem até irmãos!

Não é que ele fosse feio, mas tínhamos pouco a ver em termos de aparência. Para ser justa com a garota, estávamos todos de máscara de proteção facial. Ela disse que os olhos eram muito parecidos e quiçá até fossem. Meus olhos são amendoados, mas os meus vincos oculares são gritantes e impressionantemente redondos, arquétipo um tanto comum. É, acho que os dele eram parecidos, sim. Talvez nossas expressões vazias. Mas o formato dos rosto e das sobrancelhas? Diferentes de por completo. Eu desconversei e não comentei nada com o Leôncio, supondo que ele gostaria tanto de se parecer comigo quanto eu com ele.

Esse incidente aconteceu logo antes de ele dar a ordem para o início da aula, enquanto eu fazia minha cotidiana caminhada por entre as mesas. Tal como eu fiz na semana anterior, Leôncio aproveitou o plano dos sextos para os sétimos. Tudo igual: ele retomou o meu exercício, dando um tempo para a leitura individual dos comentários e a revisão dos desenhos e pediu para que depois copiassem a lousa. Como a molecada era mais velha, eu não previa que eles também tivessem problemas com leitura e escrita. Mas tinham. Um monte de alunos, para falar a verdade.

Mais uma vez eu fui pedir orientação ao professor e, mais uma vez, ele estava ocupado com outras coisas no computador. Só que agora, eram crianças demais que não conseguiam cumprir a proposta. Àquela altura, deixá-las a esmo poderia comprometer a ordem em sala e até mesmo impedir que alunos de alfabetização integral copiassem a lousa. Eu **precisava** tomar uma atitude mais incisiva. Dei mais uma passada geral pela sala, procurei por aqueles que estavam com dificuldades e perguntei a eles a ordem de seus problemas. Dessa forma, pude determinar que, para o meu alívio, a maioria absoluta sabia ler e escrever, mas, assim como aconteceu no primeiro 6º ano do dia, a letra cursiva era um impeditivo.

O que eu fiz, então, foi sentar todos eles juntos, em uma mesa que estava vazia, mais ao canto da sala (vulgo a mesa que eu mais gostava de me sentar) e ditar para eles, em voz alta, o que estava escrito no quadro. Eu me lembro que, quando eu era bem pequena, eu tive uma professora, a Perdita, que sempre passava ditado para a gente. Eu odiava. Ela falava muito rápido e sentenças muito longas. Minha mãozinha não conseguia acompanhar e doía muito, porque sempre tive o traço muito firme e forçava demais. Para ajudar, os ditados de Perdita se iniciavam religiosamente aos dez minutos finais de aula. Ou seja, acabou, acabou: ela liberava e, se você não tivesse conseguido acompanhar, ficaria sem registro.

Naquela sexta, eu fiz de tudo para não colocar meus alunos sob esses mesmos estresses desnecessários. Falei bem alto, com a melhor dicção que pude entregar. Pausadamente... Checava se estavam todos conseguindo manter o ritmo. Para a minha sorte, conseguimos cobrir a lousa inteira bem rápido. Se não me engano, fiz isso nas duas turmas de 7º. Leôncio? Não disse nada sobre o assunto. Não disse nem que sim, nem que não, nem que gostou, nem que não gostou. Sequer me lembro de ele olhar para mim enquanto eu ditava.

É provável que eu me deixe envolver demais e que eu faça acomodações em excesso para os meus alunos às vezes. Talvez eu tenha feito isso algumas (ou várias) vezes na sexta-feira em que a manhã ficou toda para mim. Mas não nesta outra. Volto a dizer: resolver o problema da incapacidade daqueles alunos de produzirem os registros da aula era uma questão operacional de primeira necessidade. Mesmo que eu tenha me cansado e “mimado” eles, de certa forma,

pensei que seria mais importante terem as anotações para aulas futuras do que provar qualquer ponto que fosse.

Dito isso, apesar de, via de regra, eu não ser nada participativa em reuniões virtuais, eu trouxe o problema da alfabetização na aula de Artes para o grupo da Anselmo na chamada da semana seguinte. Mais uns dois outros Residentes também comentaram sobre situações parecidas. A professora Mira, que, na posição de nossa Preceptora, sempre participava desses encontros, demonstrou atenção às nossas queixas e disse que conversaria com Leôncio sobre a possibilidade de fazerem, juntos, coincidir os programas das turmas da manhã com os da tarde.

Na prática, isso significa que Leôncio abandonaria por completo e, sem mais nem menos, a questão do ponto, da linha e do plano para começar a falar, tal como Mira estava fazendo, sobre o Modernismo brasileiro (lembrando, era 2022, então vivíamos o centenário da Semana de Arte Moderna). E aí você me pergunta: como mudar o conteúdo das aulas resolveria o impedimento da leitura e escrita? Não resolveria. Sequer ajudaria com isso. O ponto é que as aulas de Mira quase não usavam a lousa...

Na terceira sexta-feira de manhã que fui para a Anselmo, então, a professora apareceu para nos ajudar a aplicar seus planos. A ideia era passar um áudio através de uma caixinha de som pela sala enquanto todas as crianças estivessem de olhos fechados e depois colocar em discussão as impressões delas sobre os sons contidos na faixa, que remetiam, basicamente, à paisagem sonora dos centros urbanos brasileiros há cem anos atrás. Na verdade, era uma produção específica para comemorar o centenário, mas isso não foi revelado de antemão aos alunos, imagino que para não suggestioná-los.

Era Leôncio quem balançava a caixa de som ao redor do espaço, e o fazia em ritmos e padrões de movimento diferentes a depender de qual fosse o barulho reproduzido. Pra ser sincera, eu não lembro muito do que tinha no áudio, mas uma coisa me incomodou profundamente. Uma parte considerável dele era composta de sons de trem, não apenas dos que as rodas da locomotiva fazem, mas também do agudo apito da buzina. Para agravar a situação (intencionalmente ou não, eu não

sei), a caixa de som que ele arrumou era grande, mas com baixo nível de fidelidade sonora. Fazia muito ruído, em especial quando o trem apitava.

E ele andava rápido pela sala com a caixa na mão para simular um trem viajando. O problema é que... o volume estava alto demais. Escutei cerca de cinco alunos se queixarem disso e chegou um momento que estava atormentando até mesmo a mim. Tentando brincar com a percepção espacial de som das crianças, Leôncio cismava também em puxar o aparelho perigosamente para perto dos ouvidos delas, gerando sustos e evasões instantâneas de cabeça.

Uma aluna não conseguiu nem se manter de olhos fechados. Precisou poder saber de onde viria o estridente som do apito que tanto lhe irritava. Ela lançava olhares apertados a Mira e a mim pedindo socorro e tampava os ouvidos com toda a força que tinha. Parecia estar prestes a esmagar a própria cabeça. Os dedos compridos e finos, engrenhados por entre as mechas de cabelo liso, ora bem preto, ora descolorido, me deram particularmente uma má impressão. Foi uma cena à qual eu não gostei nem um pouco de assistir. Leôncio notou o desconforto, mas esperou o fim do áudio para perguntar a ela:

— Tá tudo bem?

— Tava muito alto!

— Ah, você viu, Mira... Tava muito alto... — Ele zombou.

— É, só quando eles conversam que não é alto... — Prosseguiu Mira com o deboche, para a minha infeliz surpresa.

— É porque eles têm os ouvidos mais sensíveis que a gente.

Não sei se acharam que eu estava sendo sarcástica, mas desconversaram e pularam para o exercício de conversa. Eu estava falando sério. As crianças têm, sim, a audição mais potente e também mais frágil do que os adultos. Me lembro

Figura 4 - A garota do trem, ilustração de Luma Alonso



A imagem é uma manipulação digital da fotografia da pintura original, feita a lápis grafite, pastel oleoso, óleo de linhaça e canetas esferográfica e permanente sobre papel, de dimensões 29,7 x 42 cm (A3). Fonte: a autora (2022).

muito bem: quando eu era criança, a exposição contínua a barulhos altos me perturbava demasiadamente a ponto de eu sentir dor nos ouvidos e, tal como aquela menina fez naquele dia, por várias vezes eu cobri minhas orelhas tentando me proteger dos ruídos das salas de aula. Em uma das escolas em que estudei, a conversa chegava a ser uma patologia. Os alunos conversavam demais e falavam alto pra caramba, até gritavam. Eu não suportava ficar no meio. O grau de conversa dentro da Anselmo não chegava **nem aos pés** do que era nessa escola e, sendo franca, o considerei bastante saudável.

Daí que eu venho defender para você, Leitor, a importância de se ter jovens no corpo docente. Tenho a impressão de que, conforme vão ganhando experiência ao longo dos anos e experimentam os ossos do ofício, os professores vão se esquecendo de como é ser aluno. Poder dialogar com alguém que talvez não tenha tanta vivência, mas que tenha a formação e tenha frescas na memória as experiências infantis é extremamente benéfico porque, a meu ver, gera empatia entre educadores e educandos. Nem sempre é fácil e agradável, mas devemos todos estar no mesmo time.

Dito isso, embora eu achasse ter conquistado alguma parte do Leôncio quando, sem querer, o fiz se atentar para a minha proposta de aula; por mais várias vezes além dessa eu senti que estávamos, cada um, jogando em seu próprio lado. Não opostos infalivelmente, mas com objetivos distintos, isto é, não colaborativos. Em uma outra sexta, não sei precisar qual, a última turma de 7º ano da manhã estava realizando em silêncio alguma tarefa passada por ele, quando uma menina miudinha me chamou de canto:

— Eu menstruei hoje e eu tô com muita cólica... Você tem remédio pra me dar?

— Vixe... Pior que eu não tenho... Você quer dar um pulo na enfermaria?

— O quê?

Naquele momento eu percebi que eles não tinham enfermaria na escola. Onde eu fiz o Ensino Médio também não tinha porque uma estação dos bombeiros ficava a uma quadra do colégio. Quando alguém passava mal, eles chamavam os bombeiros...

— Você já perguntou para as suas colegas se elas têm?

— Posso perguntar... O meu pai falou que qualquer coisa ele pode vir me buscar.

— Tá, tudo bem. Eu vou falar com o professor.

Andei até a mesa em que ele estava sentado, mexendo no computador, ao lado da porta:

— Leôncio, tem uma aluna passando mal, com cólica.

— Nossa.

— Será que tem algum lugar onde ela pode pegar remédio ou sei lá?

— Não, a escola não pode dar remédio.

— Entendo... Talvez ela possa sair um pouco mais cedo? Ela disse que o pai poderia vir buscar ela.

— A aula já está acabando.

Minhas opções estavam se esgotando e era evidente que eu não conseguiria nada ali. Decepcionada e com tristeza pela garota, voltei até ela para resumir a conversa:

— Olha... Eu falei com o professor e ele me disse que a escola não pode te dar remédio... Ele também prefere não te liberar agora porque a aula já tá acabando. Você acha que consegue aguentar até a hora da saída...?

— Eu acho que consigo.

Como era de praxe, eu segui por um tempo passando por entre as mesas para olhar o que os alunos estavam fazendo. Periodicamente, estabelecia contato visual com a menina e fazia dois sinais de jóia com as mãos, para confirmar que ela estava tolerando a dor. Posso supor que ela só quisesse sair mais cedo da aula? Posso. Mas eu não gosto de fazer tais suposições. Teve uma vez que eu quase desmaiei de cólica menstrual no meio da aula. Só não aconteceu porque Catarina percebeu o quanto eu estava mal e me deu um comprimido. Hoje em dia minhas cólicas são leves, mas quem sou eu para estipular a intensidade da dor alheia? Tenho uma amiga que tem a síndrome do ovário policístico, por exemplo, e houve época em que ela, menstruada, não conseguia nem andar de dor.

A aluna me chamou de novo com a mão:

— Tem uma coisa que eu percebi que dá certo... Que é beber água quente. Posso fazer isso?

— Pode sim. Você sabe onde pegar água quente aqui na escola?

— Não...

— Eu também não... Mas fique à vontade pra sair, perguntar, ir no banheiro... O que precisar.

Eu não sei se ela chegou a sair. Sei que pouco tempo depois estava de volta, sem água e sem remédio. Sentou em seu lugar apertando a barriga com os braços cruzados e eu me senti ridiculamente impotente. Mal, terrível por deixá-la passar dor pelo resto da aula inteiro. Mas é isso, chegou um ponto que eu não sabia mais o que fazer, todas as minhas ideias acabaram. As que eu tive, não tinha poder, na

hierarquia escolar, para pôr em prática. Se uma situação tão natural, tão corriqueira dessas já foi capaz de despedaçar meu coração, imagino como não se sentem os professores de crianças em estado de vulnerabilidade social e situações-limite em geral.

Leôncio, por sua vez, não pareceu nem um pouco afetado. Mal tirou os olhos da tela para falar comigo. Seus problemas — e eu sei que ele tinha muitos — eram seus e os problemas dos alunos eram única e exclusivamente dos alunos. Nunca concordei com essa postura. Talvez a cereja do bolo, no entanto, tenha sido o acontecimento que eu vou relatar a seguir. Isso porque, olhando para trás, percebo que assumi uma série de posturas radicais e inesperadas justamente após esse outro dia, e que até agora nem eu compreendia exatamente por que fiz isso. Possivelmente, como fará sentido depois, por meses sequer quis parar para reviver a situação.

Deveríamos estar em uma das turmas de 6º ano, portanto, de novo, estudantes de cerca de 11 anos de idade. Sabe o que é engraçado? Eu escuto muita gente, muitos professores, tanto de carreira quanto em graduação, falarem mal dessa idade. Dizem que são maus, que não se comportam, que são muito hostis com seus semelhantes, entre outros motivos.

Sem romantismo nenhum? Acredito que em cada ciclo escolar os alunos têm sua qualidade especial e é justamente isso o que faz os professores optarem por dar aula a uma etapa em específico e talvez não a outra. Também acho que em todos os estágios eles vão demonstrar hostilidade, porque o ambiente escolar propicia o aparecimento desta. Durante a licenciatura, eu tive contato com praticamente todos os anos do Ensino Fundamental e não houve um sequer de que eu desgostasse. Quanto aos onze anos especificamente: no ano passado comecei a dar aulas particulares a uma garota dessa idade e posso afirmar que a troca de figurinhas que temos hoje é algo pelo qual fico aguardando durante a semana toda. Mas cabe um outro capítulo dedicado somente a ela.

Mas o que o Leôncio pensava sobre o sexto ano, se é que me cabe a arrogância de defini-lo? Me vem à mente, sim, um comentário direto que ele dirigiu a

mim sobre como uma daquelas turmas de sextos anos das sextas-feiras era difícil. Eu estranhei. Respondi que sinceramente nunca havia notado. Não posso garantir que era **àquela** turma em que houve o ocorrido a que estava se referindo (porque, como eu disse, jamais havia reparado em discrepância comportamental alguma, sequer comparando as turmas do sexto às do sétimo), mas a probabilidade de que sim me parece, dada a análise global da situação que faço agora, muito alta. Colocando em uma linha do tempo, não me soa improvável que tenhamos tido essa conversa durante o intervalo e que, logo em seguida, o sexto ano, na opinião dele, "problemático", tenha entrado em sala e tudo tenha acontecido.

Agora convém dar um certo crédito ao professor à medida que, de fato, ele sempre reservava os primeiros minutos de suas aulas para esperar a chegada e a acomodação da maioria dos alunos, visto que a grade horária não previa o deslocamento pelas dependências da escola (fato no mínimo polêmico, em se tratando do Projeto da Anselmo). Eu, valendo-me de que, neste intervalo eram permitidas conversas paralelas, jogos e brincadeiras, passeava por entre as mesas dispondo da oportunidade de manter contato mais próximo e casual com os estudantes; cumprimentava-os, discutia com eles seus interesses, via e avaliava seus desenhos... Crianças e adolescentes têm um jeito especial de gostar das coisas e eu acho bonito de ver: parece que ou eles são obcecados por algo ou eles o detestam. Admito que não raramente me pegava ouvindo as conversas alheias.

Em um desses meus exercícios de contemplação oportunista, notei que quase ao centro da sala, sentado sozinho e recurvado sob a mesa, um menino jogava em seu celular, sob a proteção emocional da limitada barreira física de uma grande mochila verde militar, posicionada como uma fortaleza ao redor dele. Em termos fisionômicos, nada me pareceu fora do padrão nesse garoto: tinha a pele clara; os cabelos ondulados eram mais loiros do que escuros; era alto, ainda que não enorme; e, em geral, via-se que era uma criança bem nutrida, embora não fosse gordo. A única coisa que me saltou aos olhos foi o fato de ele estar vestindo preto da cabeça aos pés e de todos os seus pertences ostentarem cores neutras ou muito escuras. Imediatamente fiquei com a impressão de que ele preferiria não estar ali.

Um indício claro de um embate esperando para acontecer, se é que aprendi algo com minha experiência empírica. A ansiedade me pegou: eu não queria testemunhar uma briga em sala de aula. Deveria observá-lo atentamente a uma distância segura para não correr risco de ser alvo de uma eventual projeção das frustrações dele. Mas... Tecnicamente, ele não estava fazendo nada de errado naquele momento. Se não gostar de ir à escola, ou, que seja, à aula de Artes, fosse um crime, eu não seria autoridade moral para julgar ninguém. Sempre mantenho isso em mente. Além disso, a aula sequer havia começado ainda. Quando o professor quisesse iniciar, eu chamaria a atenção dele educadamente, pensei comigo. Decidi me afastar e deixá-lo fazer suas coisas.

Também voltei a fazer as minhas, fuçando por quaisquer lances interessantes que os demais alunos pudessem estar armando. Mas quem diria que minha maior fonte de surpresa nessa segunda rodada seria novamente o menino, ao chamar direta e inequivocamente por mim? Fui atendê-lo sem demora (e sem parar de me indagar fulminantemente o motivo daquele contato) para enfim constatar que ele estava jogando Roblox, um *game* que, resumidamente, propõe a criação, a publicação e o usufruto de jogos pela e para a própria comunidade de usuários, e que eu não jogo, apesar de conhecer vagamente. Temi que a dúvida fosse sobre a *gameplay* e se, nesse caso, eu teria ferramentas para auxiliá-lo. Ele finalmente disse:

— Me ajuda a ler o que está escrito aqui?

Me desarme instantaneamente. O obstáculo: uma caixa de diálogo discriminando os requisitos para avançar na missão, redigida em sete linhas de inglês intermediário. Para mim tão simples, aquilo foi suficiente para uma criança tão misteriosa e isolada baixar a guarda e pedir ajuda. Na hora eu não conseguiria explicar, mas achei um gesto extremamente representativo de coragem e humildade da parte dele. Agora consigo enxergar o porquê: entendi que me identifico profundamente com essa criança e, como uma, eu sei, bem melhor do que me lembrava, o que é temer ser ridicularizada ou mesmo repreendida por suas dúvidas nas mãos de uma figura de autoridade, preferindo morrer com elas do que se sujeitar à possibilidade de sofrer tal humilhação — outro assunto que merece

páginas e mais páginas em um outro momento —. Compreendo que ele assumiu um risco ao falar comigo.

Com o baque das palavras dele, baixas, porém não necessariamente acanhadas, também me dei conta do quão mal o havia julgado de início. Ele podia querer se isolar do mundo exterior, mas naquela hora me convenci de que não por timidez. Tampouco aparentava ser por desprezo aos demais, vide o gesto que acabara de ter comigo. Talvez ele apenas quisesse ser deixado em paz, afinal de contas. E o que haveria de errado nisso? Houve vezes em que eu quis participar do coletivo, sim, mas quantas outras vezes mais, em meu tempo de criança, eu apenas queria ficar sozinha e surgia um adulto para tentar forçar convivências artificiais que raramente chegaram a algum lugar? Não fossem estes escritos, eu jamais saberia, mas estou condenando mentalmente crianças por serem como eu era.

Em uma grande felicidade, meu julgamento injusto ficou somente na minha cabeça por tempo suficiente para ser morto ainda dentro dela e, assim como o menino, não cheguei a **fazer** nada de errado. Desenvolvi automaticamente uma empatia muito grande por ele e sanei suas dúvidas com a melhor tradução simultânea que pude fazer. O cenário do *game* era relativamente simples: um calabouço medieval no qual o jogador deveria coletar uma certa quantidade de artefatos para avançar. Tudo muito típico: uma espada de fogo, uma maçã, uma estatueta antiga... Eu ia descrevendo cada um dos objetos e ele prestava atenção para não esquecê-los. Quando acabei de ler o texto, ele me agradeceu atentamente e eu o deixei voltar à sua empreitada, feliz pelo voto de confiança investido em mim.

Já era talvez a terceira semana que eu acompanhava Leôncio e eu já havia percebido, pela dinâmica que ele levava com as turmas, que ele jamais daria abertura para que algum estudante se sentisse confortável para conversar com ele sobre algo não relacionado à matéria, como havia sido o caso ali. Em geral, isso é facilmente perceptível desde os primeiros minutos da primeira aula, independente da escola e da disciplina, e eu não senti que havia essa abertura por parte dele em nenhum momento. As próprias crianças são o indicador: quando elas sentem que há essa liberdade, elas a tomam. Leôncio não dava. Sem eu precisar perguntar,

naquele mesmo recreio polêmico, ele me respondeu por que: estava cansado de dar aulas para o Ensino Básico, queria outra coisa para sua vida. Para ele, era a mesma coisa que um indigesto emprego burocrático, no qual se busca ativamente fazer o mínimo e depois bater em retirada para casa.

Enfim ele deu a ordem, sinalizando em específico para que todos guardassem os celulares, pois um tanto deles estava exposto naquela manhã. Notei que o garoto que havia pedido a minha ajuda continuava a jogar, na mesma posição. Minha interpretação, de cara, não foi a de que não tinha escutado a determinação, mas de que simplesmente optara por desobedecê-la. Isso não me colocou em conflito, minhas impressões sobre o menino estavam seladas. Como faria na esmagadora maioria das situações desse tipo, não interferi. Apenas segui com minha ronda ao redor da sala, reafirmando o pedido para que prestassem atenção.

Agora, que fique evidente: se eu dissesse que o restante do grupo seguiu comportando-se de forma exemplar, eu estaria mentindo. Eles guardaram os celulares, sim, mas também incidiram alguns, talvez dois, episódios de conversas paralelas em uma mesa isolada. Sem dúvida, isso compromete o dinamismo da aula, mas, francamente, devo dizer que o tópico de estudo escolhido em si já não colaborava (se é que havia um plano, era especialmente teórico, maçante e difuso). Além disso, dois curtos comentários a nível de cochicho estão longe de fazer crianças merecerem o título de transgressores incorrigíveis ou qualquer outro que o valha. Mesmo assim o mestre parecia fazer questão de indigitar cada pequena escapada, cada deslize, e com isso muito consumia não apenas o tempo de aula, mas também a disposição estudantil e por fim as suas próprias energias enquanto *performer* encarregado de reter toda a atenção da classe.

Não podendo ser de outra maneira, mal tendo chegado à metade da explicação do primeiro exercício, o professor já afigurava-se visivelmente irritado, mas finalmente os garotos do tititi agora estavam quietos. Leôncio, então, passou a espreitar a outra atitude que mais o incomodava: o uso de celular. Não vi se mais alguém o fazia no momento, entretanto, por óbvio ele não deixou passar em branco o caso daquele menino por quem eu criei apreço, afinal, estava na mesa de frente para a lousa, bem embaixo do nariz dele. Pediu diretamente para que o garoto

guardasse o aparelho, de início naquele típico tom chato de lamúria, aborrecido, suplicando por cooperação. O abordado se manteve com o corpo arciforme sob a mesa e protegido pelo forte de mochila que fez. Mal olhou para ele. Com seu jeito de que pouco se importava, além do mais porque era imperativo para avançar no conteúdo, Leôncio deu segmento à fala, ignorando o pouco caso que acabara de ter sido feito dele.

Não demorou quase nada, no entanto, para que caísse na tentação de enquadrar novamente a criança; no máximo uns cinco minutos. Dessa vez, o fez em um tom significativamente mais firme, com uma frase bem mais curta, menos persuasiva e mais imperativa, na fronteira entre uma recomendação e uma ameaça, se é que assim se pode colocar. Quanto ao menino? Não parecia poder se importar menos. As seguidas anti-respostas desafiadoras que ele entregava às demonstrações de autoridade professoral fizeram meu coração voltar a palpitar da mesma forma que quando o julguei pela primeira vez aquela manhã. Talvez ele não percebesse o que ia acontecer ou jamais tivesse passado por algo parecido, mas eu percebia. Talvez a um nível subconsciente ou menos ponderado, mas percebia e estava enlouquecendo com memórias ruins e a possibilidade de se repetirem. Sentia desesperadamente ter de fazer alguma coisa.

Me ocorreu que pela breve simpatia que cultivamos naquele dia, quem sabe ele me daria mais ouvidos do que dera ao titular. Sou razoável. Certamente éramos amigos agora... Decidi então passar na mesa dele depois dessa segunda chamada de atenção oficial e dar eu mesma uma advertência mais íntima. Agora, se já não o fiz com suficiência anteriormente, quero clarificar o método que procuro adotar quando protocolos desse tipo se fazem necessários: primeiramente, não concordo com a abordagem de um professor que tenta constantemente regular os comportamentos individuais dos alunos em sala. Indubitavelmente é preciso ter o mínimo de silêncio quando se quer a palavra, contudo, penso que ele não deve menosprezar as vozes dos que o escutam silenciando-as, mesmo que não apresentem relação imediata com o que está sendo proposto. Isso, simplesmente porque, mais ou menos lógicas, a linha de raciocínio humana se constrói sempre por associações e, enquanto artista, conhecendo visceralmente esse processo, eu não gostaria de interrompê-lo nas mentes de meus potenciais estudantes. Note que digo

isso para mim, em minhas aulas de Arte. Não tenho propriedade para ordenar que outros professores adotem semelhante trâmite nas demais matérias.

Quanto ao uso do celular, o encaro como o desempenho simultâneo de qualquer outra atividade silenciosa alheia ao orientado: para mim é similar a rabiscar a carteira, escrever bilhetes, estudar para outra disciplina ou fazer literalmente qualquer coisa desconexa. Penso que como titular não me incomodaria, desde que satisfatória maioria da turma estivesse aplicada às minhas dinâmicas. Se assim não fosse e na verdade quase todos estivessem aéreos ao que eu dissesse, consideraria, por outro lado, uma grave falha de **minha** parte, não porque não fui capaz de conter a massa por meio da força, mas porque não consegui planejar uma aula que capturasse o interesse deles, que dialogasse com seus repertórios prévios, que agregasse aos seus patrimônios culturais ou que ao menos os inspirasse a desenhar alguma coisa. Pode ser (e muito provavelmente é) uma fantasia super planificada, mas gosto de pensar que, dado tempo suficiente para estabelecer uma relação de confiança mútua com uma turma, a receptividade das partes para contribuições uma da outra virá naturalmente e que, com isso, o entusiasmo pelo momento da aula será continuamente renovado para todos.

Já se pode ver que não é do meu feitio coagir crianças. Ainda que puramente obrigá-las a se comportarem e a adotarem os regimentos supostamente necessários possa vir a resultar em algum ensino, para mim um que seja feito com base somente em regulação e disciplina injustificada é vazio de sentido. Principalmente na origem do processo de aprendizagem, julgo infinitamente mais importante que o aluno — criança ou adulto — enxergue motivos para aprender e que, em decorrência disso, desperte em si o fascínio que será sua motivação para seguir buscando pelo objeto de estudo. Em outras palavras, acredito que a vontade de aprender tenha que partir dos alunos e quero respeitar o tempo de cada um (porque creio, sim, que todos sejam plenamente aptos se encantarem pelo conhecimento latente de algo). Nesse sentido, forçar a atenção é, inclusive, contraproducente, porque pode, muito espontaneamente, induzir à resistência psicológica. Também sou prova viva disso.

É por conjecturar isso tudo que procuro deixá-los tão livres e autônomos quanto as estruturas burocráticas permitem e é justamente por isso que não poderia

fazer mais nada quando o menino também não honrou o meu pedido para que guardasse o celular durante o instante da explicação. Não entenda que recuei por mágoa, embora eu certamente estivesse esperando um resultado diferente. Observe que eu havia feito questão de me aproximar de forma completamente distinta das repreensões anteriores; com discrição, afabilidade, gentileza e boa fundamentação: abaixei-me à altura dele e expliquei bem baixinho que o professor só precisaria de alguns minutos e que depois ele poderia voltar a jogar. Se isso não foi capaz de convencê-lo a cooperar deliberadamente, todo o mais seria uma coerção, não havendo argumento ético para embarcar em teimosias orgulhosas.

Ainda assim, corro o risco de ter pensado em trair meus princípios à medida que a ansiedade se intensificava. A tensão reprimida de Leôncio já pairava pesadamente sobre toda a classe e agora mirava em mim também, já que, como temia, tinha me introduzido diretamente na linha de fogo entre ele e o menino. Meu receio não era o de levar uma bronca do professor, pois dada nossa relação acadêmico-profissional, nem acho que ele me daria uma, mas, como disse, eu não queria testemunhar uma briga em sala de aula, quanto mais de tão perto assim. Intentava sobretudo proteger o garoto de uma situação eventualmente muito traumática, é claro, mas não há como negar que assim eu me preservaria também do estresse de vê-lo passar por isso bem na minha frente. Afinal, nunca é agradável presenciar essas situações, mesmo que você não seja o alvo primário delas. Por mais que sentisse grande a pressão sobre mim, no entanto, eu não tive tempo de cogitar qual seria meu próximo passo para apaziguar os dois, porque pontualmente no segundo seguinte o conflito atingiria seu ponto de ruptura: com um único movimento moroso, Leôncio ergueu o punho cerrado cheio de ira e gritou, arregalando assustadoramente os olhos para o menino:

— EU JÁ FALEI PRA GUARDAR O CELULAR!

Como se alvejado no peito por uma bala, com o estrondo, o condenado murchou cambaleante para aterrar a cabeça por entre os braços, que cruzou sobre a mesa, soltando, assim, o pequeno dispositivo, raiz de tantos problemas. Tratei de ficar de pé com o susto, porque nem me levantado totalmente da altura dele eu tinha ainda, e busquei não demonstrar abalo, mas aquela tão grave cena de abatimento

Figura 5 - Leôncio, ilustração de Luma Alonso



A imagem é uma manipulação digital da fotografia da pintura original, feita a lápis grafite, pastel oleoso, óleo de linhaça e canetas esferográfica e permanente sobre papel, de dimensões 29,7 x 42 cm (A3). Fonte: a autora (2022).

moral de fato me perfurou com profundo pesar pelo acometido garoto. Todos os presentes ficaram em silêncio. A sonora tirania daquela voz impôs que fosse assim. Como sugerido há alguns parágrafos, vivi semelhante quadro trágico um sem número de vezes em meu passado distante e sem dúvida a pior parte é a em que os receptores aguardam impotentemente calados — ou silenciados — a hostilidade dos gritos que ainda estão por vir. O silêncio acaba por se tornar mais angustiante que o barulho, porque não se sabe por quanto tempo o respiro vai durar. Essa informação somente cabe ao algoz, imprevisível e alterado. Fatalmente, os segundos e terceiros berros vem:

— COMO É POSSÍVEL QUE VOCÊ SEJA TÃO SEM EDUCAÇÃO? EU FALEI **TRÊS VEZES** PRA GUARDAR O CELULAR...! SE VOCÊS NÃO CONSEGUEM TER RESPEITO, A GENTE **NÃO** VAI TER UMA RELAÇÃO HORIZONTALAQUI!

Tudo morreu. O assunto morreu, o celular morreu e o menino também. Mais uma breve pausa de silêncio excruciante e Leôncio poderia voltar a expelir seu tão precioso conteúdo programático como se nada tivesse acontecido. Agora mais confortavelmente, já que sem qualquer interferência do mínimo porém contraventor aparelhinho que jaziria intocado por todo o restante da lição sobre o obliterado forte de mochila. O menino, esse foi o que mais morreu. Violentamente vexado e reprimido, uma vez que se deitou sobre a mesa, permaneceu inerte. Não se levantou mais até a hora da saída e nada mais se pôde ver dele além das discretas roupas e de suas vastas madeixas, que juntamente com os braços cruzados, lhe protegiam o rosto. Não houve nada que se aproveitasse no restante daquela aula.

Na semana seguinte, adoeci. Naquela época, por ser de imediato após o período de férias, a demanda por testes de COVID era dramática, tornando inviável conseguir um diagnóstico com pouca antecedência. Sendo assim, ainda que viesse a descobrir depois que estava limpa, conforme a sexta-feira se aproximava, julguei que não valia a pena arriscar contaminar quiçá a escola inteira unicamente para marcar presença em uma aula na qual a atuação do estagiário era tão acessória quanto aquela. Mandeí uma mensagem a Leôncio, informando-o que estaria ausente, a que ele respondeu com um áudio que até hoje eu jamais ouvi. Em todas

as semanas posteriores, até a conclusão do Projeto, eu apenas não compareci mais às aulas dele. Sequer prestei satisfações. Não há uma boa desculpa: eu não tive força de vontade para ir. Olhando em retrospecto, ainda advirto da possibilidade de minha moléstia, convenientemente cronometrada, não ter passado de uma psicossomatização. Mas por que aquele episódio do menino me estremeceu tanto? Creio que testemunhar de novo uma cena assim depois dos três anos de intensa desconstrução que vivi na licenciatura, como se absolutamente nada tivesse mudado na escola brasileira durante uma década inteira, esvaziou para mim o sentido de estar lá.

Leôncio não procurou por mim quando sumi, o que não me surpreende, para ser sincera. Não éramos amigos e ele nunca se importou comigo. É uma pena que nossa curta relação tenha sido tão entediante, mas entendo que o motivo não tenha sido impreterivelmente pessoal, e que na verdade, são grandes as chances de que ele só não estivesse muito motivado a conhecer gente nova e a desenvolver grandes projetos educacionais (essa última parte eu já confessei que também não estava, em virtude do iminente término da Residência). Não sou tola a ponto de achar que os professores não têm pretexto para se sentirem esgotados, apáticos e putos. Sei que eles têm, e muito; em especial — mas não somente, por óbvio — os da rede pública. Tudo o que eu acho é que eles não devem descontar suas insatisfações nos alunos, porque estes também são dos, senão os mais brutalmente atingidos, pelos diversos mecanismos falhos e predatórios nos quais o sistema educacional é alicerçado.

O que me enfurece neste caso em particular é o seguinte: o intuito do professor não era benevolente. Não foi apenas uma explosão acidental de *tough love* e sentimentos bem intencionados. Na verdade, nunca foi sobre fazer esse menino prestar atenção. Se fosse, o desfecho da bronca jamais poderia ter sido satisfatório. Mas ele aparentou ser suficiente para Leôncio e isso beira, para mim, a obscenidade. Ainda que ele tivesse se excedido tanto, se houvesse um afinco visível para resgatar a participação do aluno, eu seria bastante mais gentil com minhas palavras. Todavia, honestamente, não sinto que tenha sido esta a circunstância. Ele claramente desejou de modo obstinado, quase que por capricho, que não se fizesse uso do celular, mesmo que em silêncio e de maneira privada, e, quando

desobedecido, **forçou** o cumprimento de sua vontade de forma arbitrária, desequilibrada e agressiva, desrespeitando totalmente a condição de desenvolvimento cognitivo do público de educandos com quem estava lidando e desconsiderando os possíveis impactos emocionais que levantar o tom de voz poderia causar a eles.

Toda a turma se fere quando um professor grita com um aluno. Não digo isso por necessariamente apostar na empatia estudantil, mas porque é uma situação extremamente penosa que, devido ao compartilhamento do espaço físico, constrange todos à participação. Fora isso, não são raras as vezes em que o professor que briga com um universaliza a responsabilidade pelo motivo da intimidação aos demais. Leôncio fez isso: vociferou inquestionavelmente ao menino de preto por não ter guardado o celular, mas finalizou a sentença ameaçando que se o **grupo** não fosse competente a ter respeito por ele, **ninguém** disporia de uma relação horizontal. Na minha época também era assim. Lembro-me de apenas um ou outro caso de um professor que costumava gritar muito mas acabara por desenvolver a suposta consciência de não generalizar. “Peço desculpas aos que não mereciam estar ouvindo isso...”, eles diziam, mas isso não os impedia de dizer. Também não os impedia de gritar. Comportado ou não, a punição vinha praticamente na mesma intensidade.

Me custa crer que dez ou até quinze anos separem esses acontecimentos. Você sabe, leitor, sou excepcionalmente crítica, ao ponto de beirar o cinismo, e sou uma crítica ferrenha da Escola como ela é em geral. De forma alguma esperei que todos os problemas escolares fossem sanados magicamente no intervalo de tempo em que eu me distanciei da instituição, até porque jamais foi meu objetivo voltar. Contudo, acho que eu acabei entrando em uma bolha em 2020, o meu primeiro ano de licenciatura. Naquele ponto, eu — e tantos outros colegas, penso — já estava muito mal acostumada à casual insensibilidade dos professores do bacharelado, e o contraste com o tratamento que passamos a receber da Shanaya e da Diná (a nossa outra professora da Licenciatura) foi desmedido. Fora elas, a maioria plena dos licenciandos veteranos também era surpreendentemente engajada, esforçada e gentil. Foi revigorante, como conhecer um outro mundo. Ainda relativamente pouco tempo depois, Shanaya nos introduziu à Anselmo, com seu projeto

político-pedagógico sem precedentes, e ao inigualável Plácido. Acho que após um ano e meio submersa nisso tudo eu simplesmente esqueci que professores gritavam com crianças.

Não vou agradecer pelo amargo lembrete e incentivar com isso a positividade tóxica, mas também não posso negar que um capítulo se encerrou com aquele evento. Hoje, me vejo muito mais próxima das memórias de escola dolorosas do que das boas e, assim, mais distante ainda da escola em si. Desde o princípio fui honesta com Shanaya, que não seria capaz de garantir que me tornaria uma professora. “Fujo da escola como o Diabo foge da Cruz”, disse eu a ela certa vez, em plena reunião de equipe da Residência Pedagógica, na frente de todos os colegas e, se não me engano, também de Plácido. Claro que tive vergonha em dizer, mas foram as palavras mais sinceras que meu coração poderia ter proferido, e saíram quase que de modo automático. Por causa dessa e de outras, ela sabe que tenho muitos traumas além do que Leôncio proporcionou à coleção, mas não sabe ao certo quais. É em parte para resolver essa dúvida que este livro existe e eu espero que os capítulos a seguir deem conta disso.

3 DOMUS OBLIVIO: A(S) PRIMEIRA(S) VEZ(ES) QUE EU PISEI NA ESCOLA COMO ALUNA

Leitor, você se lembra de quando eu falei que não me recordava com facilidade de muitos dos acontecimentos da minha vida relacionados à escola? Isso é realmente comum e, agora que escrevo este livro, corriqueiramente me deparo com situações ativadoras de memória que me proporcionam surpresas. Fatos que eu não diria ter esquecido por completo que, quando surgem, me veem muito frescos à mente, mas que, simplesmente, fazia muito tempo que não eram reproduzidos por ela. Penso mesmo que como eu poderia não ter pensado de imediato em tal memória, já que é tão vívida e tão pertinente, mas logo em seguida me dou conta de que faz todo o sentido: estava imaculada, porém adormecida de todo. Jamais teria sido reanimada se não fosse o disparador.

O exemplo no qual penso é o que eu quero usar para abrir este capítulo, porque ele é de fato muito pertinente. Serve até mesmo para criar mais um lembrete para mim mesma de como não posso me deixar cair em romantizações. Sei que faço isso porque estudar no Élodie, a segunda escola em que estudei, foi muito duro para e, até para efeitos dramáticos, sinto precisar criar uma oposição entre o ambiente escolar relativamente saudável da minha primeira escola e o inferno completo que foi essa segunda. Mas não podemos nos enganar: não foi apenas no Élodie que aconteceram absurdos. Nesse dia eu percebi isso.

Estava eu, já adulta, tomando café numa padaria com meus pais e meu irmão. Isso aconteceu no tempo presente, enquanto já escrevia este livro. Nessa padaria, gostamos de nos sentar na sacada para ver a rua e o carro. É apertado, porém agradável, com exceção ao fato de que a brinquedoteca do lugar fica nessa mesma sacada, o que significa: gritaria incessante. Pode soar muito arrogante da minha parte e talvez até seja mesmo, mas as crianças que frequentam esse lugar são terríveis. Não têm um pingote de educação. Certo que, em sua maioria, são muito pequenas, mas há algo de diferente com elas. Parece que se agradam em causar irritação e não se contentam em não chamar a atenção de absolutamente todos os

presentes. Talvez isso me incomode em particular porque eu sempre fui uma criança muito quieta.

Percebo que estas sentem prazer, inclusive na agressividade. Gritam com os pais quando não ganham o que querem, verdadeiras mimadas. Vale lembrar que essa padaria fica no mesmo bairro onde estão localizadas as minhas duas primeiras escolas. Até hoje tenho ranço dos habitantes desse bairro. Em todo caso, lá estávamos. As crianças gritavam muito e os pais nada faziam. Foi então que meu pai, sempre muito debochado, sugeriu, por brincadeira, tapar as bocas delas com fita adesiva. Foi então que eu me lembrei e comentei, na maior naturalidade do mundo:

— Teve uma professora no Domus que fez isso. Ela pegou fita crepe e foi tapando a boca de todas as crianças da sala.

— Que horror! — Minha mãe me olhou chocada — A sua também?!

— Sim, de todo mundo.

— Mas você nem falava!

— Pois é... Mas foi de todo mundo.

— Por que você não me contou? Eu ia lá brigar!

Por que eu não contei? Ora, porque, até então, eu nunca tinha visto problema nenhum naquilo. Na época, eu era pequena. Devia ter uns seis, no máximo, sete anos. Para você ter noção, ainda se falava em jardins de infância. Era nessa fase escolar em que eu estava. A professora fez tudo em clima de brincadeira (ao menos foi assim que eu interpretei). Realmente, tal como é digno das crianças do bairro, a minha turma não ficava em silêncio por um segundo e ela devia estar de saco cheio. Eu, como minha mãe ressaltou, não falava uma palavra. Já sabia falar com essa idade, é claro, mas sabia que falar em ambiente de escola não era o **certo**, então, não o fazia. Intensificando o clima de brincadeira, de dinâmica em grupo, por assim

dizer, a professora não fez distinção entre os mais tagarelas e os mais quietos: colou os lábios de todos.

Lembro-me claramente. Era fim de aula e ela passou com um rolo rasgando pedaços entre os dedos e estampando nos rostos de cada um dos alunos. Que me lembre, a garotada ria. Também foi efetivo. Fora as gargalhadas, ficamos em silêncio pelos minutos de aula restantes. Talvez pela agonia que causava a sensação da cola em contato com a pele (essa cola fraca de fita crepe que não gruda bem em pele e começa a enrolar as pontas), estávamos todos loucos para arrancar a fita, mas, com aquela idade, nada fazíamos sem a permissão da professora. Alguns, mesmo que inconscientemente, a pressionavam perguntando repetidamente se já podiam tirar. Outros, como sempre, apenas sofriam em silêncio.

Enfim ela deixou porque já daria a hora de ir embora. Mas uma cena me marcou profundamente. Uma garota, Gisele era o seu nome, se não me engano, também muito quieta, tanto quanto eu, não removeu a fita. Permaneceu com ela enquanto guardava o material, levando também uma expressão séria no rosto. O grupo de suas amigas não se demorou a inquiri-la sobre o motivo. Eu, calada, porém curiosa, logo me juntei para ouvir.

Não sei ao certo que palavras usou, mas a justificativa que deu foi uma verdadeira lição de moral sobre como nós, alunos, deveríamos fazer silêncio em respeito à professora e por isso que ela manteria a fita sobre sua boca. Tamanho foi o ar de superioridade que aquela garota passou para nós dizendo aquilo, tamanha era a indignação passivo-agressiva que ela transparecia, que eu me convenci de seu argumento, corri atrás de meu pedaço de fita e o posicionei de volta no lugar. Queria ir para casa com a fita na boca, assim como ela disse que faria, pois achei muito nobre a sua atitude. Só não me atentei para a contradição contida no fato de que, para nos explicar seu bravo gesto de protesto, ela frequentemente precisou tirar e recolocar a fita, pois caso contrário não conseguiria se fazer ouvir por nós.

A minha, perdendo a cola por causa da remoção anterior, também caiu por completo antes mesmo de eu chegar na saída da escola. A dela, eu já não sei. Como tanto do que vivemos em sala, aquela foi uma das experiências cuja

Figura 6 - Giselle e a fita, ilustração de Luma Alonso



A imagem é uma manipulação digital da fotografia da pintura original, feita a lápis grafite, guache e caneta permanente sobre papel, de dimensões 29,7 x 42 cm (A3). Fonte: a autora (2023).

importância não se estendeu para o resto do dia, por isso ela acabou caindo no fundo do baú da minha memória. Estou contando ela aqui porque, apesar de eu nunca ter achado que foi nada demais, o peso que minha mãe atribuiu à situação quando ela ficou sabendo durante aquele café da manhã me assustou um pouco. Meu pai apenas ria. Não considero sua opinião muito confiável, porque ele fez parte de uma geração que recebia castigos físicos nas escolas e já disse explicitamente que considera o abuso essencial para que as crianças fortaleçam seu controle emocional (tanto que em casa até hoje ele mal dá trégua para nós com piadinhas de mau gosto e afins). Quanto à minha mãe, ao mesmo passo que por vezes, não leva a sério situações que a minha geração considera gravíssimas, por outro lado, em outras ocasiões, surta com questões aparentemente simples.

Sem saber como interpretar o caso, tive a brilhante ideia de jogar a discussão na *internet* para receber opiniões. Postei um *status* para alguns de meus contatos explicando o cenário e perguntando inicialmente apenas se achavam problemático. Em poucos minutos, recebi várias respostas, todas defendendo que sim, que **obviamente** era um cenário problemático. A cada uma delas, repliquei que, embora não discordasse, gostaria de ler motivos para tanto e não demorou para que eu me sentisse na necessidade de publicar também uma retratação geral explicando a minha posição, que aquilo tinha acontecido comigo quando eu estudava e que eu apenas queria ouvir argumentos, porque eu nunca tinha pensado sobre.

Você provavelmente também está estupefato com a possibilidade de eu ter achado que receberia uma resposta diferente de “sim, óbvio”, mas a questão é que, mesmo hoje, depois de ter refletido muito sobre, depois de ter analisado todos os argumentos e conhecido alguns dos possíveis efeitos psicológicos que essa atitude pode desencadear em crianças, para mim ainda não é totalmente óbvio. Não é algo que eu, como professora, reproduziria em sala de aula, mas não chega, para mim a soar como tão repulsivo quanto sou para todos aqueles que se deram ao trabalho de responder à minha pergunta. Não soa tão indiscutivelmente errado quanto bater em um filhote de cachorro (para trazer um exemplo em que o menor número possível de pessoas discorde). E não é porque eu defenda este tipo de comportamento, não (aliás, muito pelo contrário). É simplesmente porque uma figura

de autoridade fez isso comigo quando eu era muito pequena e eu cresci achando que era normal.

Parando bem para pensar, não era esse o único indício de que a minha vida no Domus também não foi fácil. Quanto mais eu forço a memória, mais eu pesco histórias cabeludas, frequentemente piores que as que vivi no Élodie. Aqui vai uma: certa vez, eu deveria estar no 1° ou 2° ano do Ensino Fundamental, voltamos do recreio e fomos surpreendidos por nossa professora furiosa. Naquela época, ainda tínhamos aulas com polivalentes e, se não estou enganada, era a Perdita, aquela que tinha predileção por dar ditados aos finais das aulas. As lembranças que eu tenho dela, são, em maioria, de momentos de firmeza, sarcasmo ou cinismo. Mas, estranhamente... Eu gostava dela? Meus colegas também. Era um consenso que era legal, apesar de seu jeito bruto.

Enfim, ela entrou em sala com o satanás no couro. O clima do ambiente mudou assim que ela passou pela porta. Eu já era uma aluna bem mansa, então não me preocupei com a possibilidade de levar bronca. Qual não foi a minha surpresa, então, quando um dos primeiros nomes que ela chamou foi o meu:

— Luma, você sabe de alguma coisa?

— Eu?!

— Você é amiga da Maria Emília? Ou da Marilda?

— Eu sou amiga das duas, mas eu não sei do que você tá falando.

A Maria Emília era uma menina beijuda, prolixa, filha de uma das professoras de Ciências do colégio. Ela falava demais para o meu gosto quieto e me ligava no meio da tarde. Nunca apreciei falar ao telefone. Já a Marilda é uma garota doce, descendente de armênios. Ainda somos amigas, mas hoje ela mora no exterior. Lembro-me de um dia que fui com o Mauro até a casa dela fazer umas pinturas por encomenda... Quando éramos pequenas, as duas não se bicavam por algum motivo

(acho que a implicância partia de Maria Emília, porque me lembro de ela brigar com outra garota, a Vitória, em outra época). Como eu falei, eu era amiguinha das duas.

E eu de fato não fazia ideia do que estava acontecendo. Felizmente, ninguém havia me contado nada. Sendo a boa fofoqueira que sou e ainda mais atenta pelo susto de ter sido chamada pela professora, escutei o caso com a maior atenção possível para captar todos os detalhes. Perdida tentou ser cautelosa ao tratar do assunto, mas creio que a ira por vezes tenha tomado o controle de sua língua.

A cena é que aparentemente a Maria Emília e as amigas mais próximas dela estavam se organizando para misturar uma série de produtos viscosos e de cheiro forte para jogar na Marilda. Fiquei em choque porque me soou muito extremo e perigoso. Na verdade, era mesmo. A professora colocou a possibilidade de a vítima ter alergias aos ingredientes da mistura para forçar o senso de empatia das meninas. Essa foi uma das minhas maiores preocupações, também. Eu sabia que Marilda tinha algumas restrições alimentares e não tomava refrigerantes. Não era difícil que ela tivesse muitas alergias. E ela tinha. Ouvi ela discutindo com Maria Emília que sim, era alérgica a um alvejante que elas iam colocar no balde. Isso poderia ter acabado muito mal.

Não sei como a informação chegou aos ouvidos de Perdita, mas, agora que me lembro, acho que toda a gangue da Maria Emília levou para casa uma merecida advertência. Eu não, porque não estava envolvida. Na verdade, eu sequer me considerava parte do grupo. Meu negócio era única e exclusivamente com ela. Não sei se na época tive a maturidade para cortar relações com a meliante. Com o tempo aprendi a fazer isso, ainda mais em caso de amigos valiosos estarem em jogo, mas, na época eu tinha entre 6 e 8 anos.

Esses foram os dois acontecimentos mais polêmicos que vivi no Domus. Não fique chateado, no Élodie tem mais. Agora que tirei essas coisas do caminho, devo te contar como era a minha rotina, porque mesmo quando não acontecia nada de excepcionalmente ruim, eu também não gostava de ir à escola. O Domus Oblivio foi a primeira instituição de ensino que frequentei e fiquei nele até o 2º ano do Fundamental. Era uma escola de bairro, mas com infraestrutura relativamente boa.

O material didático distribuído era de um grande e famoso sistema de ensino que tem por aí. O colégio também contava com duas unidades: o Domus Júnior, para o jardim de infância, e o Domus regular, em outro endereço a uns dois quilômetros dali, onde era oferecido o Ensino Fundamental completo e eu acho que também o Ensino Médio.

Ainda passo de carro na frente do Domus Júnior — portanto, a primeira escola em que estudei — com alguma frequência, porque é muito perto da minha casa. Fica no mesmo endereço que há vinte anos atrás, instalado em uma antiga casinha de número 666, em frente a uma escola pública, em um pedaço bastante residencial, numa rua que tem feira aos sábados. O segurança que guarda a porta também é o mesmo: um senhor parrudo, me parece descendente de indígenas, de bigode cheio e cabelo preto, lambido. Sempre de camisa branca, calça preta e sapato social. Não envelheceu nadinha. Ainda não juntei coragem para ir visitar a escola.

Antes que eu possa prosseguir, é necessário que eu lhe forneça um pouco de contexto sobre a minha família imediata. Eu tenho um irmão que é quase da mesma idade que eu. O nome dele é Dídimio e é meu único irmão. Eu sou mais velha, mas nossa diferença de idade não chega aos doze meses. Nascemos em datas muito parecidas, também: eu em 13 de julho de 1998 e ele, em 14 de junho de 1999, o que significa que anualmente passamos a segunda metade do mês de junho e a primeira metade do mês de julho com a mesma idade em anos completos. Fora essas curiosidades que são ótimos quebra-gelos, nossa pouca diferença sempre nos manteve muito próximos como irmãos e amigos. Claro que, quando se é uma criança convivendo com outras crianças, se briga por motivos bestas e não era diferente conosco. Nos pegávamos no braço às vezes (e na mandíbula também), mas sabíamos que, quando um precisasse, o outro estaria lá.

Demoramos um bocado para começar a escola porque meu pai tinha dó de nos mandar tão pequenos. Não demoramos tanto assim, também. Foram nos matricular quando Dídimio tinha 3 e eu tinha 4 anos de idade. Na época, minha mãe queria nos colocar na mesma sala, já que éramos tão apegados. Além disso, como eu tinha pulado um ano de escola, eu poderia pegar do começo se fosse para o

Jardim I com meu irmão. No entanto, a administração do Domus desaconselhou a ideia, sob a justificativa de que me atrasaria demais. Eu fui para o Jardim II, então, e ele, para o I.

Me recordo, contudo, de receber, por parte das professoras e dos funcionários do Domus, uma abordagem humana com relação a essa dependência que nós tínhamos um do outro. Tenho um exemplo. Meu aniversário sempre caiu bem no meio dos períodos de férias, mas o do meu irmão, não. Quando havia aniversariantes no dia, os pais podiam organizar pequenas festas em sala. Nesses casos, eles não participavam, mas providenciaram comes e bebes para a turma do filho e, no momento oportuno, a professora puxava os parabéns. Lembro claramente que quando foi o aniversário do Dídimo, uma adulta me chamou. Me tirou da sala no meio da aula e me acompanhou à sala dele, que ficava em frente, para que eu pudesse participar da festa. Essa é uma memória feliz que tenho.

Sempre tive dificuldades em fazer amigos, então eu me apoiava, sim, em Dídimo. Sinto que ele, bem menos em mim, mas ainda gostava da minha companhia. Ele tinha alguns meninos com quem se dava e o pessoalzinho do Domus não era, em sua maioria, ruim. Claro que sempre há uma ou outra criança com quem antipatizamos. O dele se chamava Warren. A minha, Mallory. Eu fiquei com raiva dela porque tinha uma única casinha na escola inteira e ela e as amigas monopolizavam o brinquedo. Mesmo havendo espaço lá dentro, elas fechavam todas as portas e janelas para que mais nenhuma criança entrasse. Gritavam comigo quando eu tentava me aproximar... Enfim, me escuraçavam para longe.

Pode parecer bobo, mas eu ficava extremamente triste por não poder entrar na casinha. Não que fosse um brinquedo incrível. Na realidade, uma vez lá dentro, não tinha muito o que fazer para se distrair, já que eu não gostava de conversar. O que me incomodava nessa situação é que era de frequência diária e eu já percebia que estava condicionada ao fato de ser **eu** tentando entrar na casinha e não qualquer outra pessoa. Eu não sabia colocar nessas palavras, mas eu estava sendo excluída. É difícil para uma criança entender que algumas pessoas simplesmente não vão querer dividir o mesmo espaço que ela. Eu nunca tinha dissecado essa

memória da casinha, mas agora vejo que talvez ela tenha causado mais impacto na moldagem do meu ser do que eu estimei a princípio. E veja só, é uma coisa besta...

Eu nunca soube explicar direito de onde vinha a minha resistência exagerada em ir à escola, mas é provável que esse problema que tive com a Mallory e as amigas dela tenha sido um motivo. Não o único, claro. Consigo identificar outros. Para ser sincera, acho que foi como uma bola de neve. Talvez eu fosse uma criança um pouco mais tímida com gente desconhecida mesmo, aí fui excluída de brincar na casinha e me retraí mais um pouco. As professoras perceberam que eu me retraí e começaram a ativar e diretamente tentar corrigir minha timidez. Àquela altura eu já sentia que deveria ter algo de errado comigo para as meninas não me deixarem entrar e, com essa nova pressão das adultas consistentemente retomando a questão da timidez, eu passei a me sentir ainda mais desviante. Quisá por isso eu quisesse passar despercebida e, por isso, eu tenha me calado.

Em casa, eu agia normalmente. Inclusive eu conversava, até que bastante. Mas, na escola, por que falar? Por que chamar atenção para mim mesma? Nada de bom já tinha vindo daquelas interações sociais. Não. Bastaria cumprir a pena e ir embora. Todos os dias, depois da aula, eu e Dídimos íamos para a casa da nossa avó materna. Como nossos pais trabalhavam em empregos de período integral durante toda a nossa infância e adolescência, ela cuidava da gente. Nos buscava no Domus, fazia comida, nos dava banho... Na verdade, praticamente morávamos com ela, mesmo antes de começarmos a estudar: nossa mãe nos deixava lá de manhã antes de ir trabalhar e nos buscava à noite, depois do serviço. Depois de matriculados, o que mudou foi somente que ela passou a nos deixar na escola de manhã ao invés de na casa da avó.

Isso desencadeava alguns problemas. O primeiro deles é que, como éramos muito pequenos e víamos pouco os nossos pais, não queríamos nos separar deles de manhã, na porta do colégio. Eu, ao menos, sentia muito. Lembro de uma vez que nosso pai foi também nos levar — acho que porque nossa mãe daria uma carona a ele — e ele usou seu poder de persuasão para me convencer a sair do carro. Me disse que tinha um coelho lá dentro querendo me conhecer. Eu, em um breve exercício de raciocínio lógico, pensei que, se o coelho falou ao meu pai que queria

me conhecer, deveria ser uma pessoa e não um coelho, porque coelhos não falam. Se era uma pessoa com aparência de coelho, deveria ser alguém **vestido** de coelho e, se tinha um adulto vestido de coelho na escola, certamente é porque tinha algum evento acontecendo naquele dia. Uma festa à fantasia, quem sabe? Coelhos distribuem chocolates, também. Eu poderia ganhar um!

Chegando à conclusão de que os benefícios em potencial superavam os riscos, entrei para descobrir que o coelho de quem ele falava era apenas um coelho comum. Um coelho que eu **já** conhecia, inclusive: tanto no Domus Júnior quanto na unidade dos mais velhos, existiam alguns viveiros de animais, com cães, porquinhos da índia e, acertou, coelhos. Nada de festa à fantasia, nem de chocolates. Apenas mentiras. Ao menos eu descobri desde a mais tenra infância que quando o meu pai diz que falou ou que vai falar com alguma coisa, ele não quer dizer literalmente. Sim, ele faz isso com alguma constância. Por exemplo, se eu tenho um pote na mão cuja tampa está dura demais, ele me diz "passa pra cá que eu vou conversar com ela".

De todo modo, não sei se porque sabia que eu fazia pirraça para entrar, sempre que eu me atrasava para a aula, a professora cismava em fazer a turma cantar em coro uma musiquinha para me deixar em uma saia justa. Às vezes faziam a minha mãe ou o meu pai assistir enquanto cantavam e esperar a música chegar ao fim. Me lembro de três versos da música, que eram exatamente assim:

BOM DIA, LUMINHA, COMO VAAAAAAI?
FAAAREMOS O POSSÍVEL
PARA SERMOS BONS AMIGOS

Me pergunto em que ponto o motivo da minha pirraça passou a ser não querer entrar na sala de aula porque sabia que isso estava me esperando assim que eu pisasse lá. Também me pergunto, se o problema de chegar atrasado é desconcentrar o professor, o que atrapalha mais: uma criança calada entrando e se sentando ou parar a aula para mobilizar a sala inteira a cantar a plenos pulmões uma música inteira para zoar a criança? Tudo bem, talvez eu até tivesse responsabilidade pelo meu atraso. E quem não tinha? Quem se atrasou porque o pai ou a mãe enrolou para sair? Da próxima vez a criança pega o carro e vem, pra não

atrasar? Porque ela está sendo humilhada por algo sobre o qual não tem nenhum controle. Vexar constantemente não vai impedir que o mau comportamento aconteça, só vai gerar estresse. Como você viu, no meu caso, é até provável que essa música tenha me levado a me atrasar cada vez mais.

O outro problema de ficarmos com a nossa avó é que às vezes nossa mãe voltava muito tarde do trabalho e estava cansada demais para ir nos buscar. Dormíamos tranquilamente na casa de nossa avó, mas, se eu dissesse que não ficava triste por ser deixada de lado e por não ver meus pais, eu estaria mentindo, até porque o processo era agonizante. Qualquer buzina parecida com a do carro dela que ouvíssemos na rua já nos agitava, mesmo que no meio da tarde, porque tínhamos esperanças de que saísse mais cedo de surpresa. Raramente aconteceu. A noite ia caindo e ela ligava falando que "dali a pouco" apareceria no portão. Uma hora se passava. Nossa avó ligava para ela e ela dizia de novo o "daqui a pouco". Isso se repetia mais uma vez até ela admitir que não ia.

Além disso, conforme fomos ficando mais velhos e foi sendo exigido de nós maior volume de material didático, esse movimento pendular incerto entre as duas casas gerava uma confusão, em especial quando nossos pais decidiam de última hora nos deixar para dormir na casa de nossa avó, mas precisávamos de material que estava em nossa casa para fazer as tarefas. De quebra, nosso acompanhamento das aulas do dia seguinte era severamente prejudicado, porque estávamos com o material todo errado. Por que não carregar todo o material para a escola todos os dias, você me pergunta? Era muita coisa. A lista do Élodie era **imensa**. Teve até um ano que eu tive de levar uma lata de massa corrida para a escola. E outra: metade dos livros que faziam a gente comprar, acabavam nem sendo usados o ano inteiro. Era inviável subir as escadarias com tudo nas costas todos os dias, sendo que, só com o necessário, já pesava.

Não sei como Dídimo lidava com isso, mas creio que ele se sentisse tão injustiçado quanto eu, até porque levávamos bronca de nossas professoras por não fazer as lições e não trazer os livros ou apostilas. Era frustrante, porque eu achava o esquema familiar complexo demais para ser explicado na hora, em frente à exposição intimidadora da professora diante de toda turma, que passava a me

encarar em silêncio. O que eu diria? "Ah, professora, é que eu não moro na minha casa"? Ia precisar de muitas sentenças para fazer algum sentido dessa afirmação e eu não gostava de falar. Não me sentia confortável com isso. Embora questionasse o motivo de eu não ter feito a tarefa, ela não queria entender o meu lado, de qualquer jeito. Queria me humilhar publicamente para que fizesse da próxima vez. Acontece que, mesmo com medo da vergonha, eu não tinha condições **materiais** de fazer. Nunca contei o que acontecia a nenhum professor e continuou acontecendo até o Ensino Médio, no qual só tínhamos quatro apostilas.

Mas demorou para isso acontecer. Como eu disse, antes do Élodie, chegamos a estudar na unidade do Domus para os mais velhos. Eu fui para lá primeiro porque estava um ano acima. Essa unidade também existe até hoje no mesmo endereço, em frente a uma padaria, numa avenida estreita, porém bem animada. No começo do meu primeiro ano lá, eu estava com receio de ir para um ambiente novo sem meu irmão, que permaneceria, por mais um ano, no Júnior, para a pré-escola. Essa também foi uma questão para os nossos pais, porque embora as duas unidades sejam perto uma da outra, gastariam muito mais tempo para levar nós dois, ao mesmo horário, cada um em um endereço distinto.

Foi então que começamos a ir e voltar da escola de perua. A região da casa de nossa avó, que ficava no bairro vizinho ao da unidade maior do colégio, era atendida por Seu Benício e sua esposa, Dona Davina. Ele, muito senhor, de cabelos brancos e óculos de grau, dirigia o carro, enquanto ela embarcava e desembarcava as crianças. Ambos eram muito amáveis e amigos da nossa avó. Por aquele ano inteiro, eles buscaram Dídimos no Domus Júnior primeiro. Eu me encontrava com ele no carro.

Para a minha surpresa, ficar sem ele por perto não foi tão assustador quanto eu previa e eu me acostumei bem à nova rotina. Fiquei sabendo que receberíamos nossa primeira lição de casa e, no dia em que isso aconteceu, corri para fazê-la assim que cheguei em casa. Nem almocei. Queria me livrar dela o quanto antes. Só tinha umas três perguntas e, mesmo assim, levei um tempão para concluir. Eu já havia aprendido, com base nos desenhos animados que assistia, que lição de casa era uma coisa ruim, muito ruim. Já sabia que eu não poderia deixá-la por fazer, então, minha única saída era me acostumar a completá-la com velocidade.

Teria sido um ano letivo relativamente tranquilo se eu não tivesse começado, tão cedo, a ter problemas com a Matemática. Mais precisamente, com a divisão simples. Podiam me explicar quantas vezes fosse, eu não entendia. Logo no 1º ano do Fundamental, fiquei de recuperação e tive de ir à escola nas férias de verão. Minha mãe é administradora de empresas e meu pai é engenheiro, então perceba o ultraje que foi descobrir que eu seria fraca com números. Mais um traço da minha natureza que eu deveria lutar contra para atender às expectativas dos adultos.

Eu sabia que era vergonhoso ficar de recuperação, mas não havia nada que eu pudesse fazer. **Eu só não entendia a matéria**, mesmo tendo sempre sido de prestar muita atenção durante as aulas. Ao menos, meus pais compreenderam que o motivo de eu ter ido parar ali era genuína dificuldade e não preguiça. Então foram atrás de alguém que pudesse ter mais sucesso ao tentar me ensinar. Na rua da casa da minha avó, a apenas algumas casas de distância, duas irmãs tinham uma pequena escola de reforço. Não sei se também moravam lá, porque o ambiente tinha um clima bastante caseiro. Sei que recebiam bastantes crianças, de várias idades, durante a tarde e ajudavam com as lições delas simultaneamente, como se fosse um plantão de dúvidas.

Era nítido que as duas (infelizmente seus nomes me escaparam da cabeça) eram descendentes de japoneses e uma das coisas que faziam em sua escola era aplicar um famoso método de ensino e reforço escolar também de origem nipônica. Talvez você conheça esse método, ele é bastante popular. Vemos seu nome nos letreiros das escolas que o aplicam. Quando eu estava estudando com elas para a minha recuperação, recebi, aos poucos, vários caderninhos desenvolvidos dentro desse sistema. Os primeiros que me deram, achei ridículos de fáceis. Eram questões como $0 + 0$, $1 + 1$... Claro que preenchi tudo rapidinho e tirei 100. Depois vieram as questões de menos. Também, só fazer nos dedos. 100 de novo. Agora, quando surgiram as multiplicações...

— Luma, o seu problema é tabuada.

Hoje eu entendo. Aqueles cadernos facinhos não eram para me ensinar a fazer soma e subtração. Eles tinham função diagnóstica e serviam para identificar com precisão onde é que eu estava errando. Eu até sabia armar uma conta de vezes entre dois números de um dígito, mas, de fato, eu não sabia as tabuadas de cor e isso me detinha em realizar operações de divisão também. Com o tempo, perceberam que eu não sabia multiplicar algarismos de mais de um dígito e me ensinaram a armar essa conta de um jeito que eu nunca mais esqueci. As irmãs davam muita atenção a nós e tinham paciência para ensinar. Leia: paciência, não permissividade.

Uma das coisas de que eu mais gostava era da atmosfera do lugar. De novo, eu sentia que estava na casa de um parente e não em uma escola. As crianças que ficavam lá dificilmente eram da mesma idade que eu e, talvez por isso, não fossem hostis comigo. Conhecíamos os filhos de uma das mulheres porque eles sempre estavam lá para fazerem suas próprias tarefas. Eram bem mais velhos do que eu, adolescentes, mas muito bons. A menina, então, era uma graça. Ficava inconformada porque, em algum momento a ultrapassei em altura (não sei dizer por quantos anos frequentei a escola). Lembro que um dos alunos de lá dava em cima dela. Tudo muito inocente. Eram amigos e não parecia incomodar. Havia também crianças bem mais novas do que eu, que imagino que usassem o lugar como creche em tempo integral para os pais poderem trabalhar. Adorava ficar com elas porque as achava muito fofas.

Aos poucos, fui percebendo que as duas mestras irmãs foram nutrindo afeição por mim. Depois que a Matemática deixou de ser uma ameaça iminente, elas passaram a me ajudar a concluir as tarefas regulares do dia a dia, inclusive de Língua Portuguesa, disciplina abrangida pelo método, mas que nunca esteve em minha lista de preocupações. Certo dia, eu tinha algumas perguntas técnicas para responder sobre um curto livro paradidático que tínhamos lido. Uma dessas perguntas era "qual o nome da editora do livro?" e outra, "qual o nome da coleção a que o livro pertence?". Olhei para a capa, pensei um pouco e respondi verbalmente à mestra que estava comigo. Só estávamos nós duas sentadas à mesa.

Ela disse que não, que era o contrário do que eu falei. Convicta de que minhas respostas estavam certas, eu refutei a sua fala. Talvez tenha apresentado um ou outro argumento, cuja validade eu não posso conferir agora, mas defendi meu peixe. Ela voltou a dizer que era o contrário e, mais uma vez, eu discordei. Ficamos nesse vai e vem por umas cinco vezes. Eu já estava pensando em desistir do ponto e acatar a resposta que ela forneceu a mim, com medo de que pudesse ficar ressentida pela minha insubordinação. Foi aí que ela cortou a discussão com a seguinte fala e a expressão séria:

— É isso que eu gosto em você. Você não simplesmente aceita a resposta e escreve lá, que nem os outros. Você discute o seu ponto de vista e quer entender por que as coisas são assim.

Me pegou totalmente desprevenida. Àquela altura, eu tinha argumentado tanto com aquela mulher que eu estava crente que ela queria era dar uns gritos comigo. Mas não. Apesar do rosto austero, estava feliz com o quanto eu investi no assunto, porque sabia que eu estava partindo de um legítimo sentimento de querer aprender. Não para passar em avaliações. Mas, por mim.

Com a ajuda dela, eu terminei a lição rápido. Eu nunca demorava, mas naquela tarde, fui excepcionalmente ligeira e pude voltar bem mais cedo para a casa da minha avó. Conforme a mestra me acompanhava para fora do prédio, passamos por um grupo de crianças sentadas para fazer os deveres de casa, mas conversando, porque estavam em grande número. A mestra parou diante deles, virou para mim e disse:

— Agora você fala assim pra eles: "tchau!".

Por um lado eu fiquei super constrangida de ser colocada em tal posição por uma figura de autoridade, mas, por outro, encarei aquilo como um elogio, uma apreciação do meu esforço e bom comportamento. Quando cheguei em casa, contei tudo à minha avó. Eu entendi o que a mestra quis dizer a eles: que era melhor fazer a lição rápido para ir para casa logo do que ficar enrolando para tentar evitar de fazer. Não acredito em passar deveres sofríveis às crianças, mas quando se tem

Figura 7 - “É isso que eu gosto em você”, ilustração de Luma Alonso



A imagem é uma manipulação digital da fotografia da pintura original, feita a lápis grafite, guache e caneta permanente sobre papel, de dimensões 29,7 x 42 cm (A3). Fonte: a autora (2023).

uma tarefa mais chatinha, eu concordo plenamente com essa filosofia. Isso me faz lembrar de uma aluna de 9º ano que tive na Anselmo Lins quando eu ia à tarde. Seu nome era Kaki e ela andava com as meninas mais arruaceiras. Não que fossem ruins, eram uns nenéns, mas não gostavam de estudar. Quando eu conheci a Kaki, no plantão de Roteiro, estava tentando convencê-la a fazer as tarefas, dizendo que, assim, sobraria mais tempo em casa para ela se divertir como preferisse. Espero que Kaki e as outras meninas estejam bem no Ensino Médio...

Em um outro dia que eu também tinha terminado a lição depressa, minha avó não podia me receber de volta tão cedo por algum motivo. Naquela época, ela costumava sair a pé para fazer compras na avenida que tinha ali perto. Creio que ela juntou Dídimo e foi para lá. A mestra, então, a mesma do relato anterior, ficou conversando comigo no quintal enquanto não dava tempo de eles voltarem. Ela varria as folhas que estavam espalhadas pelo concreto e me ensinou que devolvê-las à terra providencia nutrientes às plantas que estão vivas. Eu podia não saber conversar direito, mas prestava bastante atenção em tudo o que ela me falava. Sei que ela percebia isso, porque gostava de conversar comigo. Quando se aproximava a minha hora de ir, ela me mostrou o seu carro, um *hatch* da mesma categoria que o meu atual. Me contou sobre quando o roubaram e a preocupação que sentiu por ele antes de ser recuperado:

— Esse aqui, Luma, é o meu terceiro filho...

Quando eu e meu irmão mudamos para o Élodie, foi bem na transição nacional da denominação das séries para os anos escolares, que teve lá na década de 2000. Eu passei da 2ª série do Domus direto para o 4º ano do Élodie, sem passar pela etapa de número 3. Claro que, na prática, dava na mesma, foram só os nomes que mudaram, mas foi difícil para todos nos acostumarmos. Meus pais acharam que eu já poderia parar de fazer reforço também, porque a escola nova era supostamente mais forte. As mestras não ficaram por muito mais tempo na rua da minha avó depois disso e hoje, se eu fosse procurar por elas, não saberia nem por onde começar. Tudo o que me resta delas, de como me ajudaram, da amizade que tínhamos e de nossa relação de respeito mútuo são essas memórias que eu acesso

apenas de vez em quando e que mais parecem um sonho para mim ou visão de uma vida passada.

4 ÉLODIE DE VILLARREAL: O COLÉGIO DE FREIRAS

Tenho uma confissão a fazer, Leitor: a de que eu estou doente. Mentalmente doente, psicologicamente doente. Sempre tive problemas nesse sentido, mas enfim meu estado degringolou a ponto de prejudicar minha vida cotidiana. Tenho medo de sair com meus amigos, mesmo os mais íntimos, e, por isso, me retraí. Mal consigo responder às mensagens que me mandam. Você sabe como eu era há vinte anos, mas somente seis meses atrás, se eu pudesse, eu dava uma festa por semana. E o que mudou, de uma hora para a outra, para eu desenvolver esse medo patológico?

As pessoas à minha volta estão percebendo a mudança radical de padrão de comportamento e arriscam palpites sobre isso. Alguns têm a certeza de que o que desencadeou isso foi a viagem de três meses de Dídimo com a namorada para os Estados Unidos. É a primeira vez que passo tanto tempo sem meu irmão e ele ainda foi no período das importantes festas de fim de ano. Essas mesmas pessoas que têm certeza sobre isso, ainda me julgam, falando na cara dura que eu não deveria ser tão apegada assim. Há outros que dizem ser a pressão para entregar os trabalhos de conclusão da faculdade. De fato, prazos me preocupam e me tiram o sono, mas não é precisamente isso.

Eu posso articular o real motivo da minha recentemente desenvolvida ansiedade como sendo o desbloqueio de uma nova fobia. Em poucas palavras, eu tenho medo de perder o contato com a realidade. Vou explicar melhor. Quando eu sinto que alguma coisa está fora do normal, mesmo que sutilmente; quando escuto alguém dizer algo que não corresponde 100% à noção que eu tenho dos fatos, eu começo a questionar a consistência da própria verdade. Por exemplo: há vezes que Dídimo, lá fora, passa o dia inteiro sem entrar em contato conosco e, não escutando o nome dele por horas, começo a me questionar se realmente tenho um irmão ou se essa é apenas uma crença que cristalicei por algum motivo. Isso gera estresse, ansiedade e, em casos extremos, crises de pânico.

O cérebro é poderoso. Claro que, racionalmente, eu sei que essa é uma mentira grande demais para eu acreditar por tantos anos. Eu tenho, sim, um irmão e

nunca tive dúvida disso antes. Fui ao médico porque estava insuportável viver dessa forma e ele disse que eu tenho transtorno ansioso-depressivo com despersonalização e desrealização. Durante minhas crises, não tenho medo de estar morrendo. Tenho medo de me descolar por completo da realidade. Eu olho o ambiente em volta e nada parece de verdade: o meu ponto de vista parece deturpado, mais alto, os objetos parecem distorcidos, minha visão dá impressão de que gira um pouco, como se eu estivesse bêbada e eu não consigo sentir o toque com tanta intensidade, pareço estar amortecida. Minhas mãos formigam e eu tateo tudo, tentando voltar. É horrível e assustador.

Por que estou te contando isso? Porque tem tudo a ver com este pedaço das minhas memórias sobre o qual vou falar agora. Na verdade, acredito que abrir a caixa de Pandora da minha mente na qual estavam guardadas as lembranças do Élodie de Villarreal — o colégio de freiras e o mais nariz empinado no qual eu estudei — foi o primeiro passo para despertar as minhas despersonalização e desrealização. Claro que houve gatilhos, sem os quais só seriam excertos macabros do passado. Contudo, se eu nunca tivesse olhado para trás, eles também nunca estariam tão próximos de voltar para me assombrar.

Não me entenda mal. Meus arrependimentos quanto a esse livro são somente por não tê-lo começado antes e de não ter tido suporte emocional profissional ao longo do tempo em que passei escrevendo. Mas, como eu te disse, ele provocou mudanças em mim. Sempre tive problemas, te falei, mas a questão de sair da realidade era uma coisa reservada à minha infância. Quando adulta, eu consegui, por muito tempo, me sentir presente no mundo e conquistei a duras penas a minha participação e a minha presença nos círculos sociais. É triste ver que hoje está tudo se desfazendo, mas... Quem sabe um dia eu não possa reconquistar essas coisas.

Eu me lembro de começar a notar que me sentia diferente das outras pessoas justamente pouco depois que entrei no Élodie. Claro que antes disso, eu era muito pequena, não sabia como era natural eu me sentir e também tinha a particularidade da timidez exacerbada. No entanto, eu fui reparando que, mesmo nas raras ocasiões em que eu convivía de maneira próxima com outras pessoas — adultos e crianças —, eu já percebia como ninguém à minha volta parecia tão aéreo

quanto eu. Via-se que eles **pertenciam** àquelas cenas, ao passo que eu, de forma alguma. Poderiam estar mantendo conversas vazias, antinaturais, apenas para não deixar no silêncio constrangedor (como as que muitas vezes temos hoje em dia no nosso cotidiano quando estamos distraídos com nossos *smartphones*), mas não era o caso. Pareciam sempre investidos. E não é que eu não estivesse: em geral, nesses momentos de convivência, eu procurava prestar muita atenção aos diálogos e situações que estavam em curso, mas eu jamais conseguia me sentir parte daquelas cenas. Digo “cenas” porque, literalmente, eu era uma espectadora. Me parece que ainda aceitavam esse meu papel, porque a mim dificilmente eram dirigidos a palavra ou os olhares, mesmo que eu estivesse bem no meio de tudo.

Não sei se já comentei com você, mas eu gosto muito de pesquisar sobre psicologia e distúrbios psiquiátricos. Na época, eu nem estava sofrendo da ansiedade e do pânico sobre os quais te falei, mas rememorar a curiosa maneira como eu me sentia fez ir atrás de explicações técnicas. Encontrei artigos na *internet* sobre dissociação. Basicamente é um mecanismo do cérebro para tentar te ajudar a enfrentar uma situação de estresse contínuo que consiste em te distanciar do ambiente que está te causando estresse. Em palavras mais bestas, o seu cérebro tenta te convencer de que não é você que está passando por aquilo, para que você não sofra tanto. Eu nunca tive lapsos de memória, como acontece em casos mais sérios, mas, em especial nessa minha segunda escola, eu de fato me sentia em um ambiente hostil o tempo inteiro e o que eu descrevi acima era legitimamente a maneira como eu via o mundo e minha ausência nele.

Outro dado interessante é que eu não me identificava nem um pouco com a pessoa que eu era — daí o nome específico da despersonalização. Eu sempre senti que o meu interior era um e a minha imagem era outra. Claro que isso tem muito a ver com pressões sociais, afinal, a sociedade era abertamente mais machista enquanto eu estava crescendo e isso era paralisante, porque, na família em que cresci, havia muitas coisas que uma menina fragilzinha jamais poderia fazer. Por esse motivo, eu odiava ter nascido pertencente ao sexo feminino e era muito mais fácil eu me identificar com os personagens masculinos que eu via nos filmes e nos jogos de *videogame*. Hoje entendo que parte disso se deve ao fato de as

personagens femininas serem em geral mais planas e estereotipadas. Ainda assim, minhas questões com meu gênero continuam complexas e misteriosas.

Você deve estar se perguntando mas que tanto estresse eu sofria para desenvolver esses mecanismos. Eu mesma me pergunto isso às vezes, afinal, apesar de, para mim ter sido muito pesado na época, as coisas que eu consigo me lembrar com mais facilidade não soam tão ruins assim. Mas não se engane, não se tratava apenas de um ódio generalizado à Escola. Era, sim, um pouco disso, mas não só. Diariamente, eu passava por experiências terríveis e estresse intenso.

Tanto que, embora eu não comentasse sobre com meus pais, com quem eu não tinha muita convivência, (com minha avó sim), eles percebiam que tinha algo de errado comigo. Eu sofria muito aos domingos, não querendo voltar para o Élodie no dia seguinte. Certa vez, minha mãe foi a um médico (o qual eu não sei a especialidade) e eu fui acompanhá-la, mas, ao final da consulta ela insistiu para que eu conversasse um pouco com ele. Eu não sabia qual era o objetivo da conversa, mas aos poucos ela se tornou sobre o que me afligia. Comecei a chorar e a dizer que eu me incomodava com o comportamento dos meus colegas na escola. Ele insistiu que eu não tinha nada a ver com isso, que era para que eu deixasse eles fazerem o que quisessem. Ficamos nesse bate e volta até eu decidir concordar para ele calar a boca, mas eu fiquei bastante ressentida com esse médico. Ele me receitou um remédio que, olhando em retrospecto, provavelmente era homeopático pelo aspecto do frasco (meus pais têm dessas), mas que, chegando em casa no mesmo dia que pegamos, li que era antidepressivo. Na época, tinha-se muito preconceito com as doenças da mente. Fiquei irritada com a minha mãe e com o médico. Eu não estava louca e eles não iam me dar aquilo sem eu nem saber o que era.

Com o tempo, de tanto me dizerem ou insinuarem que o problema era eu, acho que eu fui incorporando a ideia. Me lembro de, em uma ocasião, logo no meu primeiro ano na escola nova (portanto, no 4º ano do Fundamental, quando eu tinha 9 para 10 anos de idade), estar no fundo da sala de aula com algumas meninas. Não eram minhas amigas, de forma alguma, mas não me deixavam em paz. A imensa maioria da turma já tinha concluído as tarefas da aula e estávamos em hiato,

esperando instruções da professora. O barulho de conversa era intenso. Parece que as meninas, quando vão tirar onda das outras, sempre têm uma líder que dita o tom do ataque. Eu apaguei o nome dessa criatura da minha mente e não encontrei fotos dela, mas acho que me lembro um pouco de como era seu rosto e seu cabelo. Ela tinha ascendência asiática, um tom de pele bem quente, cabelos castanhos, compridos e ondulados, andava de faixa cor de rosa e calças de uniforme *legging*. Bem magra. Fazia ginástica no contraturno e circo.

Elas falavam comigo, não sei sobre o que. Eu respondia da melhor forma que podia. Não acho que estava sendo estranha demais. Na verdade, me lembro de uma conversa relativamente normal. Até que elas decidiram se divertir às minhas custas. Tinham um brinquedo com elas, que acho que era da líder. Aquele tipo de coisa que a gente encontra no caixa das padarias, para induzir a uma compra por impulso, sabe? Uma borrachinha verde, redonda e côncava. Só isso. A graça era que, quando você apertava a barriga dela para fora, a força que ela exercia para voltar ao formato natural fazia com que ela estalasse e pulasse bem alto. Acharam uma boa ideia colocar aquele troço pra pular na minha cabeça e, claro, doeu pra burro. Eu sofro de enxaqueca desde criancinha, então acho até que desencadeou crise em mim. Fizeram isso várias vezes porque eu não era rápida o suficiente para tirar a borrachinha antes de ela estalar. E riam, riam muito das minhas tentativas frustradas de me defender. Ao fim do dia de aula, encontrei um bilhete no meu caderno, dizendo “ô, Luma, tu é muito tímida”, assinado pela líder, como se explicando que eu não deveria esperar por nada mais do que aquele tratamento, se eu queria ser assim tão diferente.

O que não compreendiam é que eu nunca quis ser diferente. Eu só queria passar despercebida. Eu não queria fazer amizade, ter que assistir às mesmas novelas adolescentes que todo mundo e me envolver nas brigas de panelinha. Eu só queria ficar de boa e terminar o dia de aula com o menor número de aborrecimentos possível. Mas a pressão para que eu me conformasse era ininterrupta e agressiva. Dos alunos, na forma de *bullying*, dos professores, na medida em que me expunham a situações de rejeição. Vou dar um exemplo. Você se lembra que eu disse que tive uma professora de Matemática de quem gostava? Um dia, ela quis passar um trabalho em duplas, mas não permitiu que ninguém escolhesse os parceiros. Eles já

Figura 8 - O bilhete, ilustração de Luma Alonso



A imagem é uma manipulação digital da fotografia da pintura original, feita a lápis grafite, guache e caneta permanente sobre papel, de dimensões 21 x 29,7 cm (A4). Fonte: a autora (2023).

estavam pré-escolhidos por ela. Até aí tudo bem, porque eu odiava escolher dupla, já que eu sempre sobrava. O problema é que essa professora, Cecília, decidiu falar as duplas em voz alta. Lá pelo meio da chamada, que é onde eu costumo ficar mesmo, ela anunciou:

— Luma e... Rashne.

A turma ficou em silêncio e a menina olhou nos meus olhos sem nenhum pudor para verbalizar a reação sobre ter sido colocada comigo:

— Ah, profesora...

Rashne era uma garota popular. Falava bem. Me pergunte se era bonita e eu diria que não, seus traços não eram objetivamente agradáveis aos olhos. Não chegava a ser feia, também. Tinha lábios carnudos, era loira e muito magra, dava para ver bem seus ossos por debaixo da pele. Até então, nunca tinha me feito nada de hostil, mas por dentro fiquei bem magoada por ela me rejeitar na frente de todo mundo daquele jeito. Cecília a repreendeu de imediato. Disse que não ia mudar Rashne de dupla e acrescentou que era para ela aguardar a proposta do trabalho.

É mesmo. A gente ainda não sabia o que era para fazer. Mas... Depois que Cecília disse aquilo, eu já entendi que era uma coisa na qual eu era reconhecidamente excepcional. Só podia ser um desenho. Dito e feito: precisávamos fazer uma história em quadrinhos inteirinha. A professora explicou tudo, quais eram os critérios de avaliação, o que precisava ter, o que podia fazer e o que não podia e, assim que acabou, veio até onde eu e Rashne juntamos as nossas mesas, mostrando a língua e fazendo gesto de lero-lero com as mãos para a aluna, que respondeu:

— Ah, profesora! Eu não sabia!

— Tá vendo?! Agora morde a língua!

Figura 9 - Cecília mostrando a língua, ilustração de Luma Alonso



A imagem é uma manipulação digital da fotografia da pintura original, feita a lápis grafite, guache e caneta permanente sobre papel, de dimensões 21 x 29,7 cm (A4). Fonte: a autora (2023).

Eu não disse nada e não movi um músculo da face. Para mim, aquela situação toda era deplorável. Ainda que estivesse tentando provar um ponto para uma menina que certamente tinha muito a aprender sobre como pode ser danoso julgar as pessoas, Cecília provocou a minha humilhação no processo e, no fundo, reconheceu o meu talento me dando o dobro de trabalho para fazer, já que Rashne não tinha disposição alguma para aprender a técnica. Foi isso. Eu não recebi um pedido de desculpas, eu não fiz amizade, eu só fui usada pela minha habilidade em desenhar. Meu **valor** naquele dia foi condicionado a isto. Ele teria permanecido nulo, conforme a reação da minha colega, caso a mídia do trabalho tivesse sido outra.

Todo dia era uma desfeita diferente e eu não entendia por que implicavam tanto comigo. Uma vez uma garota, creio que era até mais nova do que eu, me mandou fazer a ela o favor de ficar quieta, simplesmente porque eu estava conversando com Dídimo. Estávamos, os três, na perua, esperando outros alunos chegarem para irmos para casa, mas eu falava baixo, como sempre. Além disso, eu e meu irmão estávamos no primeiro banco e ela, no último. Não sei o que a incomodou tanto na minha fala. Naquela tarde, eu fui a viagem toda chorando em silêncio. Tenho a impressão de que quem estudava no Élodie estava em uma constante batalha para se provar superior, para assegurar sua dominância sobre os outros, sem qualquer motivação por debaixo disso. Não era nem o pessoal da nossa idade, porque a gente tinha contato com estudantes mais velhos no contraturno, quando fazíamos Inglês. Era todo mundo, mesmo.

Eu tenho uma hipótese para explicar esse fenômeno. Você se lembra, Leitor, quando eu mencionei que as minhas duas primeiras escolas ficavam em uma mesma região da cidade, uma região da qual eu não gosto? Então, as duas instituições ficam muito próximas e o colégio Élodie recebia muitos ex-alunos do Domus Oblivio. Diga-se de passagem, para meu infortúnio, eu até reencontrei Mallory, a garota que me excluía de brincar na casinha, quando mudei de escola. Ambas são, até hoje, escolas particulares de bairro, mas, na época em que estudei (creio que ainda seja assim), a mensalidade do Élodie era substancialmente mais cara que a do Domus. Além disso, em termos físicos, o Élodie era muito mais bonito do que qualquer outra escola em que já pisei. É uma construção verdadeiramente faraônica, que ocupa uma quadra inteira. Eu lembro que tinha quatro andares de

altura, quatro quadras (das quais, duas cobertas), arquibancadas, laboratórios de Ciências e Informática, sala de Artes, academia, auditório, um pátio imenso e, claro, uma capela, porque era um colégio de freiras. Todo ano em que estive lá, eles fizeram alguma reforma grande.

Naquele tempo, já tinha catraca na portaria e mesmo as crianças menores precisavam de crachá para entrar. Depois de um tempo, substituíram a identificação por biometria. A infraestrutura era, realmente, de ponta. Eu acho que isso subia à cabeça dos pais e, conseqüentemente, à dos filhos. “Seu pobre” era uma ofensa comum, o que é irônico, porque a obra da madre que fundou a escola era justamente fazer obras sociais pelos menos favorecidos. A competição lá dentro era intensa, irritante e cansativa, porque mesmo quando eles não conseguiam te atacar pela sua falta de dinheiro, arrumavam outros motivos. A hostilidade sequer precisava ser velada, porque as autoridades nada faziam sobre ela. Lembro-me de uma única campanha *antibullying* formal que foi levada muito pouco a sério por todos. Isso, é claro, quando não eram os próprios professores que abusavam emocionalmente de nós.

No 6º ano, Língua Espanhola fazia parte da nossa grade curricular. Havia uma única professora, Emaci, que ministrava essa disciplina na escola inteira. De meia idade, baixa em estatura, sempre de salto quinze e cabelo na cintura, pintado de preto, ela era daquelas que passavam boa parte do tempo de aula contando histórias sobre si mesma e, segundo ela própria, tinha ascendência latina. Pelo que eu entendi, no entanto, não tinha formação em licenciatura. Espero que não tivesse, mesmo, porque eu sinceramente não sei de onde ela tirou a ideia de que seria aceitável tratar as crianças da maneira que ela tratava. A fama dela vinha de longa data: uma vez ela disse para a minha turma toda pegar os “lixinhos” dos nossos trabalhos e refazer. Noutra, eu assisti ela tomar uma borracha e apagar as respostas da prova de uma aluna (devidamente exposta por nome e por contato visual durante todo o tempo) antes da correção na frente da turma toda, simplesmente porque havia sido especificamente instruído que se utilizasse caneta.

A minha vez de sofrer na mão dela enfim chegou no dia em que tínhamos de entregar uma pesquisa sobre São Valentim. Leitor... Se alguma vez eu errar e me

justificar, dizendo que eu não estava nem me esforçando, saiba que é mentira. Eu me esforço em tudo o que eu faço e, quando o meu desempenho em alguma coisa não é satisfatório, isso me deixa muito decepcionada comigo mesma e com vergonha. Eu fiz o melhor que eu pude na pesquisa. Naquela época, eu não fazia ideia de como poderia ser diferente. Emaci estava escolhendo alunos para lerem seus textos em voz alta à turma — um pesadelo para uma criança tímida como eu. Se fosse eu de vinte e quatro anos e ela me chamasse, eu ainda tentaria fugir, na lábia, do dever. Mas... Criança, que era, jamais faria isso. Era obediente demais. Me preparei para declamar.

Mencionei a data de nascimento do santo e depois já conduzi para as obras matrimoniais que o destacam enquanto figura histórica, mas não cheguei nem à minha terceira sentença antes de ser interrompida pela professora:

— Que legal, então o bebezinho acabou de nascer e já começou a casar as pessoas.

Eu era uma criança de 11 anos que tinha cometido um erro imperdoável de coesão textual. No Élodie, os professores eram extremamente rígidos com esse tipo de coisa (aliás, é provável que esse seja o motivo do meu rigor atual na escrita). As ditas “respostas completas” eram imprescindíveis. O que eram respostas completas? Em poucas palavras, escrever como se o leitor dispusesse de limitada capacidade intelectual. Uma macete boa era copiar, no começo das respostas, o final das perguntas que tinham sido feitas. Repetitivo, gastava papel e cansava o braço, mas era o que funcionava. Agora, responder com “sim” ou “não”? Um crime! Passível de zero e humilhação pública. “Ora, mas eu não tenho bola de cristal para saber o que você quis dizer”. De fato, não tem. Mas eu também acho difícil de acreditar que você tenha realmente imaginado que o bebê São Valentim se levantou da manjedoura para casar soldados às escondidas com base somente na maneira como eu construí minha redação. Interpretação de texto é boa e eu gosto.

Em todo caso, eu levei a pior. Professora e alunos riram sonoramente de mim. Ela, por se achar genuinamente engraçada e a turma, talvez por puxa-saquismo ou apenas para fazer eu me sentir mal. Muito passiva, eu nada disse. Não entrei na

Figura 10 - Emaci puxando o espetáculo, ilustração de Luma Alonso



A imagem é uma manipulação digital da fotografia do desenho original, feito a lápis grafite e caneta permanente sobre papel, de dimensões 21 x 29,7 cm (A4). Fonte: a autora (2023).

brincadeira, também, não. Conservei minha expressão séria e esperei ficarem em silêncio de novo para continuar lendo. Quando consegui voltar, ela me interrompeu pelo menos mais duas vezes para fazer comentários sarcásticos, puxando risadas da turma com as mãos, como se estivesse animando um espetáculo. Num desses, ela se perdeu em sua própria linha de raciocínio, lembrando um pouco depois que a palavra era para ser minha. Só perguntou então “Mais alguma coisa?”, ao que eu respondi mentirosamente com um resignado não. Na verdade, eu tinha ainda uns quatro parágrafos, mas eu não ia ficar me prestando àquele papel.

O sofrimento que eu passava lá dentro era ruidoso demais para ser ignorado, por isso, eu procurei, por um tempo, por formas de viver com mais leveza antes de me entregar a um completo niilismo. Tenho lembranças de, com muita descrição, ler um ou outro livro de autoajuda, para buscar aceitar o que me passava. Morria de vergonha quando as pessoas me perguntavam sobre. Eu rezava todas as noites antes de dormir. Um dia, acordei e estabeleci a meta de não me irritar com nada. Acho que essa, especificamente, eu havia visto em um desenho. Deu muito errado para o personagem, mas talvez pudesse me ajudar? Decidi tentar. Quem sabe fosse me fazer sentir melhor. Não. Tal como no programa, justamente nesse dia, os episódios de possível irritabilidade pareciam mais frequentes e mais intensos do que em qualquer outro. É justamente a esse dia que remonta o episódio de *bullying* talvez mais doloroso pelo qual já passei. Eu pensei muito se ia contar essa passagem neste livro e confesso que quase a deixei de lado. Ela me machuca demais até hoje e é difícil para mim admitir isso, mesmo que possa soar como algo vazio.

Eu precisava ler um livro para a escola e resolvi fazer isso no recreio, já que tanto eu não tinha amigos que acabara por me acostumar e até mesmo gostar da solidão. O livro era curto porque na época eu tinha pouca idade (não sei especificar quanto, talvez uns nove anos), mas eu tinha que lê-lo em algum momento e se pudesse não ser nas minhas horas vagas, melhor ainda. Andei até os confins daquele pátio estupidamente grande para deixar claro que eu não queria ser incomodada e me sentei em um dos bancos de jardim que o pessoal mais velho deixava no meio do espaço. Em geral, eram dois, um de frente para o outro,

dispostos para que vários adolescentes pudessem se sentar e conversar. Como não tinha ninguém ali no momento, quase não senti pudor em ocupar aquele espaço.

Fico me perguntando se não foi isso, por sentar em um lugar que supostamente “não era meu” (embora nenhum lugar fosse de ninguém) que eu não fui punida aquele dia. Se fosse essa a questão, se quisessem tomar os bancos sem eu estar ali, bastaria que me pedissem para sair que eu sairia. Ainda seria falta de educação, a meu ver, e, provavelmente, também teria me magoado, mas **muito** menos do que a forma como realmente falaram comigo. Também, não sei. Estou trabalhando com uma hipótese para o que passou na cabeça de um bando de crianças há quinze anos atrás. O mais provável é que apenas estivessem querendo se divertir cruelmente às minhas custas mesmo. Até porque, quando foram embora, acho que eu não saí. Sequer isso passou pela minha cabeça.

Eu mal tinha mergulhado na leitura quando chegaram. Talvez umas cinco, todas meninas, da mesma idade e ano que eu (não eram da mesma sala). Se aproximaram lentamente. Não lembro de seus rostos nem nomes (ainda bem, porque isso não me deixaria ter paz) e acho que eu nem as conhecia na época, mas elas sabiam exatamente quem eu era, porque chegaram me chamando pelo meu nome. Sei que obedeciam àquele clichê de patricinhas más de filme norte-americano: uma líder dava o tom e as lacaias complementavam. A conversa começou com essa principal me perguntando com sarcasmo e humor sobre o meu livro. Estranhei. Estando no meu ano, elas não tinham que ler os mesmos livros que eu? Ou será que ela pensou que eu leria aquilo por diversão? Logo cheguei a conclusão que ela nem estava ciente da leitura curricular. Suas notas deveriam ser uma maravilha... Se fosse hoje em dia, eu certamente tiraria uma com a cara dela de volta por isso. Mas na época, eu era muito boba para ter essas sacadas. Além do mais, estava no meu dia de não me irritar.

— Você tá gostando desse livro?

— Tô sim, é um bom livro. — Procurei dar respostas vagas porém educadas, abrindo mesmo margem para interpretação de um deboche que depois eu poderia alegar ser não intencional.

Perguntar sobre o livro não me atingiria e isso o que ela não tinha entendido ainda. Eu não o havia escolhido, o estava lendo por obrigação. No máximo, o que me incomodava era que a presença delas ali, falando comigo, tomava tempo que eu podia estar investindo na leitura, além de me causar ansiedade social. Dando-se conta disso, uma das capangas — mais esperta — se aproximou de mim por trás do banco e chamou a atenção de todas para uma outra questão, que nada tinha a ver com o livro, mas que me acertou em cheio. Uma questão sobre o meu corpo, uma insegurança da ordem da minha aparência física. Uma que, eu lamento, mas ainda não tenho coragem de dividir (para você ter noção do tamanho do estrago). Todas se juntaram em volta, riram e me disseram com ironia o que fazer para mudar. E eu não podia rebater, porque minha meta do dia era não me irritar.

Quando, enfim, convenci meus pais a nos tirarem da escola, só lá no 8º ano, a coordenadora me chamou à sala dela no meio da aula. A notícia chegou até lá e então, ela quis entender que história era aquela de querer sair. E levar meu irmão comigo, ainda por cima? Isso significava não uma, mas **duas** mensalidades a menos. Inaceitável. Por mais de uma hora, ela fez um verdadeiro interrogatório comigo, eu e ela, sozinhas. Ela falava grosso, até bancava o tira bom e o tira mau. Me fez chorar. Eu nunca tive coragem para admitir nem para os meus pais, quanto mais para ela, que eu estava sofrendo *bullying* e que esse era o motivo de eu não aguentar mais. Seria muito doloroso me expor daquela forma. Me reservei a dizer a ela que os alunos do Élodie eram mal educados, que falavam muitos palavrões e que isso me incomodava, porque na minha casa nunca fui acostumada com isso (não deixava de ser verdade). Ela basicamente olhou na minha cara e perguntou, impaciente:

— Você acha que isso é motivo? Até freira fala palavrão hoje em dia!

Figura 11 - *Bullying* no Élodie, ilustração de Luma Alonso



A imagem é uma manipulação digital da fotografia da pintura original, feita a lápis grafite, pastel oleoso, óleo de linhaça e canetas permanentes sobre papel, de dimensões 29,7 x 42 cm (A3). Fonte: a autora (2022).

5 DESTINO: SEXUALIDADE E REPRESSÃO

Infelizmente, eu ainda não esgotei o assunto do Élodie e vou precisar falar dele por boa parte deste novo capítulo. Como você já deve ter notado pelo título, no entanto, a perspectiva da análise, agora, vai ser outra: a da sexualidade e de como a escola (ou as escolas, já que vou falar de duas) lidava com ela. Se já não dei o devido destaque a essa informação anteriormente, preciso enfatizar que o Élodie era um colégio católico apostólico romano, e as freiras que o comandavam eram supostamente pedagogas. À primeira vista, contudo, mesmo de a de um não-praticante, a relação da escola com a Igreja poderia muito facilmente se passar por superficial ou meramente formal, posto que, no dia a dia não se via nenhuma das irmãs vestindo o tradicional hábito e que, como insisto, a agenda da escola aparentava considerável progressividade. Não fosse minha mãe me contar, meses depois da matrícula, talvez eu jamais tivesse percebido que elas eram madres. Minha avó também estudara em colégio de freiras e nunca tinha coisas boas para comentar sobre elas. Quando por um motivo ou outro eu me queixava sobre a administração do Élodie, ela dizia:

— É porque é colégio de freira! Essas freiras não querem saber de nada, não! Só querem andar atrás dos padres!

Não sei qual a sua fé, Leitor, mas, se você não sabe, na religião católica, em que cresci, seja masculino ou feminino, o sacerdote, enquanto assim o for, deve adotar o celibato e a castidade (razão pela qual minha mãe ficou tão irritada quando a professora da nossa catequese tentou empurrar o Dídimo para o convento). Quebrar esses votos não apenas é causa de escândalo total como, também, para mandar o monge ao fogo do Inferno. Hoje em dia eu acho irresistivelmente engraçado o comentário recorrente da minha avó, mas, com a idade que eu tinha, entre oito e treze anos, ficava escandalizada. "Mas nem há padres aqui", eu pensava. "Ou será que há e apenas não os reconheço porque, assim como as freiras, não vestem batina?". Outra coisa que me pesa, apesar da comicidade da fala, é que eu sei que minha pobre avó tem argumentos para guardar tanta mágoa: ela deve de fato ter sofrido muito nas mãos daquelas mulheres. Teria sofrido nas

mãos de quaisquer umas, porque a escola setenta anos atrás era torturante, mas não consigo afastar a ideia de que a comunhão do colégio com uma crença tão repressiva quanto o catolicismo provavelmente fortaleceu muito a violência escolar.

Na época, ao comparar minha realidade aos fragmentos das memórias que minha avó me contava, muito tola, me considerava sortuda. Achava que tinha nascido em um tempo histórico agradável (2020 manda beijos), que as freiras haviam deixado de ser cruéis e falsas-moralistas ou que talvez até algumas fossem, mas que não era assim no Élodie, porque, afinal de contas, meu tormento poderia ser bem pior. Ninguém me fazia ajoelhar no milho. Eu estava sofrendo, mas também estava aguentando... Não estava? O importante era parecer inteira. Com a mentalidade que tenho agora, noto que a maior parcela da minha infância foi sobre fazer coisas que eu não queria e sobre como eu estranhamente me acostumei com essa situação. De um jeito muito singular em relação às outras pessoas, eu acredito, porque somente depois de adulta eu fui reparar — e não sem ajuda — que a minha própria vontade dificilmente entrava em questão durante o meu processo de raciocínio para decidir que atitudes tomar. Não apenas: quando passei a tentar ponderar mais sobre, comecei a achar incrivelmente difícil determinar o que eu realmente gostava de fazer, o que me levou a ter uma crise identitária aos vinte anos que até hoje não se sanou totalmente.

Não acho que o Élodie tenha sido responsável por **todas** as minhas questões internas com personalidade e inibição, até porque em casa eu também tive uma criação controladora (me desculpe mãe, não sei se você vai ler isso). Contudo, os cinco anos que eu vivi dentro daquela escola foram destruidores, como você já pode ter deduzido pela leitura do capítulo anterior. As poucas pessoas que estudaram lá com quem ainda mantenho contato também não têm recordações das mais alegres, mas, pelo que ouço, sou, de longe, a mais sequelada. Neste novo circuito, quero tentar deixar um pouco de lado o enfoque que dei aos episódios de violência professoral e ao *bullying* neles mesmos para procurar compreender ainda outros motivos, além dos que já pontuei, para serem uma epidemia dentro do colégio. Minha hipótese é a de que, mesmo que sua presença fosse tão sutil quanto possível, a repressão religiosa fazia despontar na massa estudantil uma força descomunal advinda, inclusive da coibição de impulsos de uma sexualidade

emergente, o que resultaria, enfim, em agressividade orientada a seus pares. Parece forte colocar dessa maneira em se tratando de crianças, mas não é uma teoria inédita e eu acho que é justamente o caso daquele lugar infeliz. Fique comigo, que eu tentarei explicar melhor através dos meus próprios exemplos.

Eu era uma criança estupidamente boba. Mesmo quando eu entendia as coisas, eu optava por não entender até que me fosse confirmada verbalmente a informação cabulosa com todas as letras. Eu fui **treinada** a ser boba, claro, por ter nascido com órgãos genitais femininos. Meu pai, especialmente, sempre foi muito rígido quanto a isso. Meu irmão? Sem grandes censuras: apenas risos e advertências verbais protocolares. Agora, falasse eu, um palavrão, para eu ver o que me acontecia. Tapa. Geralmente, eles têm cunho sexual, ainda por cima. Até hoje escuto que isso "não é adequado para uma mocinha bonita". Um saco. Me dá vontade de falar ainda mais. Naquele tempo, entretanto, eu era mesmo bastante inocente. Quando ingressei no Élodie, foi um choque, porque mesmo desde a mais tenra idade, a maioria dos colegas já parecia estar constantemente com os hormônios à flor da pele.

Para agravar o problema de minha ignorância, como se fosse intencional (embora eu não ache que tenha sido), calhou de meus pais marcarem uma viagem em família justamente para a semana em que a minha turma teria educação sexual pela primeira vez na vida, no 5º ano do Ensino Fundamental. Perdida, como de costume, nem passou pela minha cabeça tentar correr atrás do prejuízo quando voltei. Na verdade, sequer fazia ideia de que, tão jovens, estaríamos na iminência de abordar tal assunto, e somente me dei conta do que havia acontecido quando topei com questões referentes a isso nas lições de casa, as quais eu obviamente não soube responder. Deixava de entregar as tarefas e discretamente esperava pelas discussões das respostas em aula, numa tentativa de aprender alguma coisa, afinal, não só eu tinha curiosidade como também tinha a consciência de que aquilo era matéria e que poderia me fazer bombar tanto quanto as demais disciplinas.

Já sei o que você deve estar se perguntando. Como é plausível que com já dez anos de idade, em pleno ano de 2008, considerando todo o acesso não-supervisionado à informação que as crianças têm na era digital, eu não

soubesse nada de nada sobre sexo a ponto de depender disso para simplesmente **fazer lição**? Não é que eu nunca tivesse sido exposta a conteúdo sexual antes, mas minhas fontes haviam sido das piores possíveis (exatamente as que você está pensando) e o que era realmente apropriado e indispensável para uma criança da minha idade saber, na realidade me faltou. Todo o referente aos processos da puberdade, eu perdi. Sabia vagamente do que ela tratava por ouvir falar em desenhos animados e séries, apenas. Quando tive minha menarca, aos 12 anos, por exemplo, eu achei que estava com dengue hemorrágica porque eu não fazia ideia de que isso fosse acontecer. Por outro lado, já estava mais familiarizada do que gostaria com a parte mais gráfica da reprodução humana.

Não preciso nem dizer que meus pais em momento algum tiveram “a conversa” comigo. Aquela que a gente vê frequentemente na mídia norte-americana, sobre mamãe e papai, que seja, quando eles se amam muito. Nunca aconteceu. Nem comigo, nem com meu irmão, aliás, um fato deveras curioso. A única razão de termos ficado sabendo de onde os bebês vêm a tempo de não boiarmos inteiramente na escola foi porque Patrício, um primo nosso da mesma idade, com quem brincávamos bastante, tinha acabado de descobrir e veio nos contar, estupefato. É seguro dizer que tivemos a mesma reação. Como assim, se eu quisesse ter um filho, não bastasse eu ter que me casar com um homem, eu ia ter que deixar ele fazer aquilo comigo? Que absurdo! Pior ainda: entrei em negação ao imaginar que para eu e o Dídimo existirmos, meus pais precisariam ter feito em **duas** ocasiões distintas. Se assim era, ademais, que autoridade moral eles tinham para me condenar pelas vezes em que eu tive curiosidade? Nunca mais os vi da mesma maneira.

É uma pena que se escute tantas histórias parecidas com a minha, porque, além de desencadear um mal estar no relacionamento com os pais, descobrir dessa forma pode gerar um trauma muito difícil de desarmar e também produzir efeitos duradouros na relação que a pessoa vai desenvolver com a sua própria sexualidade na fase adulta. Digo “sexualidade” em sentido amplo, não me referindo somente à orientação sexual (pelo amor de Deus, não estou dizendo que se você contar a história da sementinha para o seu filho ele vai ser *gay*) e, mais uma vez, sem deter qualquer formação em psicologia fora da licenciatura, apenas compartilhando as

tendências que capto a partir da minha experiência de vida, em paralelo a casos próximos a mim. Vou dar um exemplo: minha aluna particular de desenho, Timandra, de 12 anos de idade. O pai dela é filósofo e a mãe é médica. Ambos são professores da mesma Universidade onde eu estudo, por isso, têm as mentes muito abertas. Nas minhas visitas semanais, percebo que não há o mesmo controle da circulação de temas da sexualidade que eu vivenciei aqui em casa. A linguagem não é restrita, palavrões não são fortemente reprimidos e não é necessário o “contrabando” de mídias, nem mesmo os quadrinhos *queer* que a menina tanto gosta. Óbvio, também não é que fiquem revistas pornográficas espalhadas pela mesa de jantar, é tudo adequado para a idade dos filhos. O resultado de tal despreocupação é que mesmo tendo a oportunidade, Timandra não faz questão nenhuma de namorar agora. Ela simplesmente julgou por ela mesma que se envolver com alguém, por mais que seja um namorico de colégio, não é vantajoso neste instante.

Então comparemos à abordagem que a minha família adotou comigo, e, neste ponto, quero estender a análise também aos meus parentes, o que torna necessário que se providencie um pouco de contexto. Sou branca, descendente de austríacos por parte de mãe e de espanhóis por parte de pai. De portugueses, aparentemente, pelos dois. Ambas as famílias estrangeiras ingressaram no Brasil sem muitas posses e conseguiram estabelecer situações financeiras confortáveis ao longo dos anos através do ciclo de labuta e compra gradual de imóveis para locação. Estou falando de imigrações relativamente recentes, da ordem de três gerações. O pai do meu pai era um galego que eu nunca conheci e a minha avó, que faleceu somente há alguns poucos anos, soube multiplicar o dinheiro deles, botando os cinco filhos para trabalhar no bar desde cedo e mantendo linha dura para lidar com os inquilinos. Quando as crianças amadureceram, já se tinha dinheiro suficiente para que todos fizessem faculdades particulares notáveis. Os herdeiros se casaram, trabalharam em suas áreas, mas concomitantemente assumiram os negócios da família, fazendo com que o clã lucrasse cada vez mais. Assim também foi com os filhos deles.

Conto isso porque, para todos os efeitos, embora o nosso patrimônio não chegue nem aos pés disso, conforme nos afastamos de nossas origens humildes, ficamos ideologicamente muito parecidos com uma família tradicional colonialista

brasileira. Que eu saiba, nunca tivemos fazendas, nem latifúndios de cana-de-açúcar, nem escravizados, todavia, desde muito pequena, eu percebia o quanto éramos conservadores. Me incomodava. Claro, me incomodava em relação àquilo que particularmente **me** atingia. Com cinco anos, imersa naquele único meio social, sem qualquer tipo de esclarecimento, seria improvável eclodir em mim alguma consciência de classe, por exemplo. Em contrapartida, nascer menina foi um fardo mastodôntico para mim dentro daquela família. Imagine que, fora o machismo que eu sofria na rua ao longo da semana inteira, quando chegava o domingo, eu era arrastada para a casa da minha avó para ficar assistindo mulheres seminuas dançando na televisão, ouvir o besteiro ininterrupto de cinco marmanjos no auge da vida solteira (além dos meus tios, que não ficavam muito atrás), ser acariciada e beijada contra a minha vontade pelo meu primo que tem síndrome de *down*, ser pareada com o Patrício simplesmente porque nossas idades eram parecidas e o sexo dele era oposto ao meu (nunca é cedo para introjetar heteronormatividade em crianças), ser alvo de implicância ativa só porque “era divertido me ver irritada” e, enfim, ouvir o tempo todo que “menininha não pode, não pode, não pode”.

Eu fico pensando na nova geração da minha família, porque ela já emerge com maioria feminina. Na minha época, cresci sozinha: tenho nove primos, todos (com exceção de Patrício) muito mais velhos do que eu, e dentre os quais a única mulher mora no exterior desde que consigo me lembrar. Embora tenha sido penoso, tenho convicção de que, não fosse eu ter suportado isso tudo, a questão do gênero não seria tão forte para mim e definitivamente eu não seria quem sou hoje. O machismo que vejo nos meus primos criando as filhas agora é muito menos obsceno, muito mais “fofo”, por assim dizer, mas tão perverso quanto o que eu enfrentei: brinquedos fúteis e desestimulantes ou ligados à maternidade e às tarefas domésticas, roupas ultra femininas por vezes tão desconfortáveis que têm de ser trocadas antes do fim das reuniões, criança de sete anos achando que o coleguinha está apaixonado por ela, criança de dois anos formando casal na quadrilha para dar o que falar entre os pais, necessidade de contratar uma babá porque um homem adulto não pode trocar a fralda da própria filha e por aí vai. Temo que, se tivermos, dessa vez, uma leva de garotas, já que todas ostentariam a mesma condição, elas serão incapazes de olharem para o lado e identificarem, dentro da própria casa, as injustiças tomando forma. Eu comparava minha posição à do meu irmão e à do meu

primo. Elas não terão essa chance. As que existem, ao menos, já estão sendo criadas como princesinhas acrílicas, com semelhantes imposições e limitações entre si e formatadas perfeitamente para reproduzir o patriarcado.

Quando for a minha vez, se ela chegar, quero ter um menino. Tanto porque não quero que outro ser humano passe pelas mesmas coisas que eu quanto porque quero tentar criar um homem que contribua eventualmente o mínimo para a manutenção do patriarcado, inclusive no microcosmo da minha família. Quando você nasce em um meio conservador, sua vida vem com um manual de instruções. Frequentemente sem ninguém precisar explicitar, você sabe com certeza o que é esperado de você a médio e longo prazo. Eu sei que o meu ocasional desejo de ter uma família, embora persistente, é resultado direto das pressões patriarcais sobre mim. É assim que as coisas são feitas há décadas e você não imagina como poderia fazer de outro jeito. Na linhagem da minha avó eu não conheço ninguém que não se casou e não teve ao menos um filho e, mesmo assim, quando os eventos importantes de vida fogem um pouco, que seja, do “normal”, são disparadores de muito bafafá por entre os demais membros do clã: uma gravidez antes do casamento, um enteado, um chifre... Até os acontecimentos relatados neste livro têm potencial para me complicar, e muito. Vão me maldizer pela eternidade. É engraçado, aliás, que eu esteja o redigindo agora, porque atinjo um ponto crítico na minha vida no qual tenho que decidir se vou seguir o manual impresso para mim ou se vou rasgá-lo. A sensação que tenho, na realidade, é que escrevo minha biografia à caneta sobre as páginas do tutorial em um ato ultrajante.

O plano da minha vida foi traçado ainda no útero, no momento em que o meu sexo foi revelado. A partir dali, estava dado o recado de que não precisaria de apenas um pai e uma mãe, mas de uma família inteira e de uma sociedade na íntegra para reiteradamente tentar fazer eu me conformar com o papel que fosse mais conveniente (não para mim). É isso. Os estereótipos de gênero binário são tão antinaturais que precisa-se literalmente, do reforço contínuo de todo o corpo social para que eles mantenham o *status* de preceito biológico no imaginário coletivo. Eu nunca me senti frágil por dentro. Mas eu tinha que ter uma fachada frágil para não ser repreendida e, posteriormente, não me tornar uma decepção. Em privado, na minha cabecinha ou longe das pessoas, no entanto, era **um pouco** mais livre para

me sentir como preferisse. Até um certo ponto, evidentemente, pois eu aprendi cedo a controlar meus impulsos e até barrar pensamentos condenáveis sozinha.

Em compensação, é interessante notar que o mesmo núcleo familiar que me restringiu com rigor inadvertidamente também forneceu palco para que eu vivenciasse passagens de uma sexualidade que não era destinada a mim. Como eu estava, a toda hora, cercada de homens, que deveriam, portanto, se sentir **agressivamente** atraídos por mulheres, acabei consumindo por tabela bastante conteúdo erótico que atendia a esse gosto. Lembro-me, por exemplo, de um episódio engraçado da minha adolescência, em que, depois de um almoço geral, Dídimo, Patrício e eu fomos convidados por nossos primos mais velhos a assistir um filme ultra macho no cinema que continha uma cena erótica em que a atriz mostrava os seios. Depois da sessão, Radomil, um dos rapazes, em tom de zoeira, perguntou indignado ao meu irmão:

— Porra, Dídimo, você trouxe a sua irmã pra ver peitos?!

— Imagina, foi incrível. — Respondi com um suave sorriso devasso.

Fiz soar, é óbvio, como se fosse piada, mas eles me olharam com uma cara de espanto impagável. Entendo que ficavam em uma situação difícil, porque queriam genuinamente me incluir, contudo, pegaria muito mal para eles se engajarem em atividades tipicamente femininas. Todo e qualquer lazer previsto a eles deveria, impreterivelmente, ser uma exibição incontestável de masculinidade. Aliás, o clichê de que eu não poderia, por ser menina, gostar das mesmas coisas, me entediava profundamente, fato que me levou, no sentido contrário, a ativamente buscar desenvolver aficção por elas. Eu queria provar que era diferente daquilo que o meu sexo delimitava para mim e, em última análise, que poderia ser um ser humano completo e que minha personalidade se desenvolveria única independentemente de como se parecesse o meu corpo. Com tal atitude, busquei, também, me incorporar ao grupo. Havia, sem dúvida, um ou outro *hobby* que, para ser honesta, eu não curtia, tal como o futebol, que nunca foi o meu fraco. Quase sempre que estavam falando de sexo, todavia, eu estava discretamente curiosa.

Aí entro em conflito mais uma vez, porque mesmo que o assunto me fosse atrativo em algum nível, mesmo desde muito pequenina, embora eu não soubesse articular exatamente o porque, eu também ficava profundamente incomodada com a representação sensual feminina nas mídias. Para tomar um exemplo extremo, foi Patrício quem mostrou a mim e ao Dídimo os primeiros vídeos pornográficos (heterossexuais) e isso foi um pouco traumatizante. Não sei dizer como foi para os meninos, mas eu fiquei na constante impressão de que os homens estavam abusando das moças e às vezes, até de que elas sentiam dor durante o processo. Àquela altura, já tinha calhado de eu assistir um *strip tease* na TV, quando eu inocentemente continuei assistindo até altas horas depois que todos foram dormir porque eu tinha muita insônia. Foi totalmente diferente: a mulher, sozinha, tinha muito mais atitude, muito mais vontade. Ali, não. Eu observei a avidez violenta deles em contraste com a passividade submissa delas e aos poucos consolidei na minha cabeça a ideia de que o sexo com penetração — o único que nos é ensinado como legítimo — sempre era muito bom para o homem e péssimo para a mulher. Fiquei pensando e me lamentando por ter nascido assim, olha só que coisa. Por vários anos, todas as vezes que alguém manifestou interesse sexual em mim, eu só consegui enxergar isso como uma vontade da pessoa de tirar vantagem de mim, o que, conseqüentemente, significaria que ali não tinha sentimento além disso. Afinal, como poderiam me amar de verdade, se queriam me colocar em uma posição tão degradante quanto aquela só para tirar disso algum prazer momentâneo?

Na época, chegamos a ser pegos. Como assistíamos sempre os três juntos, o fazíamos no escritório da nossa avó, no *notebook* dela. Olha que ideia genial. Estávamos na casa dos dez anos e não sabíamos mexer tão bem em computadores. Deixamos para trás o histórico, que deve ter sido consultado por Radomil na procura por algo que possa ter implantado um vírus ao algo assim (sabemos que esses *sites* são problemáticos), já que a máquina era, além de tudo, usada pelos adultos para acessar contas de banco. Pronto. Lembro-me do dia do enquadro. Não foi nada sério e não achei que ele fosse comentar com nossos pais. Apenas queria zoar com a nossa cara. Percebi essa atitude dele e me tranquilizei. Isto, claro, até Patrício denunciar:

— A Luma também viu.

Imediatamente, Radomil me olhou nos olhos com a mesma expressão de susto que fez quando entreguei a resposta sobre os peitos. Nada disse. Na época ele namorava uma garota chamada Corina (hoje eles são casados) e ela estava com ele nesse dia. Ela não estava tão investida na história, mas ficou visivelmente um pouco mais desconfortável com a revelação. Naquele momento eu entendi que até então eles partiram do pressuposto de que eu não faria uma coisa dessas. Nem passou pela cabeça deles, afinal, aquilo não era para mim. Eu não compreendia, ainda que não era uma molecagem geral. Era uma molecagem **de menino**. Mulher não podia gostar. Será que iam contar pros meus pais? Será que iam pensar que eu era *gay*? Isso seria a minha morte social dentro da família. Busquei entrar na personagem o mais imediatamente possível:

— Eu acabei vendo porque eu tinha que ficar de tocaia pros dois!

Acabou não dando nenhum problema para mim, mas veja que situação desnecessariamente constrangedora. Me parece que os homens héteros têm algum tipo de fetiche em encabular os meninos por sentirem desejo. Para assegurar que eles reproduzam os comportamentos heterossexuais, eles ensinam a ver pornô, ensinam a pegar gente na balada (essencialmente, a objetificar mulheres) e, criam cenários para pegar os jovens fazendo isso simplesmente para constrangê-los, quando, no fundo, estão orgulhosos por serem iguais a eles.

Eu, menina, também fui constrangida desde muito cedo a apresentar comportamentos heterossexuais e tenho uma história bem antiga que comprova isso. Não é nem de quando eu estava no *Élodie de Villarreal*, mas no *Domus Oblivio*, na unidade para crianças maiores. Era hora do intervalo e eu estava colhendo pequenas flores em um canteiro dentro da área da escola. Foi quando o menino tido como "esquisito" da minha turma se aproximou. Em geral, não tinha nada de absurdamente errado com ele. Ele parecia um pouco agitado, talvez hiperativo. Quando estressado, puxava as próprias orelhas com os dedos. Elas já eram bem abertas, em formato de abano, e o rumor corria de que tinham ficado assim porque ele as puxava muito. Lembro de uma ou outra ocasião em que ele ficou mais agressivo, quando muito irritado.

Ele respirava pela boca, tinha a pele extremamente pálida e o cabelo loiro, crespo, cortado bem curto. Seu nome era Levi Ocasio. Se aproximou de mim e me pediu uma das florzinhas que eu havia coletado. Eu dei, sem nenhum problema, porque eu tinha outras e ele pediu com jeitinho. Não pensei nada sobre, mas não deu nem cinco minutos e ele voltou, desta vez, correndo, com os braços projetados para a frente do corpo e as mãos abertas, fazendo beijo e gemendo como se quisesse me agarrar para dar um beijo. De cara eu fugi. Um amigo dele da mesma sala que a gente chegou para ver como a cena estava se desenrolando e eu aproveitei para perguntar a ele o que diabos Levi estava fazendo.

— É que ele fez bem me quer mal me quer com a flor que você deu e saiu bem me quer. Agora ele quer namorar com você!

Fiquei correndo em círculos por um tempão, mas Levi me seguia sem parar. O amigo só assistia. Uma hora eu me cansei e precisei sentar. Nessa, eles entenderam que eu estava me rendendo às investidas. Imaginei que interpretariam dessa forma, mas eu estava morta de tanto correr. Senti que não tinha outra opção. Mal senti e ele começou a beijar minha bochecha. A próxima aula era de Educação Física e ele permaneceu grudado a mim. Não demorou para que nos tornássemos o assunto da sala. As outras crianças nos abordavam e mandavam a gente dar beijos no rosto um do outro. Acho que o que me levou a obedecer foi o medo de desagradar que eu lentamente desenvolvi. Na minha cabeça, eu estava ali naquela situação vítima do acaso e das circunstâncias. Nem passou pela minha cabeça que eu poderia responder "não, eu não quero namorar com você".

Acabou que eu me tornei uma vítima mesmo, se já não tinha sido. O professor de Educação Física nos viu e ordenou que fôssemos à diretoria, onde a encarregada nos deu um sermão sobre como o namoro era uma instituição social destinada estritamente aos alunos do Ensino Médio (óbvio que não com essas palavras). Fiquei nervosa. O que meus pais diriam? Acontece que, quando eu cheguei em casa à noite e contei a eles, eles não ligaram muito, não. O meu "namoro" com Levi durou por algumas semanas e o pai dele estava bem orgulhoso sobre isso. Nas palavras da minha mãe, anos depois, "parecia que já ia casar no dia

Figura 12 - Mal me quer, ilustração de Luma Alonso



A imagem é uma manipulação digital da fotografia da pintura original, feita a lápis grafite, guache e caneta permanente sobre papel, de dimensões 21 x 29,7 cm (A4). Fonte: a autora (2023).

seguinte”. Eu dei um jeito de acabar com tudo depois que ele me convenceu a dar a ele de presente uma das minhas pulseiras de miçangas, eu me arrependi e pedi de volta.

Outro exemplo de um momento no qual eu fiz, também com pouca idade, algo que eu não queria, nesse sentido, por causa de pressão, foi quando eu estava no 5º ano, já no Élodie. Tínhamos um tempo livre no final da aula e um grande número de alunos pediu para que a professora — naquele estágio, a aula era com a polivalente Adelaide — mediasse uma partida de Verdade ou Desafio com a turma toda. Você certamente conhece Verdade ou Desafio, Leitor. É um subterfúgio para quebrar o gelo e fazer pessoas se beijarem ou simplesmente fazê-las passarem vergonha gratuitamente. Dito e feito: todos os desafios eram para alguém dar um beijinho na bochecha de alguém. As verdades eram perguntas, às vezes, mais obscenas.

Já tinham saído uns cinco beijinhos quando chegou na vez de Geraldo Tavares, um garoto que eu **odiava**. Ele era grosso, tinha chutado minha mochila uma vez. Catarina Tonelli, uma das minhas amigas mais antigas, que conheci nessa época, também não gostava nem um pouco dele. Era amigo dos meninos arruaceiros da sala, por óbvio, que se encarregaram de pensar na menina que ele teria que beijar. Quem foi, Leitor? Eu, claro... Fiquei muito brava, mas não disse nada, só fiz uma cara indistinguível de nojo. Ele também não pareceu particularmente feliz com a escolha, não. Deu uma bufada e cruzou a roda, se arrastando para onde eu estava. Baixei a cabeça e deixei o cabelo cobrir meu rosto, derrotada. Tavares, como era popularmente conhecido, fez um sonoro barulho de beijo com os lábios, mas não chegou a encostar em minha pele, aproveitando-se da cortina que meu cabelo formou. A sala inteira aplaudiu e gritou, fazendo mais barulho que em todos os outros beijos.

Eu continuava muito irritada. Acho que até fiz que limpei a saliva dele da minha cara para demonstrar meu descontentamento. O pior, no entanto, vem agora. Logo depois de Geraldo, foi sorteado Lívio Filêmon, um outro garoto famoso entre as meninas por ser um traste. Era do mesmo grupinho que o primeiro, mas um pouco

Figura 13 - O beijo de Tavares, ilustração de Luma Alonso



A imagem é uma manipulação digital da fotografia da pintura original, feita a lápis grafite, pastel oleoso e óleo de linhaça sobre papel, de dimensões 29,7 x 42 cm (A3). Fonte: a autora (2022).

mais palhaço e, conseqüentemente, mais irritante, às vezes. Os amigos ordenaram que ele beijasse Benigna Camacho. As memórias que eu tenho dessa menina são boas, ela me tratava muito bem. Tinha o rosto bonito, o cabelo castanho claro avermelhado e curtinho, mas era miúda para a idade. Era filha do nosso professor de Educação Física, de quem gostávamos muito. Ao saber que estava de ser beijada por Lívio, no entanto, ela soltou um enfático:

— Ah, não!

Ela chegou mesmo a se encolher, sentada, recusando de todas as formas possíveis aquele contato. Os meninos já a contrariavam, sorrindo, quando a professora interveio:

— Gente, não vamos obrigá-la a fazer algo que ela não quer.

“Como assim?! Claro que vamos! Eu fui obrigada a fazer algo que eu não queria! Por que ela não vai ser? Não é justo!”, eu pensei comigo. Apesar do desapontamento generalizado, Lívio não foi autorizado a beijá-la. Fiquei com mais raiva ainda. Me senti de fato injustiçada. Afinal, na minha cabeça era claro a todos os presentes que eu não queria que Tavares me beijasse também. Só poderia ser favoritismo por parte de Adelaide! Eu, que buscava sempre obedecer calada, só me ferrava.

A vergonha é uma ferramenta de controle poderosa. Não fosse a vergonha exacerbada que eu sentia, as instituições não conseguiriam, por tanto tempo, ter controlado meu comportamento. Ela não, necessariamente, advém das instituições, em si. O que vem delas é a culpa: a culpa católica de saber que você está pecando quando fornicar, a culpa de decepcionar sua família se você se apaixonar por alguém igual a você, no caso da minha família que não necessariamente se justifica pelos livros sagrados. Já a vergonha acontece quando a sua culpa se torna pública, portanto, ela precisa do cumprimento social para acontecer. Tal como na minha família, os membros da escola de mesmo escalão se encarregavam de te constranger mortalmente se viesse à tona alguma culpa oculta sua. Tudo era imensamente vergonhoso. Lidar com o assunto invariavelmente fazia eu sentir que

estava cometendo um crime. Por outro lado... Demonstrar que eu não conhecia o assunto, da mesma forma, poderia também ser suficiente para eu me tornar o motivo da chacota dentro do Élodie. Por isso, eu ficava tanto na minha.

O acontecimento que eu vou relatar a seguir deve ter se passado no caótico 6º ano. Assim penso porque foi com certeza durante a aula de Artes de uma professora chamada Marlene, veterana de minhas turmas e também das do meu irmão desde que entramos no colégio, três anos atrás. Sua pele era branca e ela provavelmente descendia de italianos, pois me lembro que seus olhos e cabelos, apesar de castanhos, não eram quase pretos como os meus. Eram bem claros, tais como os da minha prima, que tem essa ascendência, muito comum na população paulistana. O rosto dela era pequeno e achatado, o corpo era moderadamente magro e ela costumava andar por aí com um coque na iminência de se desfazer, devido à falta de textura e de comprimento do penteado. Também é preciso acrescentar que, obedecendo ao que parece ser uma exigência curricular tácita para ser professor de Artes, ela era completamente fora da casinha.

Minha impressão inicial sobre a mulher e, creio que a do Dídimo também, pendera para a negatividade, posto que ela, estressada, era por vezes rigorosa com os alunos nos anos anteriores (tudo bem que em geral eu era imune à ira dos professores de Artes por conta da minha habilidade em desenho, basicamente o que exercitávamos durante as aulas). Naquele ano, entretanto, ambos observamos uma visível alteração de comportamento da parte dela para melhor, que atribuímos ao fato de ter engravidado de seu primeiro filho. Naquele tempo, fiz uma análise mais imatura do cenário do que faço hoje, mas mantenho a minha percepção. Me soou que, com um bebê a caminho, ela tinha motivos suficientes para justificar tamanha alegria. Também fiquei contente por ela, como ficava por todas em semelhante condição — mesmo as por quem eu não morria de amores —, afinal, adoro crianças. De algumas de minhas colegas, por outro lado, eu ouvia, com repulsa, planos de se embeberem em perfume para fazerem as mestras grávidas enjoarem ao abraçá-las. Mas isso não vem ao caso, é mais uma mera indignação pessoal que guardei para mim por todo esse tempo.

Se não me engano, Marlene sairia de licença depois das férias de julho, dando vez, então, para uma professora substituta de quem eu também viria a gostar. Depois de seu merecido afastamento, ela voltaria, estranhamente, com o mesmo pique e bom humor de antes. Parece que a maternidade pode mesmo ser um dom apaixonante e um divisor de águas para algumas, afinal de contas. No último semestre em que deu aula antes de dar à luz, talvez por ter pensado que vê-la de barriga faria agravar em nós, estudantes, a curiosidade sobre a origem da vida, ela assumiu para si a função de fortalecer nossa educação sexual, fornecendo uma perspectiva mais focada nos aspectos sociais das relações ao invés de nos fisiológicos, como fizeram os livros didáticos de Ciências do ano passado. Um atrevimento digno de uma professora de Artes, sem dúvida, mas ainda assim, me pareceu formidavelmente progressista para os padrões de 2009 e, por isso, tenho que dar o devido crédito.

É claro que não sei determinar até que ponto foi uma escolha autônoma dela em detrimento de um incentivo do Conselho docente ou da própria Diretoria da escola, mas sei que, nessa fase, em que a sexualidade deixou de ser conteúdo programático e se converteu exclusivamente em questão de saúde pública, eu só via Marlene e ocasionalmente os responsáveis por outras matérias “menos importantes” cederem tempo de aula para discussões dedicadas ao tópico. Eu era muito nova para me importar o suficiente com essa dinâmica e é possível que eu sequer a compreendesse com profundidade: para mim, matar minutos de estudo naquele inferno era sempre um ganho, ainda mais se fosse tendo uma conversa sobre um assunto proibido. Mas... Desenhar era, e ainda é, o que eu mais gosto de fazer na vida e, pelo resto do tempo todo eu estava fazendo coisas que eu odiava. Por que não falar sobre aquilo durante a aula de Português, ou, melhor ainda, de **Matemática**, já que havia ao menos cinco aulas semanais de cada, contra apenas uma dobradinha de Artes? Sei que a professora concedia o espaço de bom grado, mas por que desperdiçar, fazendo outra coisa, justo a única hora em que eu não estava absurdamente miserável ali?

A resposta para essas perguntas é que a Arte é como um trunfo para as escolas: nela se encaixa o que sobra nas demais disciplinas. Veja, por exemplo, como os superiores não pestanejam em chamar os professores de Artes para

organizar as festas de final de semana — que quase sempre nem guardam relação temática com os estudos vigentes nos momentos letivos em que ocorrem — simplesmente porque se espera que esses profissionais, já que ministram conteúdo mais “dispensável”, arranjem tempo hábil para recortar mecanicamente bandeirinhas de festa junina ou coisas do tipo. “Mas você não é artista? Artistas servem para decorar!”, ainda dizem na nossa cara. Acontece que, se assim convier, a Arte facilmente se torna responsável por todo e qualquer tema, no entanto, o contrário também é verdadeiro.

Veja como fizeram de tudo para obliterar essa expressão artística, só porque ela dava palco para outras formas de vivenciar a identidade e as relações humanas que não aquelas canonizadas. Entendeu o esquema? Nessa conjuntura, a sexualidade deixou de ser problema da Arte. A partir de então, foi postulado que o artista não deveria tratar dela abertamente e sem bom gosto, porque isso ameaça a moral e o estilo de vida com o qual as pessoas estão acostumadas. Ao longo do meu 6º ano do Ensino Fundamental, embora as interações corriqueiras fossem abertamente menos progressistas, a nuvem do ultra conservadorismo ainda não havia se condensado sobre nosso céu brasileiro. Diferente de hoje, em que as grandes igrejas querem vetar que a sexualidade seja um problema até da escola em si, pregando educação sexual zero; naquele tempo, os pais, conservadores somente até certo ponto, apreciavam o galho que os professores quebravam em poupá-los de ter com os filhos conversas embaraçosas em casa. Talvez fosse melhor compreendido o fato de que falar sobre sexo com pré-adolescentes tende a retardar o início da vida sexual.

Eu não queria me estender demais nesse assunto, porque francamente, pensar nele me dá um pouco de raiva e sei que, sozinha, em minhas frustrações, dificilmente serei capaz de alterar em algo a forma como as coisas são. É um distúrbio da ordem da mentalidade coletiva, e, portanto, colossal: nada vai mudar enquanto a hierarquia dos saberes não for derrubada, mas eu também não vou panfletar em favor da importância da arte para quem quiser ouvir sem que haja contexto para isso. Por ora, me dou por satisfeita em ao menos chamar a sua atenção para tal discriminação, Leitor, pois sei que você abre este livro com a mente aberta para as falhas da instituição escolar, mesmo na hipótese de o estar lendo

contra sua vontade. Sem me delongar, então, adianto, que, como de costume, me acovardei e não lutei contra a formalização daqueles diálogos, que passaram a tomar um tempo semanal fixo das aulas da Marlene. Não sei precisar quanto, mas a minha percepção é de que era um bom tempo, talvez porque eu raramente conseguisse acompanhar os tópicos de discussão, o que prejudicava meu investimento nas conversas e me deixava entediada.

Isso acontecia porque eu ainda era inocente, sim, mas também porque eu acho que a forma de a Marlene discursar (e da maioria dos pais e dos professores, talvez) prejudicava o entendimento. Hoje, eu compreendo que não apenas o meu, muito provavelmente. Nesse dia sobre o qual quero contar, eu fiquei sem entender quase nada até mais da metade da fala. Lembro que ela nos sentou de pernas cruzadas, com a turma formando um modesto círculo no chão de nossa maravilhosa sala de Artes, perto de uma janela por onde entrava bastante luz, bem longe da porta; contudo não tenho memória alguma dela explicando o que ia fazer com a gente naquele intervalo de tempo. Sei apenas que, uma vez tendo engrenado no papo efetivamente sexual, ela dizia tudo com uma **sutileza aflitiva**. Nada estava me conectando àquele falatório, sequer o conteúdo do que era colocado chegava a me apetecer. Fui involuntariamente puxada para o meu mundo interior e dele não saí até por acaso ouvir uma palavra solta e perceber que aquela era a ordem para que se começasse a chamar individualmente as pessoas; um dos meus medos mais antigos e mais persistentes em sala de aula.

Meu coração acelerou e minhas costas gelaram. Como pude deixar aquilo acontecer? Tanto se as outras crianças sacassem que eu estava distraída como se depreendessem minha condição geral de ignorância, zombariam de mim pelo resto do dia. Vacilei demais. Só restava correr atrás do prejuízo. Vesti na face minha melhor expressão neutra e passei a prestar toda a atenção que pude nos lances que viriam a seguir, num último recurso para tentar pegar o fio da meada. Foi aí que então a professora colocou em pauta o seguinte:

— Se um pai pegar o filho se [uma palavra que eu não entendi], ele vai bater no peito e dizer “meu filho é macho”. — Sugeriu o gesto, com os punhos cerrados se alternando entre os dois lados do tórax como um gorila. — Agora, se o pai pegar a

filha se [a mesma palavra que eu não entendi], ele vai gritar e até pode bater na filha.

E agora, mais essa: o que ela tinha dito? Na época eu não escutava tão bem, porque meus ouvidos têm maior propensão natural a ficarem congestionados e, se eu não limpá-los a cada semestre no otorrinolaringologista (como era o caso na época, porque eu não sabia desse diagnóstico), minha audição, em especial em ambientes com bastante poluição sonora, torna-se significativamente limitada. Será que era por isso? Eu simplesmente não tinha escutado ou eu não conhecia mesmo a palavra? Qualquer que fosse a condição, eu teria a cara de pau de perguntar para tirar a dúvida? Com a maior discrição possível, rolei os olhos em volta para tentar adivinhar se mais alguém estava confuso ou se era apenas eu. Com exceção dos mesmos dois ou três que nunca faziam nada, todos pareciam estar em sintonia. Mais um sinal claro para eu ficar na minha e fazer cara de pôquer. O medo da humilhação que poderia vir na eventualidade de ser chamada para comentar aumentava exponencialmente, e a curiosidade sobre o termo misterioso também. Eu já não precisava nem me concentrar para ouvir meu próprio coração bater. Até que as palavras finalmente saíram:

— Que é isso?

A turma inteira pôs-se a gargalhar sonoramente. Mal esperaram terminar a última vogal da sentença. Tudo conforme eu temia. Hoje compreendo ser provável que o intuito daquela cena toda fosse constranger alguns como forma de afirmar outros poucos inseguros, e, nessa, a maior parte do pessoal entrava apenas para se salvar de ser a próxima vítima. Imagine como não eram forçados aqueles risos e, sendo assim, como não me irritavam. Ao mesmo tempo, quantas vezes eu também não havia sido cúmplice dessa forma de violência, numa tentativa de me proteger dela?

— Porra, Fernando, você não sabe o que que é?

Eu disse que as palavras saíram, mas não da minha boca. Quem chegou ao excesso fútil de cobrá-lo abertamente por não saber deve ter sido Jairo, um garoto

baixo para a idade, que não parava um minuto e que parecia encantar a todos com seu charme, apesar de, na verdade, ser terrível. Mais ou menos como Darin, menino que Dídimo tinha conhecido no primeiro ano de Élodie (e que hoje é nosso amigo mais antigo), salvo que este não é sutilmente cruel, como o outro era. Jairo era tão cativante que até eu gostava dele nesse ano. Gostava mesmo, tinha uma queda por ele. Seu cabelo, castanho claro, quase alaranjado, era liso e mantido na altura dos ombros, algo incomum para os meninos da época. Acho que era isso o que mais me atraía nele, porque sempre adorei cabelos compridos. Também, ao contrário dos outros, nas poucas vezes que me dirigia a palavra, não me tratava mal.

Fernando, o coitado que acabou se atirando aos leões, era o oposto de Jairo em diversos sentidos. Por mais que, na falta de opções melhores, ocasionalmente até andasse com os meninos que causavam problemas, ele mesmo não fazia nada de errado. Era educado, não caçoava de ninguém... Não sei dizer como eram suas notas, mas, do ponto de vista comportamental, não havia nada a declarar. Lembro-me bem dele porque, todos os anos, no último dia de aula antes das férias de dezembro e janeiro, levávamos, cada um, uma camiseta de uniforme à parte para os colegas assinarem desejando boas festas e, numa dessas ocasiões (quicá a do próprio 6°), ele escreveu para mim “Espero que você seja muito minha amiga”. Foi engraçado porque, onde eu vi uma sincera manifestação de carinho e admiração, minha mãe viu uma deixa para se empolgar e reservar a data do casamento. Tão rápido quanto ela alimentou esperanças, no entanto, elas morreram, quando ela descobriu que o menino estava longe do padrão de beleza que ela idealizara para o meu futuro marido. Mesmo que fosse da vontade dela, eu não me juntaria com o menino se eu não quisesse, mas nem amigos nós dois chegamos a ser. Nossa relação era meramente cordial, ainda que eu apreciasse a pessoa dele. De todo modo, eu estaria mentindo se dissesse que não me senti aliviada naquele momento quando ele deu a cara a tapa em meu lugar, mesmo que ele não tenha feito com a intenção de me proteger (afinal, era bobo para entender pelo que eu estava passando) e que eu compreendesse que as consequências para ele a curto prazo seriam aterradoras.

— Vocês parem de rir dele. — Marlene advertiu. — Ele não sabia o que era e perguntou, foi uma atitude muito corajosa. Eu tenho certeza de que tinha outros aqui que não sabiam o que era e que não perguntaram nada, com vergonha.

Uma indireta para mim? Fiquei genuinamente com a pulga atrás da orelha. Talvez a minha ausência de expressão funcionasse apenas com outras crianças. Creio que, se eu, com a idade que tenho hoje, fosse a professora em cena, teria percebido, mas, até aí, é uma fantasia que todos temos. Há várias coisas muito mais óbvias que me escapam. Sei que, por urgência de sobreviver à aula, pratiquei tanto essa “cara de nada” que ela fugiu do meu controle. No Ensino Médio, quando um *bully* me trancou para fora da sala na hora que eu estava voltando do banheiro, ele soltou, irado, pela janelinha da porta que fazia aquilo “porque não gostava de pessoas sem expressão”. Tive que **produzir** um semblante de ódio para encará-lo até a professora ordenar que ele me deixasse entrar, mas na realidade fiquei profundamente magoada com aquilo. Desde então, me senti muito insegura sobre como meu rosto se apresentava e reagia ao que os outros — em particular aqueles com quem eu não tinha intimidade — falavam, me sentindo obrigada a forçar movimentos faciais. Eu senti algo parecido recentemente, durante a avaliação da Désirée, uma das professoras de Pintura da Universidade, quando eu tentei explicar que não me lembrava do **nome** de uma das disciplinas que cursei com ela, ela se zangou comigo e falou na frente da turma toda que eu “não estava nem aí, provavelmente entrei muda e saí calada e entreguei qualquer coisa”. Acontece que ser quieta é outra grave vulnerabilidade histórica minha. Abri as pernas, cruzei os braços e olhei para o chão por uns bons três minutos.

O fato é que naquele contexto do 6º ano, não seria tão importante se somente a professora tivesse notado, porque ela não me exibiria ao resto dos alunos e eu estava certa disso. A função daquele comentário (não direcionado apenas a mim, pensando bem) era de fazer com que refletíssemos internamente sobre nossas ações e isso eu assimilei logo de cara. Era quase uma postura moralista da parte dela, como se fosse errado não querer se expor ao ridículo, e zombar dos outros por dúvidas honestas, não necessariamente. O puxão de orelha foi breve. Ninguém se retratou verbalmente, mas o convite à penitência serviu ao propósito de silenciar as vozes estudantis, abrindo, assim, espaço para que Marlene proferisse a tão

aguardada explicação sobre [a palavra]. O clima que a roda assumiu, então, foi surreal. Não digo que me lembrou uma igreja porque as imagens da professora e da sala de Artes, muito afrescadas, em todos os sentidos, me soam incompatíveis com as respectivas alegorias católicas, do padre e do templo. No entanto, definitivamente me pareceu que estávamos em um ritual de algum outro tipo de religião, que fosse ao ar livre, talvez oriental, ou mesmo em uma sessão de meditação guiada. Todos sentiram que precisavam manter a calma e a postura, em respeito àquela entidade tão intocável que seria apresentada a nós por meio da fala da celebrante.

O discurso que ela deu corroborou essa iconografia toda de uma forma que não só eu acredito que não tenha sido intencional como acho que ela teria evitado se pensasse um pouco mais sobre o assunto. O que Marlene disse foi que a [palavra] era a íntima jornada na qual uma pessoa passa a conhecer seu próprio corpo e, conseqüentemente, a se autoconhecer. Foi isso. Então seguiu colocando incontáveis argumentos derivados (como o do machismo, posto anteriormente), como se aquele nível de repertório bastasse para tudo o que fora falado até o momento fazer sentido. Pelo contrário, acho que eu nunca fiquei tão confusa na minha vida. Lembro que, quando criança, possivelmente por não ter desenvolvido por completo a capacidade de abstrair conceitos, não conseguia pensar em absolutamente nada a não ser através de imagens, mesmo que, por vezes, difusas e arbitrárias. A visão que surgiu na minha cabeça a partir daquela “interpretação” foi a de uma mulher sentada com as pernas dobradas. Nua, sim, mas coberta em todas as partes que não poderiam ser mostradas por um grande tecido vermelho, pesado, porém macio ao toque. Ela passava as mãos pelos ombros e os olhava.

Não se engane, Leitor. Essa figuração não me ajudou a entender nada. Os carinhos da moça de minha fantasia em si mesma eram completamente inocentes e, naquele dia, jamais eu entenderia por minha conta que, para ser o que a Marlene estava querendo dizer, eles precisavam ser bem mais embaixo (literalmente). Minha mente reproduziu com precisão aquilo que a professora falou. Também me parecia bobagem em alguma medida, mas decerto não era de todo impossível que alguém tocasse suas partes do corpo para genuinamente conhecê-las e sentir que formato

Figura 14 - A moça de vermelho, ilustração de Luma Alonso



A imagem é uma manipulação digital da fotografia da pintura original, feita a lápis grafite, pastel oleoso e óleo de linhaça sobre papel, de dimensões 29,7 x 42 cm (A3). Fonte: a autora (2022).

tinham. Faço isso com minhas orelhas, às vezes, quando quero desenhá-las, embora não seja uma técnica muito eficiente. Vai ver era isso. Me perguntei, em tal caso, por que o pai da jovem bateria nela ao vê-la tocando os próprios ombros, já que era somente uma atitude esquisita e nada mais. Então raciocinei um pouco e me dei conta de que poderia ser um cenário plausível também, uma vez que, como menina, eu não sentia que podia fazer os mesmos gestos corporais que os meninos. Fuçando na memória, reparei que, de fato, costumavam me chamar a atenção por alguns trejeitos banais e até mesmo pela forma de me sentar.

A moça do autoconhecimento persistiu tão gravada em meu cérebro que consigo recriá-la com fidelidade e riqueza de detalhes até hoje. Já a verdade sobre [a palavra] e seu significado eu só fui deduzir vários anos mais tarde. Por sorte, nunca fui chamada para comentar sobre na frente da turma e, deste modo, me safei de passar uma vergonha titânica. Mas sabe qual é a pior parte dessa história toda? Organizando minhas recordações para escrever, concluí que, com essa idade eu já sabia o que era masturbação. Nunca tinha feito, mas já tinha visto vídeos de adultos fazendo e já conhecia, inclusive, por esse nome, que, pela similaridade sonora, tenho certeza de que foi o mesmo que a professora empregou. Presumivelmente eu não escutei mesmo a palavra nas vezes em que foi pronunciada e depois fui incapaz de vincular a ideia que Marlene apresentou à noção que eu já tinha pré-construída, por isso, nem me ocorreu que pudessem ser a mesma coisa. Ainda que eu goste da metáfora que ela utilizou e que reconhecer o âmbito do autoconhecimento contido no ato em questão possa ser revolucionário para o amadurecimento da sexualidade de uma pessoa, ela acabou deixando totalmente de lado a dimensão do prazer descompromissado de alguém que, por aquele instante, não busca atender a quaisquer expectativas senão as suas. Se tivesse mencionado que, na maioria das vezes, o objetivo dessa ação é um mero deleite cotidiano ao invés de uma exceção ritualística — como, aliás, eu já tinha aprendido em minhas fontes, embora horríveis —, é provável que não tivesse a mistificado tanto a ponto de conseguir alterar a atmosfera do ambiente quando fala dela.

Por isso que eu disse: é muito importante ser claro sobre as coisas. De que adiantou a polidez, se não me comunicou quase nada? Nas poucas aulas particulares que dou atualmente, eu não falo sobre sexualidade a não ser quando

perguntada, porque não acho que educar sobre isso seja meu papel, entretanto, compartilho da opinião de que, ao tratar do tema, devemos ser tão diretos quanto apropriado e dispensar o uso de eufemismos. De novo, não estou defendendo que digamos obscenidades às crianças. Somente que sejamos claros, porque esse tipo de informação é útil para que as crianças saibam impor seus próprios limites e, em casos mais extremos, até denunciar abusos.

Mas isso tudo foi no Ensino Fundamental. Finalmente vou te contar um pouco do Colégio Destino, onde eu cursei o 9º ano e o Ensino Médio completo. Eu tinha tanto desespero para fugir do Élodie de Villarreal, para me livrar do *bullying* que fazia minha existência miserável, que acabei encarando o Destino como uma espécie de terra prometida. Estudar lá acabou sendo muito bom para mim, sim (descobri mais tarde que para o Dídimo e o Darin, nosso amigo mais antigo, nem tanto), porque lá eu fiz a maior parte dos meus amigos próximos e também me inspirei a estudar para entrar na Universidade na qual estou me formando agora. Isso porque é uma escola voltada para a aprovação nos vestibulares mais concorridos, então, se eu não tivesse começado a cultivar essa mentalidade nos meus anos finais de escola, talvez eu não estivesse onde estou hoje.

No meu primeiro dia de aula no Destino, minha mãe colocou uma faixa no meu cabelo, para separar o comprimento da franja e **me acompanhou** até a porta da sala. Ela até puxou assunto com outros alunos e perguntou se eu não queria que ela nos apresentasse. Falei que não, pois já estava com vergonha o suficiente. Eu tinha 13 anos. Sem que eu percebesse, era observada enquanto passava por isso. Quando minha mãe saiu, uma garota muito alta, branca, de bochechas rosadas e cabelo ondulado castanho escuro veio falar comigo. Ela tinha a expressão sonolenta, mas achei que fosse por conta do horário, afinal, eu também não tinha dormido nada na noite anterior. Ela me disse que seu nome era Iracema e perguntou sobre o protecionismo da minha mãe. Não de um jeito debochado. Logo vi que ela queria adotar uma amiga introvertida, como eu, e simpatizei com ela de cara.

Logo, mais uma se juntou a nós, porém uma cujo rosto era conhecido para mim: Catarina Tonelli, que anos atrás havia estudado comigo no Élodie. Inconfundível. Ela também me reconheceu. Não chegamos a ser amigas na outra

escola, mas ocasionalmente dividimos as mesmas rodinhas de meninas. Quando entrei no Destino, as mensagens de texto pagas por unidade eram mais comuns do que as de quaisquer outros aplicativos de mensagem e eu saquei o celular para avisar as garotas do Élodie que encontrei com Catarina.

Calhou de a primeira aula daquele dia ser Inglês. Molezinha. Se não me engano, naquele ano tivemos duas professoras para essa disciplina e logo que entraram, dividiram a turma em grupos. Foi aí que eu conheci a Marcelly Cheng, sobre a qual te falei há algum tempo, com a qual fazia dupla para retrato e mais dois meninos que seriam nossos amigos: Valério Sartori e Leandro Scheffer, um dos rapazes mais ridiculamente lindos que eu já tinha visto na minha vida. No Destino, tínhamos intervalos de cinco minutos a cada aula que acabava e, assim que isso aconteceu, Iracema e Catarina vieram se juntar a nós quatro, trazendo, com elas, ainda mais um amigo, um outro Leandro, de sobrenome Lins.

Essa molecada era bem bacana e me afeiçoei naturalmente por todos eles. As dinâmicas interpessoais eram leves e divertidas, parece que tudo se encaixou bem. Lins, um menino muito magro e alto pra chuchu, com olhos puxados e cabelo encaracolado, era inteligentíssimo. Uma vez, Iracema perguntou uma divisão quebrada para ele fazer de cabeça e ele deu o resultado com precisão de cinco casas decimais. Fiquei boquiaberta. Ele tinha estudado no Élodie no passado e conhecia de nome eu e Dídimo como “os irmãos com cara de tristes”. Eu estava o vendo pela primeira vez, mas gostei do senso de humor dele. O que, por vezes, o afastava do restante do grupo era que ele era tido como tarado, já que fazia muitas piadas obscenas.

Quando isso acontecia, “desisto dessa conversa” era o bordão de Catarina. Ela não havia mudado nada desde a escola antiga e parecia uma típica adolescente de classe média norte-americana da década de 2010. Foi a primeira de nós a ter um *smartphone*, andava com camisetas *tie-dye*, tinha o cabelo liso, castanho e comprido, olhos cor de mel, sardinhas no rosto, gostava de filmes de princesa... Também era a única a ter paciência para fazer delineado às 7:00 da manhã. A única coisa que a tornava alvo de *bullying* de vez em quando (não nas nossas mãos, pelo amor de Deus) é que nunca foi magra como as garotas populares.

Outro que escutou por conta disso foi Valério. Assim como os Leandros, ele era bem alto, mas não tinha o abdome trincado. A atitude dele sobre atrair comentários, mesmo que negativos, era, no entanto, fenomenal. “Se eles falam de mim, é porque eu chamo atenção”. Não se deixava aborrecer. Ele só ria e tinha uma risada muito engraçada. Falava besteira pra caramba. Certa vez perguntou, por exemplo, de que bicho era feito o peito de peru. Estava falando sério. Ele zoava muito a Marcelly, também, que ficava um pouco irritada, mas gargalhava até não poder mais.

Em resumo, éramos um bando de párias que se aglutinaram para não ficar sozinhos. Éramos todos absurdamente diferentes, mas gostávamos da companhia uns dos outros. O mais padrão era Scheffer e, na verdade, eu não sei ao certo por que ele quis andar conosco: loiro, cabelos lisos, olhos verdes, alto, magro, rosto bonito, maxilar bonito... Além de tudo, era simpático! Todas as meninas jogavam as tranças para ele, mas ele parecia não ligar para isso. Botava sempre os amigos em primeiro lugar e sabia muito bem do que gostava. Não tinha o mesmo ímpeto que os outros meninos de provar o tempo inteiro sua macheza. A sensibilidade dele era um exemplo para todos nós. Agora que me lembro... Ele só ficava um pouco constrangido quando mencionávamos sexo. Se vocês o vissem hoje em dia...

Na segunda semana de aula, mais três garotas que já eram amigas de Iracema, Catarina e Lins apareceram. Eram elas: Safira Meirong, Catarina Miyazaki e Izolina Beger. As três haviam faltado à abertura do ano letivo porque estavam viajando com suas respectivas famílias. Meirong e Miyazaki eram, ambas, de famílias japonesas. Beger, havia vindo do sul do Brasil, mas não me lembro de especificar sua ascendência. Ela falava uma ou outra expressão diferente das que falamos aqui. Meirong era muito alta e de pele muito clara, de cabelos compridos, escuros, expressão séria... Fisicamente muito forte, também, uma presença intimidadora. Miyazaki era uma beldade com um sorriso lindo e um cabelo ondulado igualmente maravilhoso. Foi dela que eu disse que roubei minha caligrafia. Izolina também era muito bonitinha, mas quase nunca sorria. Seu cabelo era escuro e seus olhos, cor de mel. O tom da pele se aproximava da cor dos olhos e ela era baixa, da

minha altura. Iracema me confidenciou que no ano anterior, tinha enfiado a garota numa caixa de papelão da Campanha do Agasalho, porque ela estava a irritando.

Safira recebeu a nós, alunos novos, tranquilamente, e eu descobri em pouco tempo que apesar da aparência ameaçadora, ela era um docinho e uma excelente amiga. As outras duas meninas, contudo, ficaram ressabiadas. Por meses. Se recusavam a nos tratar da mesma forma. A pior era a Izolina, que dizia para nós escutarmos que sentia saudades de quando eram só eles cinco. Iracema e Tonelli tentavam nos proteger para que não nos sentíssemos excluídos, mas chegou um ponto que se tornou insustentável, já que a garota cismou de simplesmente ignorar Scheffer, mesmo quando ele falava com ela.

No 1º ano do Ensino Médio, Izolina teve de nos engolir, porque viu que não seria da forma que ela desejava. Até Miyazaki, de quem ela era mais próxima, estava se dando bem conosco. Então, começou uma das épocas mais legais da minha vida, embora eu não percebesse isso no momento. Chegamos a ser onze pessoas, porque naquele ano se juntou a nós, também, Monique Yao, uma garota super comunicativa que transitava por entre várias panelinhas, mas que tinha uma preferência por nós. Ocupamos duas fileiras de carteiras, perto da porta, mais à frente da sala. Iracema, ou, simplesmente, Ira, se sentava atrás de mim e ficávamos o tempo inteiro conversando por meio de bilhetinhos. Ela tirava uma com a minha cara, às vezes, mas eu gostava. Ficamos muito próximas.

Sáfamos juntos como grupo quase todos os finais de semana e alguns dos nossos programas favoritos eram eventos de *anime*. Num desses, ela conheceu um rapaz. Ele tinha 18 anos e ela, 15. Izolina previu que dali a três meses, os dois começariam a namorar e, de fato, aconteceu, e no prazo que ela estipulou. Nós nos percebemos como desajustados sociais e, por isso, a possibilidade de namorar nem passava pelas nossas cabeças. Foi muito louco perceber que podia acontecer de você gostar de uma pessoa ao mesmo tempo que ela gostasse de você, que isso não era uma exclusividade dos filmes e que nem sempre comunicar seu interesse por alguém necessariamente resultaria em rejeição.

Mas... Começou a sobrar menos tempo para a nossa amizade. A gente tinha uma piada interna que algumas das nossas integrantes eram casadas. As Catarinas eram casadas entre si (Miyazaki chamava Tonelli por aí de “esposa”) e eu era casada com Ira. na época, eu fiz até certidões de casamento para nós e, quando contamos isso ao cara com quem a minha esposa estava conversando, ele brincou que eu era a pior inimiga dele. Quando Ira percebeu que seria pedida em namoro, ela pediu o divórcio para mim. Aí ele que virou meu pior inimigo, até porque ele era de uma outra cidade, então, como ela nos via a semana inteira, quando chegava o final de semana, ela queria sair com o namorado.

Pouco tempo depois, uma outra notícia ruim: Iracema estava para mudar de escola no ano seguinte. Seu pai, que era professor da faculdade que funcionava no Destino à noite, tinha conseguido emprego em outra instituição, então a família inteira mudaria. Seria só no final do ano, mas eu fiquei triste. Claro, sabia que eu nunca tinha tido uma amizade tão forte quanto as que tinha com aquelas pessoas e que não seria assim tão fácil para desfazer. Afinal, ela era uma garota legal e genuinamente gostava de mim. Tendo vontade de ambas as partes, como tinha (vide o fato de que nos mantemos muito amigas até hoje), nossa relação não mudaria. Mas... Vê-la todo dia fazia valer a pena levantar dez pras 6:00 da manhã.

Em um dos últimos dias de aula antes das férias de verão, estava um sol de lascar. Nós tínhamos um cantinho do lado de fora onde esperávamos nossas caronas para casa chegarem, já que elas demoravam muito. Era um banco em formato de octógono, isolado de onde os demais alunos ficavam. Dava para ver a rua, conversar em paz... Excelente. Estávamos ali, uns de pé, outros sentados, falando sobre alguma coisa. Eu estava de pé, distraída e Ira, do meu lado. Foi quando ela me chamou:

— Ô, Luma...

Virei e ela me agarrou pelo braço, então me puxou para perto de si e se curvou sobre o meu corpo para me dar um beijo. Mantive meus olhos bem abertos. Ali, do nada? Na frente de todo mundo? Como eles não estavam tão chocados quanto eu? Nunca tinha beijado ninguém. E... Também não foi naquele dia. Quase

sem que eu percebesse, enquanto ela me segurava com o braço esquerdo, com a mão direita ela cobria minha boca, para que nossos lábios não se tocassem. “É uma técnica de teatro”. Ficou muito discreto, mesmo.

Nunca mais estudei com Ira, mas também nunca deixamos de nos ver. Hoje, ela termina a faculdade no interior do estado e, sempre que está na cidade, vamos em *dates* de amigas, só eu e ela. Ela acabou terminando o relacionamento com aquele cara do evento de *anime* e hoje está com um homem muito bom. Muita água rolou nesses mais de dez anos que nos conhecemos. Ela, Tonelli, Scheffer, Lins, Meirong, Monique e eu ainda somos um grupo forte e nos encontramos regularmente. Perdemos contato com Valério, mas essa semana, Scheffer o encontrou em um aplicativo de relacionamento. Eu já tinha te falado que também não converso mais com Marcelly, mas a Meirong ainda a vê aos finais de semana. Morro de saudades da Miyazaki, mas sei que a probabilidade de voltarmos a ser amigas é mínima. Quanto à Izolina, como era previsto, um belo dia, brigou com todos nós. Voltei a ter contato com vários outros ex-colegas do Élodie e também do Destino e percebi que eles não são tão ruins assim. Não podemos julgar as pessoas pela maneira como elas agiam quando crianças.

Figura 15 - Nós, 2013, ilustração de Luma Alonso



A imagem é uma manipulação digital da fotografia do desenho original, feito a lápis grafite e caneta permanente sobre papel, de dimensões 21 x 29,7 cm (A4). Fonte: a autora (2023).

6 SEM RUMO: O HORIZONTE DE UMA VIDA QUE EU NÃO CONHEÇO, REFLEXÕES E DESPEDIDA

2023 será meu primeiro ano sem estudar. Eu não sei o que vou fazer. Por um lado, é revigorante não estar presa a uma rota pela primeira vez na vida, mas, por outro, estou muito cansada. Escrever este livro foi custoso para mim, foi custoso para a minha saúde, mas valeu cada página. Eu gostaria de ter colocado mais relatos, Leitor, e, se, um dia, você tiver paciência, quem sabe eu não vou. Há muito mais memórias da onde vieram essas, mas acho que conseguimos, se não chegar a conclusões fechadas, refletir sobre algumas das questões mais caras e antigas à instituição escolar.

Foi muito bom, se não melhor ainda, para mim, também. Eu pude fazer justiça à aluna que eu fui e à criança que fui. Me dar atenção. Falar o que na época eu não disse. Mesmo que ninguém lesse, mesmo que você não lesse, eu pude escrever e eu pensei sobre tudo o que escrevi. Coisas que estavam, há muito, enterradas e que precisavam vir à tona. Percebo agora que, apesar da mídia ser radicalmente diferente das que costumo usar, este livro se assemelha muito aos meus outros trabalhos artísticos, à medida que é tanto um autorretrato quanto uma análise crítica do meu cotidiano e, nesse sentido, ele não precisa acabar agora. Afinal, por acaso, eu já te contei, Leitor, de onde surgiu a ideia para escrever este livro?

Lá em 2020, no meu primeiro ano de Licenciatura, na disciplina de Didática em que me matriculei na Faculdade de Educação, tive uma professora muito afável chamada Roseli. Em uma das nossas poucas aulas presenciais antes do fechamento da Universidade, ela levou bolo de cenoura com calda de chocolate para a turma toda, porque era seu aniversário e ela quis dar uma pequena festinha. Realmente, um amor de mulher. Ela nos passava uma atividade semanal denominada “Relatos de experiências escolares”. A cada vez era um foco diferente: indisciplina, instalações escolares, lições de casa...

A professora Shanaya também fez isso algumas vezes nas Artes Visuais. Eu adorava a ideia! Podíamos contar a elas o que estava no âmago dos nossos seres.

No meu caso, tentar resolver a minha relação complicada com a Escola através de uma das minhas atividades favoritas, que é a escrita. Para efeito pedagógico, de fato, o exercício nos levava a ser conscientes quanto às nossas próprias decisões como professores em aula, já que muitos dos nossos modos de operar são aprendidos com base nos modelos do passado. Hoje, eu conheço bem minhas tendências. Eu entendo por que o grito de Leôncio foi um gatilho tão forte para mim.

Então, Leitor, se você for um professor, faça isso também. Relembre seus tempos de aluno. Mas não só pense neles: escreva-os. Escolha palavras para eles como se você fosse contá-los a mim. Bote sua cabeça para trabalhar e talvez você descubra aspectos do seu trabalho que, de ocultos, vão passar a ser óbvios, como tantas vezes eu fiz e admiti a você. Se você é um aluno, guarde bem em sua mente o que passa contigo. Faça registros. Faça certidões de casamento e de divórcio fictícias para os seus amigos. Quando encontrá-las depois de dez anos, como eu, deixe a vergonha esquentar seu coração. Se você não é nenhum dos dois, eu espero que a nossa conversa tenha sido proveitosa ainda assim e que te inspire a recordar. Qualquer que seja o caso, obrigada por passar este tempo comigo e até logo.